



ULTRAPROCESSADOS

PB tem 3º maior consumo do NE

Nos lares paraibanos, 16,5% dos alimentos adquiridos são superindustrializados, aponta o IBGE. **Página 6**

Colecionadoras e artesãs saem em defesa dos bebês *reborn*

Bonecas hiper-realistas viraram polêmica nas últimas semanas e dividem opiniões na internet.

Página 5

Estado promove mais de 65 mil atendimentos itinerantes

Ações facilitaram o acesso da população a serviços públicos em diferentes áreas e municípios.

Página 3

■ “As notícias que podem ter parte comigo não vêm mais por onde me ensinaram. A mídia, onde está a velha *media*, palavra que enchia a boca na onda revolucionária de McLuhan?”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Botafogo-PB joga, hoje, fora de casa

Partida contra o Figueirense-SC, ocorre, às 19h, no Orlando Scarpelli, em Florianópolis.

Página 21

Apicultura na preservação da Caatinga

Em São José dos Cordeiros, no Cariri, a atividade ajuda a enfrentar os desafios impostos ao bioma.

Página 20

Tradição católica celebra Nossa Senhora



Considerado Patrimônio Cultural da Paraíba desde 2019, o ritual da queimação das flores, realizado no Sítio Caiçara, em Dona Inês, encerra as festividades do mês dedicado à santa.

Página 25



Foto: Roberto Guedes

Mercados públicos estimulam interações sociais

Além das tradicionais feiras livres, espaços resgatam a cultura popular por meio da comercialização de produtos artesanais, da oferta de experiências gastronômicas e de apresentações musicais.

Página 8

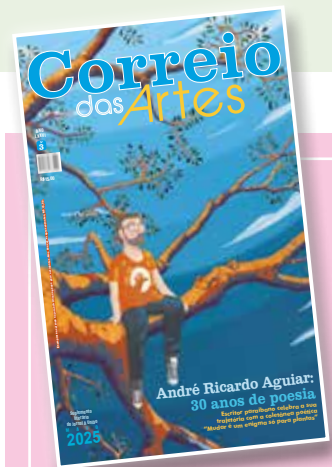
Jorge Furtado comemora retorno de seus filmes aos cinemas do país

Diretor comenta a reestrea do curta “Ilha das Flores” (1989) e do longa “Saneamento Básico, o Filme” (2007), que tem Fernanda Torres, Wagner Moura, Camila Pitanga e Bruno Garcia no elenco.

Página 9



Foto: Divulgação



Correio das Artes

O universo das letras do escritor André Ricardo Aguiar é o destaque desta edição, que aborda a trajetória do autor na poesia, na prosa e na editoração. O suplemento traz ainda um ensaio com a fotógrafa Kleide Teixeira.

Editorial

Sob fogo cruzado

O cuidado com as crianças não está circunscrito ao ambiente familiar. A esfera educacional, por exemplo, também deve estar devidamente blindada contra os terríveis perigos representados pelos meteoros da criminalidade. E a crescente disseminação, no país, de facções celeras, associadas ao tráfico e ao consumo de drogas ilícitas, é um problema que exige a máxima atenção dos Poderes Públicos e da sociedade civil organizada.

Por isso, repercutiu, em todo o país, o relatório divulgado recentemente pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), pelo Instituto Fogo Cruzado (IFC), pelo Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense (Geni-UFF) e pelo Centro para o Estudo da Riqueza e da Estratificação Social (Ceres-IESP), com o título “Educação sob cerco: as escolas do Grande Rio impactadas pela violência armada”.

O documento em tela analisa “o impacto do controle territorial armado (notadamente por facções e milícias) sobre escolas públicas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, com foco na exposição de crianças, adolescentes e comunidade escolar à violência crônica e aguda”, e conclui que “48% dos estudantes de 19 municípios do Grande Rio e 55% dos estudantes da capital são afetados pela violência armada”.

O estudo revela que, somente em 2022, eventos de violência armada aguda (tiroteios em situações ou não de operações/ações policiais) nas imediações de escolas foram contabilizados mais de 4.400 vezes. A Zona Norte do Rio e a Baixada Fluminense tiveram o maior número de ocorrências, como tiroteios. Já a Zona Sul possui menos escolas em áreas dominadas por grupos armados e teve menos escolas afetadas por disparos.

Flávia Antunes, chefe do escritório do Unicef no Rio, disse que a situação reforça as desigualdades já conhecidas e a necessidade de se promover maior integração entre as políticas de segurança pública e a educação, de modo a minimizar os efeitos do controle territorial armado no acesso à educação, garantindo “que nenhuma criança ou adolescente, seja qual for a escola em que estude, esteja sujeita à violência armada”.

Houve um tempo em que confrontos armados de larga escala, entre forças públicas de segurança e marginais, tinham como palco quase exclusivo a Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O problema aflige, hoje, parte da população de capitais do Norte e Nordeste e tem sido objeto de políticas públicas de segurança desenvolvidas por governos estaduais e municipais, cientes da gravidade dessa expansão da criminalidade.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

Os inimigos da civilização

As estruturas políticas de uma nação se fortalecem à medida que suas instituições lhes dão vida. Vivemos, na contemporaneidade, uma guerra ideológica promovida pelos inimigos da civilização. Eles nutrem uma absoluta aversão a tudo que se afirme como um pacto de convivência harmoniosa e solidariedade. Negam-se a enfrentar as mazelas sociais que afligem nosso povo, especialmente os marginalizados pelas políticas públicas, impondo um retrocesso à marcha civilizatória que experimentamos anos atrás. Tem uma parcela da nossa gente sem empatia, que pensa e age assim, portadora de uma insensibilidade desumana.

Estamos, portanto, vivendo uma desventura histórica. É urgente e necessário que revertamos essa pauta elitista e egoísta que tentam, a qualquer custo, nos impor. Saibamos cumprir nosso destino, libertando-nos dos reacionários que objetivam criar um ambiente de barbárie e de beligerância entre compatriotas. A civilização precisa ser salva da cultura do ódio, do desprezo e da indiferença social.

As lideranças populistas e messiânicas normalmente se comportam como inimigos da civilização. E, por isso mesmo, tornam-se uma ameaça à democracia, animados pela tentação da tirania. Propositadamente, fazem com que o bem comum e o bem individual caminhem em direções opostas. O messianismo político produz a arrogância e a prepotência nas relações dos governos com as demandas sociais.

Os preconceitos, a xenofobia, o racismo, e outras manifestações comportamentais nocivas a uma sociedade civilizada, estão presentes explorando o medo e a insegurança, para atender a conveniências políticas. Para alcance

de seus objetivos, procuram atacar as instituições democráticas.

Não podemos abrir mão do envolvimento na vida pública, porque, dessa forma, estaremos dando vitalidade à democracia. A paz e o estado democrático de direito são conquistas inalienáveis que não podem ser questionadas. Quando defendemos a democracia, estamos igualmente defendendo a civilização. As eleições democráticas não são uma disputa entre a esquerda e a direita. São uma luta entre a civilização e a barbárie.

“

Saibamos cumprir nosso destino, libertando-nos dos reacionários que objetivam criar um ambiente de barbárie e de beligerância entre compatriotas

Rui Leitão

Foto Legenda

João Pedrosa



O suor da goleada

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

De mãos para os céus

Fernando Vasconcelos obriga-me a acompanhar a escrita dos seus passos, de suas observações e, com a voracidade com que a globalização sucateou os meios e subverteu os usos da comunicação, mais me atendo às repercussões disso tudo em sua coluna semanal.

Começa que fui passado para trás no único ofício em que tive persistência para adquirir algum domínio técnico, como o de fazer jornal nos limites do lugar onde vivo. Disso não passei, a não ser pelo testemunho. Em 1979, chegando a diretor técnico de *A União*, toda ou quase toda a maquinaria que sedimentara meu currículo passara a sucata. Aposentado, livre para a prosa vagabunda — o melhor que sempre achei da vida — puxaram as cadeiras, fecharam o clube e o Alvear, símbolo pessoense dos cafés. E não consegui incorporar o celular e seus derivados a meus hábitos. Lembraram-se de mim, felizmente, quando mantiveram o teclado do *notebook* na mesma ordem alfabética da remingtonzinha que comprei na conversa a Romero Peixoto, amigo que não me pediu cadastro bancário. Amigos assim, onde estão eles? Não estou pensando nos que o sangue da profissão nos fez irmãos, mas na gente que deu a João Pessoa a grinalda de cidade cordial mantida, hoje, tão somente pelo que resta no ornato fronteiro das casas fechadas que se entrebraçam no Centro Histórico. Onde estão eles além da minha lembrança? No Município, no papo com Luciano Wanderley? No cartório de Chico Souto? No banco de Edmundo, vulgo Bode Rouco? Na Gama e Melo com Cláudio Santa Cruz e Nizi? Na mesa de Zé Laet com José Gomes da Silva?

As notícias que podem ter parte comigo não vêm mais por onde me ensinaram. Nem pelo telefone.

A mídia, onde está a velha *media*, palavra que enchia a boca na onda revolucionária de Mc Luhan?

Por sorte minha, Fernando ainda escreve em jornal de papel. Ele e toda uma elite de imprensa chegada airoosamente pelas asas que José Américo auspiciou ao futuro da Universidade. E muito me ajuda, feito e atento aos direitos do consumidor, às responsabilidades civis e, sobretudo, como observador e frequente viajante, tornando-se um dos meus canais confiáveis de informação e opinião.

No jornal da última terça-feira, 27 de maio, toca no meu fraco: “Por que o Centro Histórico não engata?”.

“

As notícias que podem ter parte comigo não vêm mais por onde me ensinaram. Nem pelo telefone

Gonzaga Rodrigues

Ora, amigo velho, não engata porque são poucos, raros os pessoenses que levam isso a sério. Reclama-se muito do governo, mas o governo atua por pressão da opinião pública. Damos graças quando se rendem às questões primeiras como Saúde, Educação, Infraestrutura Básica. Precisou que um desvairado rompesse uma madrugada dos anos 1970 e danificasse uma das imagens de São Francisco para que se corresse em busca do que se perdeu, desatando-se um programa de restauração que teve seu auge em Burity, com Celso Furtado no Ministério da Cultura, e ajuda da Espanha. Isso quando a marreta não vem do próprio governo, derrubando igrejas como a do Rosário dos Pretos para dar lugar ao Ponto de Cem Réis que tentam aprontar desde Oswaldo Pessoa como prefeito de 1951. O herói da nacionalidade brasileira, André Vidal de Negreiros já mudou de pedestal três vezes. Felizmente a efígie continua a mesma, não sei se de Parreiras, o pintor fluminense que nos deu o painel principal do Palácio dedicado ao herói José Peregrino, cuja casa, na rua de seu nome, continua de pé sob a garantia bicentenária de sua própria calça. Só por isso, caríssimo Fernando, pela resistência indômita do sobradinho descascado e roto do herói de 1817, do busto de Vidal, da herma belíssima de Augusto dos Anjos no Parque Sólton de Lucena, mesmo desamparada de abrijo, levantemos as mãos para os céus.

Um esforço está havendo, para o qual espero voltar em outro comentário.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

EM 2024

Ações itinerantes fazem 65 mil atendimentos

Eventos facilitam acesso da população a serviços públicos em todo o estado

Samantha Pimentel
 samanthauniao@gmail.com

Acessar serviços públicos pode ser difícil para muitas pessoas, sobretudo para as que residem em locais periféricos e estão em situação de vulnerabilidade social. Pensando nisso, ações itinerantes, realizadas por diversos setores, ajudam a facilitar esse acesso, levando as atividades a comunidades, bairros e municípios. Elas vão desde a emissão de documentos, vacinação e orientações de saúde, ingresso de ações na Justiça e orientações jurídicas, castração animal, realização ou atualização de cadastros sociais, entre outras, garantindo mais inclusão e cidadania. Na Paraíba, em 2024 foram mais de 65 mil atendimentos à população realizados por meio dessas ações itinerantes, nas mais variadas áreas, e neste ano o número já passa de 20 mil.

Uma dessas ações é o Programa Cidadão, que tem o objetivo de proporcionar a emissão de documentos para pessoas em situação de vulnerabilidade social. A ação é gerida pela Secretaria de Desenvolvimento Humano (Se-



Programa Cidadão emite documentos no Espaço Cultural e também de forma itinerante

dh-PB), e acontece por meio de um posto fixo localizado no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa, mas também de forma itinerante. O programa percorre municípios e eventos, e o serviço pode ser requerido por meio de ofício dirigido à Sedh, por parte das prefeituras, organizações, associações e outras entidades. O programa funciona em parceria com o Ministério do Trabalho, Instituto de Polícia Científica (IPC) e Receita Federal, e oferece a emissão da Carteira de Identidade Nacional (CIN), carteira de trabalho, além da primeira e da segunda via do CPF e foto 3x4. No

posto presencial, além desses documentos, é possível ainda emitir atestado de antecedentes criminais, e o espaço funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h.

Em 2024, o programa realizou a emissão de 62.364 mil documentos durante as ações itinerantes, e mais 20.264 já foram emitidos em atividades neste ano de 2025. Segundo o gerente-executivo do Programa Cidadão, Roberto Leite, a iniciativa ajuda na garantia de direitos e beneficia os cidadãos que residem em municípios com menor estrutura. “Nós vamos até o cidadão emitir essa documenta-

ção básica, de forma gratuita, e são documentos que ele precisa para se inscrever em programas sociais, como o Bolsa Família; Minha Casa, Minha Vida; PAA e outros”, afirma ele, que destaca que a ação ainda percorre comunidades quilombolas, aldeias indígenas, presídios e outros espaços. “Quando o cidadão não pode se locomover, nós vamos à residência dele, se ele estiver acamado... então isso leva dignidade e cidadania a essa pessoa. É muito gratificante quando estamos em algum lugar e vemos a emoção das pessoas em receber seu documento”, conta o gerente do programa.

Paraíba Pet tem castração animal gratuita

A castração animal gratuita é outro serviço público que pode ser acessado pela população de forma itinerante. Atualmente, o Programa Paraíba Pet, lançado oficialmente em outubro de 2023 pelo Governo do Estado, por meio da Gerência Operacional de Políticas da Causa Animal, ligada à Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB), possui dois castramóveis e conta com quatro equipes de médicos veterinários. Para que a cidade seja atendida pelo programa, é necessário enviar um ofício de solicitação para o e-mail gerenciaanimalises@gmail.com. Os tutores também podem cadastrar os animais no Sistema RegPet e solicitar a castração, desde que atenda aos critérios pré-estabelecidos, que são: cães e gatos, machos ou fêmeas com idades de oito meses a cinco anos, peso máximo de 20 kg, não estar no cio ou amamentando, e estar bem de saúde, como explica a respon-



Castramóvel atende tutores com seus animais de estimação

sável pela Gerência, Fabíola Rezende.

“A preferência do atendimento é de animais sem raça definida. Em caso de animais de raça, o tutor deverá comprovar renda de até um salário e meio e inscrição em programa social”, destaca ela, informando ainda que o telefone para cadastro é o (83) 99613-3412.

Em 2024 foram 1.561 castrações realizadas, e neste ano já foram 975 procedimentos, beneficiando a população do Litoral ao Sertão do estado, e Fabíola ressalta que esse ser-

viço é fundamental.

Defensoria Pública

Outra iniciativa que acontece de forma itinerante é da Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB), que desde 2017 desenvolve o Programa Defensoria Itinerante. Inicialmente, a ação acontecia em órgãos públicos, escolas ou associações, levando um defensor público para as cidades que não tinham esse atendimento. A partir de 2021, ela passou a acontecer por meio de unidades móveis. Nos últimos dois anos, foram cerca

de cinco mil atendimentos (1,6 mil em 2023 e 3,3 mil em 2024). No mesmo período, a Defensoria Itinerante realizou mais de 140 edições, chegando a 65 cidades, e garantindo o acesso à Justiça para as pessoas em situação de vulnerabilidade social, promovendo cidadania e inclusão jurídica.

Para a defensora pública-geral da Paraíba, Madalena Abrantes, o programa é um dos mais transformadores da instituição. “Quando começamos, tínhamos apenas uma equipe formada por um defensor público e duas assessoras. Hoje temos uma equipe bem maior [em João Pessoa e Campina Grande] e já são cinco veículos adaptados circulando por todo o estado, ampliando nossa presença e nossa escuta ativa junto à população. É um avanço concreto na interiorização da Defensoria Pública e uma demonstração do nosso compromisso com a inclusão, a dignidade e a promoção da justiça social”, enfatiza.

Caravana do Cuidar percorre bairros de JP

A Caravana do Cuidar, serviço itinerante promovido pela Prefeitura de João Pessoa (PMJP), por meio da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania (Sedhuc), é outra ação que tem o objetivo de aproximar os serviços da gestão municipal da população, tornando o acesso mais prático e ágil.

A atividade oferece atendimentos de cadastramento em tarifa social de água e energia; alistamento militar; agendamentos para o castramóvel municipal; Cadastro Único (CadÚnico) para Pro-

gramas Sociais; Centro de Referência de Assistência Social (Cras); orientações médicas, aferição de pressão e testes rápidos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e glicemia; emissão do cartão do Sistema Único de Saúde (SUS); atendimentos odontológicos, entre outros.

A coordenadora da Caravana do Cuidar, Raquel Feitosa, conta que o projeto surgiu em 2021, durante a pandemia. “As pessoas não podiam sair de casa, por isso a gente resolveu levar até a comunidade, até os bairros, essa caravana com

os serviços. E visamos sempre atender os locais mais vulneráveis, onde é mais distante”, explica.

No ano passado, a caravana realizou mais de 30 edições, percorrendo mais de 20 bairros da capital paraibana e efetuando 8.094 atendimentos. Em 2025, até então, foram 3.957. As solicitações para realização da caravana podem ser feitas pelo aplicativo João Pessoa na Palma da Mão. Dentro da Ação, e ainda por iniciativa individual, o Programa de Proteção e Defesa do Consumidor de João

Pessoa (Procon-JP) também oferece atendimento de forma itinerante, com equipes de consultores jurídicos que percorrem diversas localidades da capital, tirando dúvidas, dando orientações e, se for necessário, abrindo processo administrativo.

O secretário do Procon-JP, Junior Pires, pontua que “a descentralização no atendimento traz mais agilidade e comodidade ao consumidor, que não precisa se deslocar do local onde mora para receber a assistência no que se refere à relação de consumo”.

Opinião

Adalberto Targino*
 Colaboração

Juvenal Lamartine e o voto popular feminino

Votar, antes de uma obrigação, é, sobretudo, o mais sacrossanto direito, dever, de participação do cidadão nos destinos administrativos da nação (escolha de prefeitos, governadores e presidente da República), na elaboração de leis justas e coerentes a serem cumpridas pelo Judiciário e o Executivo, cujos artífices (vereadores, deputados e senadores) recebem delegação através do sufrágio popular.

Nesse mesmo patamar de eleições de executivos e parlamentares, insere-se o voto em caso de referendo, plebiscito, que decidem, sempre, assuntos relevantes para a sociedade e o país.

Votar, que hoje é uma obrigação cívica, no passado era proibido à mulher, considerada um ser inferior, pelo obscurantismo masculino então reinante.

As primeiras mulheres graduadas em Direito, no fim da década de 1880, enfrentaram óbices diversos para exercerem a profissão.

A Proclamação da República e os ventos que sopravam da Europa robusteceram o anelo feminino em favor do sufrágio e da oportunidade de buscar o voto, isso já no fim da década de 1880 (quando até aí só votavam homens brancos e ricos). Mesmo com reivindicação pública, o Direito Básico de Cidadania foi negado pela Assembleia Constituinte em 1891.

O combate a tal discriminação odiosa, conquanto fosse feito (discretamente) em discursos parlamentares e em matérias jornalísticas, não passava de escassos golpes demagógicos de alguns poucos que se fingiam de avançados.

O Rio Grande do Norte, entretanto, apesar de estado nordestino, quase inexistindo no tamanho territorial e na expressão política ante tantos estados opulentos e poderosos, fez-se ouvir pela garra, coragem e tenacidade de algumas mulheres aguerridas e pela indeclinável, decidida e incisiva liderança do bravo governador Juvenal Lamartine, que fez do brocardo latino “*facta potentioris sunt verbis*” (“os fatos são mais fortes que as palavras”) a sua razão de luta e de persistência contra o então arraigado preconceito.

Desse modo, o povo potiguar antecipou-se a muitos países do mundo civilizado e serviu de paradigma para o resto do Brasil, graças à ação corajosa e despreconceituosa de Juvenal Lamartine, que modificou o Código Eleitoral do Rio Grande do Norte, à época autônomo e desvinculado do arcabouço jurídico nacional. Com isso, permitiu Direitos Políticos plenos às mulheres do estado, a partir de 1927.

O governo do presidente Getúlio Vargas, oriundo da revolução de 1930, que derrubara a República Velha e implantara a Nova, liberou, em agosto de 1931, um Código Eleitoral Provisório, de alcance nacional, com algum avanço, porém carregado ainda de preconceito, pois permitia o voto às mulheres desde que estas fossem solteiras, viúvas com renda própria, ou, se casadas, com a permissão do marido.

Depreende-se, assim, que, apesar de Getúlio autoproclamar-se líder supremo de uma revolução moderna, transformadora e democratizadora, outorgou à nação um Código Eleitoral ainda perpassado de notória discriminação contra a mulher, exteriorizando um machismo exacerbado. Daí, percebe-se que, antes do Código Eleitoral “Revolucionário” getulista de 1931, o Código Eleitoral/RN, já em 1927, na plenitude da retrógrada República Velha, era mais avançado e isonômico para ambos os sexos.

Com efeito, a terra potiguar, na pessoa do vanguardista Juvenal Lamartine, foi a única unidade federativa que logrou êxito na luta por amplos direitos políticos às mulheres, tanto para votarem como para serem votadas, tendo como caudatários os municípios de Mossoró e Lajes — o primeiro, com a pioneira eleitora do Brasil, e o segundo, com a primeira prefeita da história brasileira.

De fato, Celina Guimarães, em 1927, foi a primeira eleitora (Mossoró-RN), e Alzira Soriano de Souza, em 1928, foi a pioneira prefeita eleita do Brasil (Lajes-RN, pelo Partido Republicano), enquanto Maria do Céu Fernandes, já em 1935, sagrou-se a vanguardista deputada estadual pelo voto popular (RN), o que fez de Juvenal Lamartine o grande herói das mulheres brasileiras, e o RN paradigma do Brasil.

Assim, as contemporâneas mulheres brasileiras, que hoje ocupam 86 vagas na Câmara Federal, 10 vagas no Senado da República, duas vagas no Supremo Tribunal Federal e diversas posições na Magistratura, Ministério Público, advocacia, medicina, governadorias, Assembleias Legislativas, secretarias de Estado, ministérios de Estado e até a presidência da Suprema Corte, devem muito ao inigualável político e pensador Juvenal Lamartine, que, além do mais, respaldou a trajetória de mulheres como Nísia Floresta, Isabel Dilam, Bertha Lutz, Gilka Machado, Leolinda Dalto, que foram lutadoras tenazes pelos direitos da igualdade entre os sexos, notadamente o direito ao voto.

Portanto, todos nós, brasileiros, homens e mulheres, devemos, por uma questão de justiça e de amor à democracia, gritar uníssonos: “Ave, Juvenal Lamartine! Viva o povo potiguar! Glória à gente brava do Nordeste!”.

*O autor é escritor, professor, procurador do Estado e jornalista colaborador. Membro do IHGP e do IHGRN

Foto: Leonardo Ariel



Milton Dornellas

Compositor, intérprete e produtor

“A arte, para mim, sempre foi uma ferramenta de transformação”

Prestes a lançar um livro, artista fala sobre o nascimento da obra, o legado do MusiClube e sua experiência na gestão pública

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Há artistas que passam. Outros permanecem. E há aqueles que se entrelaçam com o tempo, como se cada acorde carregasse o peso e a leveza de uma história coletiva. Milton Dornellas é desses. Compositor, intérprete e produtor — ele é, sobretudo, um artesão da música. Prestes a lançar o livro “Milton Dornellas – Música Artesanal”, publicado pela Editora A União, o artista entrega ao público mais que um *songbook*: oferece um testemunho vivo de sua caminhada. Com lançamento marcado para o próximo dia 4 de junho, às 19h, na Livraria A União, no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa, a obra reúne partituras, cifras, letras e histórias de 14 composições autorais — um verdadeiro relicário que interessa a músicos, estudantes, pesquisadores, educadores e amantes da canção popular brasileira. Em entrevista ao *Jornal A União*, Milton Dornellas fala sobre o nascimento da obra, o legado do MusiClube, sua vivência no Prima, sua experiência na gestão pública e os sentidos de criar — sempre — com liberdade, poesia e coragem. Confira na íntegra:

Entrevista

■ *Você está lançando o livro “Milton Dornellas – Música Artesanal”, publicado pela Editora A União, que reúne músicas, histórias e referências. Como nasceu esse projeto?*

A ideia nasceu da necessidade de organizar minha própria obra. Esse livro é resultado de uma vida inteira de experiências, encontros e resistências. É como se fosse uma reunião de tudo aquilo que me atravessou: a literatura, a música, a política, a amizade. Ele reúne partituras, cifras, acordes e letras de 14 canções, mas carrega muita gente dentro — gente que participou diretamente, gente que me inspirou. Sempre fui muito espontâneo, nunca tive muito cuidado com o registro e a preservação do que fiz. Aos poucos, fui percebendo a importância de deixar algo mais palpável, mais organizado. Especialmente agora, com o avanço da tecnologia, senti a urgência de criar algo que possa sobreviver mesmo que tudo dê pane. É um *songbook* que serve como um documento físico da minha trajetória. É uma forma de eternizar parte do que compus, de deixar algo que converse com as pessoas, mesmo quando eu não puder mais. Esse livro é minha “mensagem na garrafa ao mar”.

■ *E quando será o lançamento oficial?*

O lançamento está marcado para o dia 4 de junho, às 19h, na Livraria A União, no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa. É o primeiro lançamento, mas haverá outros em locais diferentes. Por enquanto, estamos concentrando os esforços nesse evento. Embora seja um livro voltado para músicos, escolas de música, orquestras e grupos, ele também pode interessar a colecionadores, amigos e pessoas que gostam de presentear músicos. Já começou a circular por outros estados, inclusive. São grades de partituras, cifras e letras de 14 músicas selecionadas do meu repertório, incluindo parcerias com

estudantes de escolas privadas com preferência para bolsistas e 10% para pessoas com deficiência. No entanto, a lei precisa ser aprimorada. Por exemplo, um aluno que conclui o Ensino Médio, pela regra, teria que sair. Mas isso é cruel. Quando o jovem está no seu melhor momento, ele é obrigado a deixar o projeto. Estamos trabalhando para ajustar o programa para garantir permanência e acesso pleno, pensando na realidade de cada local, pois, como costume dizer, ‘a Paraíba tem muitas Paraibas’.

■ *Sua música é muito marcada por uma postura crítica e reflexiva. Essa consciência já existia desde o começo da sua carreira?*

De forma mais intuitiva, sim. Comecei nos anos 1980, quando o Brasil saía da Ditadura. Era um tempo de efervescência política, de lutas por espaço e visibilidade para a cultura. Não havia políticas públicas para a arte como temos hoje. Então, a gente teve que “arrancar teco”, abrir caminho com as próprias mãos.

■ *Qual a influência do MusiClube nessa construção?*

Foi essencial. O MusiClube foi um movimento provocador, articulado por Pedro Osmar, que merece um capítulo à parte na história da cultura paraibana. Nós discutíamos estética, política cultural, democratização da comunicação. Era tudo muito coletivo e colaborativo. Se alguém ia tocar, todo mundo ajudava. Mesmo sem dinheiro, sem estrutura, a gente se juntava, fazia vaquinha, dividia um bolinho de saia, um guaraná. Era resistência na prática. A arte, para mim, sempre foi uma ferramenta de transformação. Durante a Ditadura, houve uma tentativa clara de elitizar a cultura, de restringi-la a poucos. A gente foi na contramão disso. O MusiClube ajudou a democratizar a cultura. E, quando a gente chegou à gestão pública, colocamos artistas locais nos grandes palcos, promovemos cultura nas praças, nos bairros. Eu nunca toquei num palco daqueles, mas fiz questão que outros pudessem.

■ *E isso se reflete diretamente na sua obra autoral?*

Com certeza. Sempre quis inventar canções, me expor por meio delas. E o processo é contínuo: a pessoa que eu era lá atrás não é a mesma de hoje. A maturidade traz outros olhares. Mas a motivação segue a mesma: criar algo que dialogue com o mundo. Minha estética vem da minha postura. Eu entendo a política como algo que atravessa a vida das pessoas em todos os níveis — social, econômico, cultural. A arte tem o poder de provocar reflexão. E Pedro Osmar não

me deixava calar. Estar ao lado dele era ser constantemente provocado. Então, aprendi que não dava para me acomodar. A arte precisa questionar, cutucar, propor. Sempre.

■ *Sua obra transita por muitos estilos e vozes. Como você enxerga essa diversidade?*

Acho que sou muitas pessoas. A gente é o resultado de muitos erros, alguns acertos e muitas influências. O Gilberto Gil disse uma vez a um amigo: “Cometa seus próprios erros”. Isso me marcou. Não existe fórmula. Existe busca, inquietação, escuta. Quero deixar a minha obra como forma de conversa, como forma de dizer “eu estive aqui”. Se alguém se identificar com os sentimentos que coloquei nas músicas, já valeu. A arte tem esse papel de provocar, tocar, abrir caminho.

■ *Na Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), você atuou na descentralização cultural e na formação artística nas periferias. Como essa experiência de gestão dialogou com sua trajetória como artista?*

A cultura é um processo humano e coletivo. E, para mim, ela não pode ser elitista nem centralizada. Na Funjope, por exemplo, buscamos descentralizar ações culturais de forma concreta. Ocupamos 20 praças com o projeto Circuito Cultural nas Praças. Em seis meses, estávamos presentes em mais de 38 bairros, com oficinas continuadas de fotografia com caixa de fósforo, construção de navios com restos encontrados na rua, cultura popular, cinema. Tudo isso remunerando os artistas locais. Quando você ouve o território, a necessidade do bairro, você constrói políticas públicas reais. Todo bairro tem uma liderança, um grupo cultural. A gente só precisa dar as condições. Tivemos até 100 oficinas continuadas ao mesmo tempo! A gente transformava o espaço público em palco, inclusive onde não havia praças. A cultura está em todo lugar, é só dar visibilidade e estrutura.

■ *O disco “O gargalhar da invernada” é inspirado por “Grande Sertão: Veredas” e traz um olhar urbano sobre o Sertão. Como você articula literatura, paisagem e política em suas composições?*

Esse trabalho foi um dos maiores desafios da minha vida. Eu li o livro do Guimarães Rosa três vezes. Lia até com sotaque, para ficar mais fluido e bonito. Pegava os termos, sublinhava, colava papelzinho, e fui compondo a partir das palavras dele. É tudo Guimarães ali, só que reorganizado para contar outras histórias. Tem uma música desse projeto que amo, “Ranger de rede”, que traz esse encontro do Riobaldo com Diadorim. É puro encantamento.

Acho que é um jeito de ver o mundo. Eu não separo as coisas. A palavra, o som, a imagem — tudo se mistura. Quando componho, estou tentando traduzir uma sensação, um tempo, uma paisagem interior. E tudo isso é influenciado por quem eu li, por onde eu andei, por quem eu ouvi. É uma grande colcha de retalhos.

■ *Você passou por diferentes formas de registro musical, da oralidade ao digital. Como vê essa evolução?*

É uma jornada. Começamos com a oralidade, depois as fitas cassetes — nossas “FALs”, que eram as fitas alternativas —, depois o vinil, o CD, o digital. Cada etapa tinha sua beleza e sua dificuldade. A gente copiava fita em casa, virava a noite. Era nosso jeito de fazer circular a arte. Hoje, tudo parece mais fácil, mas o processo continua sendo de entrega. Quando entrei na gráfica para pegar o livro, encontrei um rapaz que me ajudou 45 anos atrás com o encarte de um disco meu. Aquilo me tocou. Um disco que era para ser preto saiu laranja, porque não tínhamos grana para escolher cor. E, recentemente, um exemplar daquele disco foi vendido por R\$ 1.500 para um colecionador no Japão! Olha que doideira. O que começou num fiteiro, chegou ao outro lado do mundo.

■ *Olhando para sua trajetória e para a nova geração de músicos paraibanos, que valores ou princípios você considera fundamentais para quem deseja fazer da música um ato de criação e também de transformação?*

Cada um está no seu tempo. Os jovens têm essa coisa linda de inquietar o mundo, de querer mudar tudo. E vão errar, claro. Mas que cometam seus próprios erros. O importante é estar em movimento, buscar, experimentar. O suporte muda, a linguagem muda, mas a essência continua: a arte como forma de expressão e transformação. Eu só não aceito normalizar algumas coisas que estamos vivendo, como a banalização da vida, o esvaziamento da universidade, o discurso do empreendedorismo como solução mágica. A universidade sempre foi centro do pensamento crítico. E, hoje, tem curso sobrando vaga. A precarização está aí, e parte da juventude está sendo iludida com promessas rasas. A gente precisa voltar a construir futuro. Ter perspectiva. Hoje, a juventude está sufocada pela incerteza. E criar é difícil nesse ambiente. A gente não pode fechar os olhos para o que está acontecendo no mundo, na política, na educação. Cultura e educação são pilares de qualquer sociedade e é por isso que continuo falando, cantando, escrevendo, porque, no fundo, acredito que a arte ainda pode transformar.

BEBÊS REBORN

Bonecas realistas viraram polêmica

Apesar dos excessos, se bem utilizados, esses objetos podem cumprir até mesmo um papel terapêutico

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Pergunte a uma menina o que representa uma boneca em seus braços e ela certamente dirá que “é seu bebê”. Imersa nesse faz de conta, ela escolhe o nome, dá mamadeira, troca a fralda e a embala como se fosse real, criando memórias que só um adulto que nunca brincou de casinha ousaria desprezar. Nesse espaço entre a nostalgia, a brincadeira e o desejo de colecionar, os bebês *reborn*, bonecos hiper-realistas, viraram alvo de polêmica e desconfiança nas últimas semanas. Por trás dos vídeos virais e das notícias mal contadas sobre “mães *reborn*”, querendo pensão ou exigindo atendimento médico para suas bonecas, existe uma arte que transborda afeto.

Há mais de 10 anos como artista *reborn*, a artesã Vera Lúcia Leão Jordão Emerenciano, de 54 anos, sabe exatamente o tipo de encantamento que suas “bebês” despertam na clientela. A maioria das encomendas, aliás, vem de mães que presenteiam as filhas — não muito diferente das meninas que ganhavam suas primeiras bonecas antes dos anos 2000. Para ela, tirar as telas das mãos das crianças é, hoje, seu grande objetivo. “Tenho seis netinhas e dois netinhos. Prefiro mil vezes que eles estejam brincando com os “bebês” do que com o celular”, afirma.

Apaixoadada por trabalhos manuais, Vera encantou-se com a arte *reborn* em 2012 e, de lá para cá, não parou mais. “Sempre fiz artesanato e gostava muito de boneca. A arte reflete justamente as coisas que mais gosto”, conta. Com 19 pontos de venda, distribuídos entre Pernambuco e Alagoas, já chegou a vender 89 bonecas em um único Dia das Crianças. “Por mês, são de 20 a 30 ‘bebezinhas’”, complementa. Apesar do sucesso, seu trabalho acabou virando alvo de críticas, principalmente de pessoas que, segundo ela, não conhecem a arte e baseiam-se apenas nas extrapolações vistas na internet. “Críticam sem conhecer nada, isso dói”, relata, destacando que não se trata de modismo, mas de um movimento que chegou ao Brasil nos anos 1990 e remonta à Segunda Guerra Mundial. Vera, inclusive, faz parte de um grupo, com pelo menos 150 artesãs de várias partes do país, que estão sendo afetadas pela avalanche de notícias falsas. “Tem pessoas dizendo: ‘Se você estiver com seu bebê *reborn* na rua, vou chutar a boneca e lhe bater’. Isso é violência”.

Entretanto, em vez de dar ouvidos aos comentários maldosos na internet, Vera tem preferido focar no que realmente importa: o trabalho com suas bonecas. Cada uma leva mais de uma semana para ficar pronta. São cerca de 20 camadas de tinta, idas ao forno, pintura a óleo e cabelo fio a fio. “É um trabalho realmente manual, muito detalhista. Dá para ver até os microvasos”, observa a artista. O mais impressionante, segundo ela, não é o grau de realismo, mas o acalento que cada uma dessas bonecas é capaz de proporcionar. “Eu já vendi para uma menina, no Rio de Janeiro, e o priminho dela quebrou a perna do



A artesã Vera Lúcia avalia que as reborns são uma estratégia para tirar as crianças do celular

‘bebê’. A mãe ficou desesperada porque a menina só dormia com a boneca, e me ligava todas as noites. Quando a menina a recebeu [o bebê *reborn*] de volta, quase desmaiou”.

É por histórias como essa que a artesã defende com firmeza o valor do que faz. Enquanto nas crianças a boneca estimula a criatividade, o afeto e a empatia, nos adultos é possível ativar sentimentos semelhantes em contextos de vulnerabilidade emocional. Vera cita a Terapia da Boneca, uma abordagem usada para aliviar sintomas como agitação e ansiedade. “É incrível o que podem fazer numa mente que esteja precisando de acalento”, finaliza.

Refúgio para dor

Esse acolhimento é também terapêutico. A psicóloga e especialista em relacionamentos Joseli Medeiros destaca o uso dos bebês *reborn* em terapias com pessoas em situação de luto, ansiedade, depressão e até em casos de Alzheimer. “Embora se-

jam brinquedos, eles têm um papel significativo no cuidado emocional e psicológico de determinadas pessoas”, afirma. Em idosos com demência avançada, por exemplo, a boneca pode despertar sentimentos de carinho e proteção, além de reduzir a agitação. Já com mulheres que enfrentaram perdas gestacionais ou neonatais podem ajudar na elaboração do luto, permitindo a expressão emocional da dor.

Independentemente do caso, Joseli sublinha que o uso deve seguir critérios bem definidos. “O bebê *reborn* não deve ser um fim em si mesmo, mas um mediador simbólico. É preciso avaliar o discernimento da realidade, os riscos de fuga, a capacidade de simbolização”, pondera — isto é, se a pessoa compreende que se trata de um objeto, e não de um bebê real. Às vezes, ela simplesmente sente prazer em cuidar, vestir e mimar a boneca, e, se faz isso com consciência e limites, está tudo bem. “Por outro lado, um apego inten-

so pode indicar dificuldades nos relacionamentos interpessoais ou uma forma de fuga de vínculos reais”, alerta a profissional. Nesses casos, o uso inadequado da boneca pode provocar dependência, sintomas regressivos ou evasão da realidade.

No caso de Priscila Almeida de Souza, de 34 anos, esse acalento veio por meio das suas cinco bebês *reborn*: Mariana, Eloah, Lua, Luna e Ana Mel. O luto

pela morte da mãe a levou para um ciclo de depressão do qual só conseguiu sair ao descobrir a arte *reborn*. Foi nesse universo que encontrou uma forma de ressignificar o momento e, ao mesmo tempo, aproxima-se de um desejo antigo — o de ter, finalmente, a boneca que lhe foi negada na infância. “Fui me organizando financeiramente e, então, comprei a primeira. Depois me apaixonei. Foi aquele encanto”, lembra.

Auxiliar veterinária, tosadora profissional e mãe de três filhos, Priscila investiu mais de R\$ 20 mil em sua coleção. No enxoval, não faltam fraldas, laços, mamadeiras, roupinhas de inverno, sapatinhos combinando e berço com luminária. “Bebê *reborn* é igual a iPhone, só tem quem pode. A cada vez que você compra, lança uma melhor. Tem as bebês que respiram, dormem, mamam e fazem xixi. Essas são o triplo do valor. Eu passo um ano, dois anos pagando uma”, destaca a colecionadora, que também é influenciadora digital.

No tempo livre, ela vai até o quarto que montou só para as bonecas, em sua residência em João Pessoa, para limpar e organizar o espaço. Segundo Priscila, as histórias que cria são versões do seu passado no interior, inspiradas em memórias da infância. Com bom humor, ela grava vídeos e compartilha situações cotidianas com seus mais de 18 mil seguidores, em seu perfil @chegueiipriscilaa. Mes-

mo com a polêmica envolvendo a arte *reborn*, ela tem aproveitado o momento para gerar conteúdo, independentemente dos comentários. “Cada pessoa interpreta do seu jeito, mas o que importa para mim é que eu estou vivendo aquele momento com alegria”, pontua.

Ao contrário do que vem sendo divulgado na imprensa e nas redes sociais — como se houvesse um surto coletivo de mulheres acreditando que bonecas são bebês de verdade, Priscila tem plena consciência do que está fazendo, e faz questão de deixar isso claro. “É uma brincadeira, não passa de um faz de conta”, reforça. Ela já viu muita gente se aproveitar da polêmica para ganhar visibilidade, como o caso de uma mulher, em Santa Catarina, que tentou vacinar um bebê *reborn* em uma Unidade Básica de Saúde (UBS). “Minha gente, são pessoas lúcidas que sabem o que estão fazendo”, observa. Porém, com a exposição nas redes, também vieram os julgamentos, muitos deles carregados de preconceito, com os quais prefere lidar sempre com bom humor. “Essas mesmas pessoas que me criticam logo se tornam meus fãs”, brinca. E, quando alguém tenta deslegitimar sua escolha, a resposta vem na lata, como ela mesma diz: “Se os homens colecionam carros, camisas de futebol, perfumes e até armas, por que eu não posso colecionar bonecas?”.



No caso de Priscila Almeida, os “bebês” amenizaram o luto pela morte de sua mãe

Produtos de um tempo em que tudo dever virar like

A ideia de que mulheres adultas estariam tratando bonecas como bebês tornou-se viral. Todos os dias, histórias inusitadas são replicadas em massa nas redes sociais e alimentam os noticiários, quase sempre com tom de piada e indignação. Mas, para quem estuda o comportamento humano, esse tsunami de *reborns* revela uma questão bem mais profunda: a nossa postura para com a sociedade. Para a psicóloga Juliana Beco, muitos dos vídeos e manchetes que viralizam são, na verdade, narrativas criadas para entreter ou engajar. “O problema não existe enquanto vivência, mas sim como narrativa digital para entretenimento”, explica.

Segundo Juliana, esse fenômeno não nasceu de um comportamento coletivo espontâneo, mas de conteúdos estrategicamente compartilhados. O resultado é uma

“

Não há como enquadrar institutos do direito de família aos bonecos hiper-realistas

Henrique Toscano

falsa sensação de que há algo errado acontecendo em larga escala, quando na prática são casos isolados que ganharam uma projeção desproporcional. “Não era tendência, mas agora, com a narrativa criativa viralizada, o comportamento social passa a se vol-

tar para isso. A viralização do bebê *reborn* não vem da vivência humana no cotidiano, mas se torna isso a partir dessa narrativa puramente digital”, analisa Juliana.

À luz da lei

No campo jurídico, o advogado constitucionalista Henrique Toscano reforça que os casos mais polêmicos, como pedidos de guarda ou pensão, não têm nenhum respaldo legal. “Não há como enquadrar institutos do direito de família aos bonecos hiper-realistas. Isso seria contrariar a própria lei”. Segundo ele, por não serem seres vivos, os *reborns* devem ser legalmente tratados como bens materiais, mesmo que tenham alto valor afetivo. Dessa forma, em casos de divórcio, o juiz pode decidir sobre a posse da boneca como decidiria sobre um carro ou qualquer outro item

de valor. Em relação aos animais de estimação a discussão é bem diferente. Embora os *pets* também sejam considerados bens móveis pela legislação, o fato de serem seres vivos que demandam cuidados tem motivado interpretações mais sensíveis por parte da Justiça.

Henrique explica, ainda, que pedidos como atendimento médico para a boneca ou assento preferencial em locais públicos podem, sim, levar à judicialização do caso para avaliação da sanidade da parte envolvida. “Uma coisa é ter um *hobby*. Outra é se imaginar com uma criança, não com um boneco. Aí a gente entra em um campo que pode envolver crise dissociativa ou transtorno psiquiátrico”, salienta. Para o advogado, esses episódios são extremos e, em muitos casos, motivados pelo desejo de *likes*. “Até hoje, nosso escritório, presen-

te em 11 estados, não atendeu nenhum caso de mãe *reborn*”, ressaltando que qualquer advogado que leve esse tipo de demanda à Justiça está sujeito à aplicação de multa por litigância de má-fé, tendo em vista que se trata de um pedido “juridicamente inexecutável”.

“

Com a narrativa criativa viralizada, o comportamento social passa a se voltar para isso

Juliana Beco

RANKING NORDESTINO

Paraíba figura no top 3 do consumo de ultraprocessados

Nos lares paraibanos, 16,5% dos alimentos são super industrializados, índice somente menor do que RN e PE

Marcelo Lima
marcelolimantal@yahoo.com.br

Salgadinhos, bolos, sorvetes, refrigerantes, biscoitos, doces, pizzas e outras invenções da indústria alimentícia se impõem na vida contemporânea. Com formulações artificialmente coloridas, cheirosas, hiperpalatáveis e até viciantes, eles são uma alternativa rápida num mundo em que 24 horas não são mais suficientes para as atividades diárias.

Na Paraíba, 16,5% das calorias do total de alimentos adquiridos nos lares vêm dos ultraprocessados. O número significa a terceira maior participação dessa categoria de alimento nas mesas das famílias entre os estados do Nordeste brasileiro. O dado é da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), de 2018, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Apesar de estar no "top 3" da região, o percentual ainda está abaixo do limite de 20% do total de calorias para ultraprocessados. Segundo o nutricionista Júlio Campos, esse valor é recomendado pelo Guia de Alimentação para a População Brasileira, documento produzido pelo Ministério da Saúde (MS).

A dona de casa Danielle Ramos, de 38 anos, é uma das pessoas que contribuem para que esse número mantenha-se sob controle. Há dois anos, frequenta a Academia ao Ar Livre na praia de Cabo Branco. Para ter uma vida saudável, Danielle associa os exercícios físicos ao cuidado com a alimentação. "No café da manhã, como um pão com ovos, tem uma fruta, um suco verde. Lá pelas 9h30, como outra fruta. Almoço com bastante salada, com arroz, às vezes feijão, carne, frango ou peixe. No lanche da tarde, mais uma fruta. Já que malho à noite, como um pãozinho antes para ter mais força", contou Danielle.

No entanto, ela também precisa convencer o seu companheiro e a filha para não cair nas tentações da indústria alimentícia de ultraprocessados. A estudante Fernanda Maria Ramos, de 15

Na média

Embora esteja entre os líderes, estado fica abaixo do limite estipulado pelo Guia de Alimentação para a População Brasileira, do MS, que é de 20% do total de calorias consumidas

anos, tem sido convencida aos poucos pelo exemplo. Há seis meses, ela frequenta a academia pública com a mãe. As escolhas do marido, porém, ainda desafiam os bons hábitos de Danielle. "Ele é totalmente diferente de mim, come mais 'besteira'. Quando faço uma coisa cheia de proteína, de verdura, não come. Fica muito difícil, porque a pessoa tem fazer as coisas para a família toda. Se eu cozinhar uma coisa para um e outra para outro, fica complicado", reclamou a dona de casa.

Grupos alimentares

Há 25 anos a classificação Nova, criada pelo professor de Nutrição, Carlos Monteiro, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), divide os alimentos em quatro grupos: *in natura* ou minimamente processados, como arroz, feijão, milho, frutas, verduras e legumes; ingredientes culinários processados, a exemplo de sal, mel, rapadura e vinagre; alimentos processados, dentre os quais queijo, extrato de tomate e bebidas alcoólicas fermentadas; e os ultraprocessados, com boa parte deles listados no início desta reportagem.

A classificação agrupa os alimentos conforme o uso intensivo de técnicas industriais na sua produção. Quanto maior o uso dessas técnicas, mais eles tornam-se danosos à saúde humana. "Causa risco à obesidade, porque a pessoa acaba consumindo muita caloria para pouco volume de alimento. Isso em larga esca-

la, repetido várias vezes, aumenta a prevalência de doenças cardiovasculares e alguns tipos de câncer também", informou o nutricionista Júlio Campos.

O sistema digestivo, principalmente o intestino é prejudicado. "O excesso de açúcar e alimentos ultraprocessados também atrapalham a microbiota [comunidade de microorganismos], que tem bactérias boas e ruins. Colocando só alimento industrializado, você favorece apenas as bactérias ruins. Isso pode causar depressão, intolerância à lactose, desconfortos", explicou Campos.

A má alimentação é tão naturalizada que muitos preferem uma solução medicamentosa, em vez de modificar a dieta para solucionar seus problemas. "As pessoas vivem tanto com esses alimentos industrializados que, quando se sentem mal vão tomar um remédio para diminuir a azia, toma uma enzima lactase para intolerância. Tudo é medicação, em vez de resolver as coisas pela base, que é a alimentação", observou o profissional.

Alimentos de verdade

Apesar de morar em outra residência, a mãe de Danielle Ramos também é adepta à



A mãe convence a filha, pela prática cotidiana, a estabelecer um hábito alimentar saudável

boa alimentação. Não é que a consciência alimentar venha de berço, mas as duas começaram a experimentar o sabor de uma vida saudável depois da filha crescida. "Tive três filhos. A nossa alimentação era de qualquer forma, sem informação. Mas depois que a gente procurou fazer exercício físico fomos nos informando mais", disse Edna Maria Ramos, de 55 anos.

Hoje, a matriarca da família possui uma granja. "Procuro também plantar e produzir alguma coisa para

minha alimentação. Na minha granja tem muita fruta, coentro, ervas para fazer chá. Tenho certeza que estou

comendo um alimento saudável, com outro sabor e outra qualidade", destaca Edna Ramos.

Saiba Mais

Calorias originárias de alimentos ultraprocessados nos lares (REGIÃO NORDESTE)

- 1º) Rio Grande do Norte 19,9%
- 2º) Pernambuco 17%
- 3º) Paraíba 16,5%

Ano de referência: 2018.

Fonte: Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os pais são sempre as maiores influências

À medida que o indivíduo cresce e expande suas relações com o mundo, o peso da influência familiar tende a diminuir. Isso vale para a alimentação também. Mas a nutricionista Heloísa Helena Espínola defende que o ambiente familiar ainda tem poder decisivo.

"A maior influência é dos pais. Eu atendo crianças e falo para eles que não devem desistir de educar seus filhos, dando o exemplo. Mas se falarem uma coisa e fizerem outra, não serve de

nada. Um exemplo vale mais do que a palavra", sentenciou a nutricionista.

É isso que Danielle Ramos tenta fazer com sua filha Maria Fernanda Ramos, de 15 anos. "Estou fazendo de tudo para ela seguir. Ela gosta muito de comer besteira. Eu estou trocando essas besteiras por coisas mais saudáveis. É um passo de cada vez", comentou a mãe.

A nossa equipe de reportagem apresentou uma lista de 10 alimentos à adolescente. A jovem só precisava classificar os itens em: "gosto"; "mais ou menos"; "não gosto". A banana com aveia ficou sozinha no grupo "não gosto". O refrigerante, também não teve companhia no grupo "mais ou menos". Todos os outros, Maria Fernanda disse gostar: sorvete, chocolate, biscoito recheado, salgadinho, vitamina de abacate, salsicha, salada de frutas e pão.

O nutricionista Júlio Campos não recomenda radicalismo na hora de envolver crianças e adolescentes com alimentação saudável. "Talvez a fruta *in natura* não tenha tanta graça, mas botando alguns desenhos, uma salada de frutas com leite condensado, assim fica mais atraente. Não precisa ser 100% natural, mas a base sendo natural não há mal", orientou.



Foto: Arquivo pessoal

Muita caloria para pouco volume aumenta o risco de doenças cardiovasculares e alguns tipos de câncer também

Júlio Campos

Imposto ampliado

Sancionada em janeiro deste ano, a reforma tributária determinou um imposto seletivo para os refrigerantes. A Lei Complementar nº 68/2025 reconhece que o tributo foi criado para "bens prejudiciais à saúde ou ao meio ambiente". Por outro lado, os produtos hortícolas e minimamente processados, como castanhas, óleos, farinhas e produtos da biodiversidade brasileira, terão alíquota reduzida em 60%.

Conforme o Programa

Global de Pesquisa Alimentar da Universidade da Carolina do Norte dos Estados Unidos (EUA), pelo menos 50 países tinham políticas fiscais com alvo em bebidas açucaradas e alimentos não saudáveis, em 2023. "As pessoas querem se alimentar bem e pagam um preço tão caro e, muitas vezes, um biscoito recheado é R\$ 2. Isso é um absurdo", opinou Júlio Campos.

A nutricionista Heloísa Helena Espínola também apoia o imposto e vai além. Defende que as pessoas organizem seu tempo para cuidar de si mesmose a alimentação, nesse processo, é fundamental. "Fazer seu alimento em casa é um autocuidado. Assim a pessoa se presenteia com uma boa saúde. Você pode fazer do seu alimento o seu medicamento, como dizia Aristóteles", finalizou.

■ O Brasil faz parte do grupo de nações que selecionam os impostos alimentícios baseados na qualidade nutritiva do alimento



Foto: Arquivo pessoal

Edna Ramos, mãe de Danielle, planta o que consome



Foto: Arquivo pessoal

Fazer seu alimento em casa é um autocuidado. Assim, a pessoa se presenteia com uma boa saúde

Helena Espínola

PADRE ZÉ

Hospital tenta se reerguer após crise

Depois de quase fechar as portas em abril, unidade de saúde recupera o direito de receber recursos municipal e federal

Camila Monteiro
 milabmonteiro@gmail.com

O Hospital Padre Zé, localizado em João Pessoa, foi o centro de uma crise em 2023, envolvendo desvios de verbas públicas, quando o Padre Egídio de Carvalho estava à frente da direção. A unidade de saúde filantrópica quase precisou encerrar suas atividades em abril deste ano, em decorrência dos reflexos daquela época, que resultaram em graves desajustes financeiros. Contudo, uma luz no fim do túnel aparece no caminho da instituição como prenúncio de uma nova fase para os paciente e a nova administração do lugar.

Na última terça-feira (27), em uma reunião entre a Prefeitura Municipal; o Procurador Municipal; a Promotoria de Saúde; o secretário municipal de Saúde, Luís Ferreira; a Promotoria de Fundações; a Promotoria do Ministério Público de Contas e o atual diretor do hospital, padre George Batista, definiu-se a efetiva liberação das emendas parlamentares federais para o Hospital Padre Zé, tendo em vista não haver mais impedimentos legais para o repasse de recursos.

O envio de dinheiro público para a entidade, cuja a maior fonte vinha da Prefeitura de João Pessoa, havia sido suspenso com o desenrolar do escândalo que resultou na prisão do padre Egídio, acusado de desviar R\$ 140 milhões da entidade. O motivo é simples: as contas da instituição, que também recebia doações de particulares, tinham sido reprovadas por órgãos públicos. O fato gerou uma crise financeira sem precedentes no Padre Zé.

Com a possibilidade da chegada de verbas federais, o quadro poderá mudar. De

acordo com o padre George, essa regulamentação possibilitará a contratualização dos serviços de saúde ofertados aos pacientes, como do tomógrafo da instituição.

Segundo ele, o hospital receberá as verbas federais que estavam paralisadas desde 2023, após vir à tona o esquema de corrupção que envolvia Egídio e outras pessoas subordinadas a ele. George Batista também explicou que, atualmente, os atendimentos estão ocorrendo normalmente, mas que há um mês e meio havia a possibilidade real do hospital fechar as portas. “Hoje estamos tranquilos, felizes, super realizados. Tenho muito a agradecer ao Estado, à Prefeitura, principalmente, pela contratualização de leitos”, disse.

Entenda a crise

A unidade de saúde esteve em vias de interromper os atendimentos em abril deste ano, devido ao impedimento de repasses públicos advindos da Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa. A interrupção do envio ocorreu após decisão da 6ª Vara da Fazenda Pública da capital, motivada pela reprovação das contas da instituição pela Comissão de Licitação da Prefeitura e também pela Controladoria-Geral do Município, em consequência dos desvios ocorridos na gestão de Egídio.

Porém, mediante uma nova decisão do desembargador Carlos Eduardo Leite Lisboa, o contrato foi renovado, garantindo que a população que depende do centro de saúde tenha seu atendimento continuado.

Esses ajustes monetários ocorreram após a assinatura do Pacto de Adequação de Conduta Técnico-Opera-



Depois que a nova gestão começou a reequilibrar as finanças, número de atendimentos aumentou



cional, realizada no início do mês de maio. O acordo foi proposto pelo Tribunal de Contas do Estado (TCE-PB) e visa garantir a transferência de recursos financeiros para a unidade hospitalar. Esse ajustamento de conduta permitiu também a renovação da parceria entre a instituição, por meio do Instituto São José — responsável pela administração do hospital — e a Prefeitura de João Pessoa. O acordo garante a validade dos contratos entre a cidade de João Pessoa e o hospital,

possibilitando o funcionamento de 120 leitos, com 100 deles destinados aos serviços das Unidades de Cuidados Prolongados, por meio de um financiamento anual de R\$ 9 milhões. “Esse acordo viabiliza o recebimento de emendas parlamentares federais e a retomada de serviços essenciais para a melhoria do atendimento à população mais carente”, afirmou o padre George Batista.

O pacto, que será fiscalizado pelo Ministério Público da Paraíba (MPPB), pro-

move obrigações tanto para o Padre Zé quanto para a Prefeitura Municipal, de modo que os serviços de saúde continuem a ser prestados, mas que haja maior vigilância sobre as movimentações financeiras. Dentre os deveres do hospital está a necessidade de realizar periódicas prestações de contas dos recursos públicos recebidos e apontar quais atividades de assistência médica estão sendo promovidas, efetivamente, mantendo a transparência da gestão desses recursos.

“O Ministério Público, tanto de contas quanto o do Estado, vão acompanhar e analisar a prestação de contas que serão encaminhadas trimestralmente pelo Instituto São José. No período de 12 meses do pacto, que pode ser prorrogado por igual período, haverá visitas institucionais para acompanhar o funcionamento do hospital, que é tão importante para os mais necessitados”, ressaltou o promotor do Ministério Público da Paraíba, Alexandre Nóbrega.

Doações à instituição são monitoradas pelos órgãos de controle

Mesmo diante de uma perspectiva mais otimista sobre a situação atual do hospital, o padre George Batista pontuou que as doações continuam sendo bem-vindas. “Alimento, fralda, medicamento, dietas enteiras serão itens sempre necessários na instituição”, pontuou. O promotor Alexandre Nóbrega ressaltou o papel das instituições de controle para propiciar uma segurança jurídica para a população que estava temerosa em realizar doações para a unidade hospitalar.

“Há uma divisão de águas quando a atual gestão do Padre Zé assumiu, no sentido de imprimir uma administração de transparência e acompanhamento conjunto com os órgãos de controle. Então, para a população: não deixe de fazer suas doações para o hospital, porque esses serviços estão sendo acompanhados, também, pelos órgãos de controle e estão sendo bem gerenciados pela atual gestão”.

O donativo, seja do povo ou de entidades públicas, ajudará a administração a reorganizar a caixa da entidade, que ainda está arcando com débitos antigos. Entre os reflexos da gestão do padre Egídio, foi destacado

que o Padre Zé enfrenta uma consequência da crise de 2023 ainda sem perspectiva de resolução: um empréstimo que foi feito no valor de R\$13 milhões. O hospital segue, então, pagando esse valor. Todo mês, quase R\$300 mil são destinados ao pagamento dessa dívida.

O diretor do hospital frisou o seu trabalho voluntário na direção da instituição de saúde. “Eu fiz um compromisso com Deus: o tempo que eu ficar aqui no hospital, não vou receber um centavo. Nem quero que nenhum membro missionário da Comunidade Filhos da Misericórdia receba um centavo. Nosso trabalho aqui é de amor, é voluntário. O Padre Zé guarda um encanto, um mistério, isso é pura caridade. Então, vale a pena continuar nesse legado que começou há tantos anos”.

Referência

O Hospital Padre Zé é referência em atendimento filantrópico no estado, atendendo majoritariamente pacientes idosos, destacando-se em cuidados prolongados e em pacientes com lesões de pele. Elizabeth Cavalcanti, enfermeira e integrante da Comissão de Pele da instituição, explicou que apesar da

fase de dificuldade, atualmente, o hospital conta com mais leitos do que havia em 2023 e com um quadro maior de funcionários.

O serviço ofertado também foi ampliado. A enfermeira Thabata Greyce, integrante do Núcleo Interno de Regulamentação

(NIR) do Padre Zé explicou que eles conseguem atender mais pacientes, e que o fluxo de atendimento aumentou. Hoje em dia, o hospital conta com 120 leitos pactuados com o município. Assim, o encaminhamento para o hospital ocorre por meio da Secretaria de Saúde de João Pessoa, da seguinte forma: todos os dias são enviadas para a regulação do município as vagas que estão disponíveis, que são tanto as de cuidados prolongados quanto as clínicas. Tudo é feito via Central de Regulação do Município. Apesar de a regulação ser feita pela gestão municipal, o hospital recebe pacientes vindos de todo o estado.

O paciente Manoel Emílio está no hospital há quase dois meses, em tratamento de problemas vasculares. “Graças a Deus, o atendimento aqui é muito bom, não tenho o que falar”. Seu Manoel segue o tratamento na instituição, enquanto aguarda uma transferência para o Trauma. Inha.

Relembra o caso

Em setembro de 2023, foi descoberto um esquema de corrupção envolvendo o antigo diretor do Hospital Padre Zé, padre Egídio de Car-

valho, mediante o desvio de recursos financeiros públicos repassados para o hospital. O ex-diretor responde, atualmente, por seis processos que versam sobre diversos tipos penais, como furto qualificado, peculato, estelionato, lavagem de dinheiro, ocultação de bens e organização criminosa. O valor estimado de desvios é de R\$ 140 milhões.

Com a renúncia do Padre Egídio e da antiga direção, o Hospital Padre Zé enfrentou um escândalo. Investigações apontam que recursos de convênios com a Prefeitura de João Pessoa e a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano, destinados a serviços públicos e sociais, foram supostamente utilizados para a aquisição de bens de luxo, incluindo imóveis de alto padrão, obras de arte e veículos encontrados em nome de Padre Egídio.

Atualmente, o padre Egídio está em prisão domiciliar em seu apartamento, localizado no bairro pessoense do Cabo Branco, utilizando tornozeleira eletrônica. Todos os bens, incluindo os imóveis, foram apreendidos e estão sob custódia da Justiça. Isto é, todos os valores, objetos, casas e

apartamentos estão indisponíveis, aguardando o término do julgamento, para que eles estejam devidamente à disposição, caso seja determinado para o padre Egídio uma pena em dinheiro, como o ressarcimento ao erário público dos valores desviados.



Foto: Arquivo Pessoal

Há uma divisão de águas quando a atual gestão do Padre Zé assumiu, no sentido de imprimir uma administração de transparência

Alexandre Nóbrega



Foto: Leonardo Ariel

Eu fiz um compromisso com Deus: o tempo que eu ficar aqui no hospital, não vou receber um centavo

Padre George Batista

MERCADO PÚBLICO

Ambiente vai muito além das vendas

Espaço resgata a tradição do povo por meio dos inúmeros produtos artesanais, da culinária e da música

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

“Fumo de rolo, arreo de cangalha, eu tenho pra vender, quem quer comprar? Bolo de milho, broa e cocada, eu tenho pra vender, quem quer comprar?”. A canção “Feira de Mangaio”, de Sivuca e Glorinha Gadelha, poderia muito bem estar falando sobre o Mercado Central de João Pessoa. No local, além das frutas, verduras e hortaliças que já são esperadas em qualquer feira livre, é possível comprar plantas, panelas, roupas, utensílios domésticos, brinquedos, chapéu de palha, além de itens de artesanato e outros ligados à cultura popular.

Também há a possibilidade de encontrar aquele “sanfoneiro no canto da rua” citado na canção. Na verdade, uma banda de forró completa, que tocava em um barzinho, onde alguns clientes aproveitavam para apreciar uma cachaça numa manhã de sexta-feira, quando a reportagem visitou o local.

Mesmo com a propagação de supermercados, atacadistas, *shoppings centers* e todos os tipos de lojas espalhadas pelos bairros da cidade, a tradição da feira livre permanece, e pode tornar-se uma experiência gastronômica e cultural para quem se interessar.

A comerciante Maria Lins da Silva, que é conhecida como Irmã da Goma, vende tapioca no mercado que chega ao Mercado Central às 4h30 da manhã e, às 5h, já está vendendo tapioca com café aos primeiros clientes que aparecem para comer, antes de seguirem para o trabalho. Ela tam-

bém vende aos clientes o coco ralado e a goma, massa branca extraída da mandioca. Os produtos, usados para fazer a tapioca são opções para quem prefere fazer o preparo em casa.

Goma de tapioca também é a especialidade de Dona Odaísa que, em agosto, completa 42 anos trabalhando no mercado. Diferentemente das outras massas de fazer tapioca encontradas nos supermercados, geralmente em pacotes de 500 gramas, ela garante que seu produ-

to não tem conservantes e também pode ser comprado em grandes quanti-

■ Mesmo com a propagação de supermercados e atacadistas, tradição da feira livre permanece viva até hoje

dades, já que é vendido a granel. Com isso, a comerciante atrai não só donas de casa, mas também empreendedores que precisam comprar os ingredientes em grande quantidade para fazer tapiocas para vender.

Já a loja de Danusa Ribeiro é a verdadeira representação de um mangaio, com uma variedade de produtos que vai de xaropes naturais, conhecidos como “lambedores”, até armadilhas para ratos e coleiras de couro para cães. Segundo ela, os chás, os tempe-

ros e as raízes são os itens mais procurados pelos clientes. Com a aproximação das festas juninas, os chapéus de palha, colheres de pau, e as peneiras de palha também chamadas de “arupembas” fazem sucesso. “Já começou a venda. Temos algumas peneiras decoradas e tem o chapéu que vem com trança também”, contou.

A cozinheira Lúcia de Andrade estava visitando o mercado pela primeira vez em busca de um coador de café e achou a experiência

muito boa. Ela contou que foi por indicação da amiga Maria Rita, que já é uma cliente fiel. “Eu venho, principalmente, para comprar cestas e baús, porque trabalho cesta de café da manhã”, explicou Maria Rita.

Na loja em que ela estava comprando, o Box da Rita, o trabalho com palha e vime ganha destaque em cestas, chapéus, peneiras, esteiras e peças decorativas de artesanato. Panelas de barro e moringas de diversos tipos e tamanhos também estão disponíveis no local. São produtos tradicionais, que não são encontrados em supermercados.

Um dos proprietários da loja, que é um negócio de família, o senhor Arlindo Freire contou que há 30 anos trabalha com o comércio de produtos regionais no Mercado Central. “Sempre com produto regional, a gente não pode deixar isso aqui morrer”, comentou. Ele acredita, porém, que são necessárias melhoras na infraestrutura do mercado para que o local consiga atrair mais turistas que valorizem os produtos artesanais.



Foto: Roberto Guedes



Dia a dia do Mercado Central engloba o comércio de alimentos, utensílios tipicamente nordestinos e até apresentações culturais

“

Há 30 anos trabalho com produto regional. A gente não pode deixar isso aqui morrer

Arlindo Freire

Na Torre, praça de alimentação atrai turistas e paraibanos

Outro mercado bastante tradicional em João Pessoa é o que fica localizado no bairro da Torre, famoso, principalmente, pela praça de alimentação. No local, comerciantes como Roberto Alexandre, responsável pelo restaurante Fogão da Joselia, chegam cedinho para servir o café da manhã a trabalhadores que começam cedo na labuta, e também aos festeiros que só encerram a noite ao amanhecer. “O pessoal vem da PH tomar café aqui”, contou Roberto, referindo-se à boate localizada no bairro de Mandacaru.

■ No fim de semana, clientes já começam a procurar o local às 2h da madrugada

“O café da manhã daqui do mercado é famoso e é ‘top de linha’. Os cafés de todos os comerciantes aqui são bons. A diferença é o atendimento, mas toda comida do pessoal aqui é boa. Tanto que aqui é lota-

do. Você chega aqui de sábado para o domingo, 2h, 3h da manhã, tem gente de todos os comerciantes aqui são bons. Durante a semana, a gente chega de 4h30, 5h. Aí no fim de semana, a gente chega de 2h30, 3h da manhã”, explicou Roberto.

Além do café da manhã, ele também serve almoço e jantar e afirma que abre todos os dias, inclusive nos feriados. “O pessoal de empresas, que trabalha aqui por perto, vem almoçar aqui. A gente fornece mui-



Foto: Evandro Pereira

Restaurantes atraem desde os jovens que saem de festas na madrugada aos trabalhadores da área

taquentinha também para o pessoal de obra”, disse ele, que estima vender em torno de 250 refeições por dia.

O comerciante observou ainda que, embora receba clientes fiéis, que visitam o estabelecimento com frequência, aparecem pessoas novas todos os dias. “O mais interessante é isso, todo dia é gente diferente”, comentou. Para Roberto, isso acontece porque a praça de alimentação já se tornou referência para os turistas. “Aqui está cheio de

gringos todo dia, pessoas da Argentina, Colômbia, Bolívia. Vêm provar o nosso rubacão, nosso feijão verde, feijão preto, fava. Tudo aqui no mercado da Torre tem. Variedade grande”, salientou.

Já o comerciante Dó, do restaurante do Dó, contou que serve cerca de 350 refeições por dia, e que já é famoso entre os turistas por causa da divulgação que ele, e também alguns influenciadores, fazem nas redes sociais. “Muita gente já chega aqui me procurando porque viu no Youtube”, afirmou.

A médica Cecília Pega-do contou que tem o hábito de sair do bairro de Manaíra, onde mora, para comer no Mercado da Torre. “Eu venho mais para almoçar e também tomar café no domingo. Meu marido também adora. Acho que, por ele, a gente viria todo dia”, observou. A médica explicou que, além de a comida ser boa, seu pai trabalhou na feira por um tempo, por isso ela acabou criando uma relação afetiva com o local.

“

O pessoal vem da [boate] PH tomar café da manhã aqui no meu restaurante

Roberto Alexandre

CINEMA

A arte (não) está na fossa



Fernanda Torres, Wagner Moura, Camila Pitanga e Bruno Garcia: empenhados em fazer um filme — sem saber como

O diretor Jorge Furtado fala sobre “Saneamento Básico, o Filme” e “Ilha das Flores”, que voltam aos cinemas

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Fernanda Torres, vencedora neste ano do Globo de Ouro como Melhor Atriz em Filme Dramático e indicada ao Oscar de Melhor Atriz. Wagner Moura, Melhor Ator no Festival de Cannes. Ninguém em sã consciência vai dizer que eles não sabem o que é fazer cinema. Mas em 2007 eles interpretaram um casal que não fazia ideia de como gravar um e precisaram fazer isso na excelente comédia *Saneamento Básico, o Filme*, de Jorge Furtado, que volta aos cinemas de João Pessoa hoje, às 19h, acompanhado do curta clássico do diretor, *Ilha das Flores* (1989), ambos restaurados. O combo está na nova programação do Cine Bangüê, do Espaço Cultural (veja os outros filmes no quadro) e também terá uma exibição única no Cinépolis Manaíra, na próxima terça-feira (3), às 19h, na Sessão Vitrine.

“A [distribuidora] Vitrine tem esse projeto de relançamento dos filmes e, no final do ano passado, eles nos ligaram, falaram com a Nora [Goulart, produtora do filme] e disseram: ‘Ó, a gente quer convidar vocês, quer relançar nos cinemas o *Saneamento Básico* e o *Ilha*”, conta Jorge Furtado, em conversa com *A União*.

O projeto do relançamento, com restauração em 4K, é, portanto, anterior ao sucesso internacional de *Ainda Estou Aqui*, pelo qual Fernanda Torres ganhou o Globo de Ouro

e foi indicada ao Oscar. “Foi só uma feliz coincidência, e agora está tendo um interesse grande no filme também por causa dela”, diz o diretor. “Eu vejo que no Letterbox tem vários comentários de americanos que estão procurando o filme para saber ‘quem é essa Fernanda Torres’. Então, legal. E o *Saneamento Básico* tem um histórico de, vamos dizer, produção de ‘memes antes do meme’ muito grande, né?”

Não é à toa. O filme tem diversas cenas e diálogos antológicos na história de um grupo de amigos de uma cidadezinha do Rio Grande do Sul que têm um problema: uma fossa aberta e malcheirosa. Procurando a prefeitura, descobrem que não há verba para uma obra no lugar — mas há para fazer um vídeo. A solução, então, é pegar essa grana para fazer o vídeo e, junto, fazer a obra.

Porém, o bichinho do cinema pica os personagens. E o que seria uma gravação qualquer vai evoluindo na ambição artística. Os amigos resolvem fazer um filme de monstro (*O Monstro da Fossa* — ou seria *Melhor do Fosso?*, eles se perguntam). A partir daí, vão questionando e aprendendo naturalmente sobre diversas questões envolvendo a produção de um filme: da linguagem cinematográfica ao *merchandising*.

Com um elenco que inclui ainda Camila Pitanga, Lázaro Ramos, Bruno Garcia e Paulo José, entre ou-

Imagem: Divulgação/Vitrine Filmes



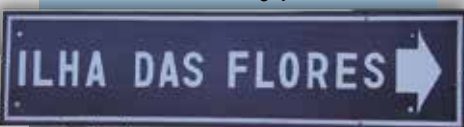
SANEAMENTO BÁSICO, O FILME

■ Brasil, 2007. Dir.: Jorge Furtado. Elenco: Fernanda Torres, Wagner Moura, Camila Pitanga, Lázaro Ramos, Paulo José.

■ Reestrea hoje em João Pessoa.

■ Veja locais e horários no Em Cartaz, na página 12.

Fotos: Divulgação/Vitrine Filmes



“Ilha das Flores” foi eleito melhor curta pela Abraccine



tros, o filme tenta mostrar a importância da cultura e da arte em uma sociedade que, muitas vezes, quer traduzir tudo em números e utilidades diretas.

“O filme fala sobre isso, sobre a importância de, mesmo num país que tem dificuldades como o saneamento básico e tal, é preciso, sim, produzir cultura”, afirma. “Porque a cultura é parte vital de uma sociedade: é educação, cultura, saúde, tem que andar tudo junto. E a cultura é fundamental não só pela economia dela, mas porque a cultura é o que faz a vida valer a pena, né? O que faz a vida valer a pena, além dos contatos humanos, é a produção da arte, da música, da literatura, da dança, da fotografia... Eu não vivo sem isso”.

Há diretores que não gostam de rever seus filmes, mas isso não é um problema para Jorge Furtado, que se diverte com as pessoas que enviam memes do filme e lembram diálogos quando conversam com o diretor. “Às vezes vai passar o filme em um colégio, uma coisa assim, diz: ‘Ah, o filme começa às 10h, então tu pode chegar 11h30’. Eu digo: ‘Não, Vou chegar às 10h porque eu vou ver de novo’”, conta. “Eu gosto de rever porque a gente aprende, vê onde errou, vê o que podia ser melhor, vê o que acertou”.

Ele, portanto, já reviu muito *Ilha das Flores*, que virou um favorito ao usar de sátira a vídeos educativos

para começar falando de uma plantação de tomates, depois explicar o que é lucro e terminar com pessoas tão desamparadas que precisam esperar que porcos escolham sua comida para depois pegar o que sobrou

“Ele passa muito em escolas e mostras e toda hora eu ouço uma notícia dele em algum lugar”, diz Furtado. “É um filme que fala da desigualdade brasileira, que é terrível, continua terrível e, então, ele infelizmente segue atual”.

O reconhecimento do filme é inegável: foi eleito pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) como o melhor curta brasileiro de todos os tempos e, na lista das entidades para os 100 melhores, juntando longas e curtas, ficou em 12º lugar (é o curta melhor colocado).

“Acho incrível. Na França, no centenário do cinema, ele ficou escolhido entre os 100 filmes de curta-metragem mais importantes de todos os tempos”, diz o diretor. “E esse filme é o resultado do meu trabalho, sem dúvida, como diretor e roteirista, mas ele é o trabalho da Nora como produtora, do Giba [Assis Brasil] de montador, da fotografia do Sérgio Amor, do Roberto Henkin, da trilha do Zé Flávio e do Geraldo Flach, a produção da Casa de Cinema. Então, ele é um filme coletivo, foi um esforço muito ativo na época para fazer um curta”.

As outras estreias no Bangüê



AS AVENTURAS DE UMA FRANCESA NA COREIA

Estreia hoje, às 15h. O drama de Hong Sang-Soo tem Isabelle Huppert como a mulher peculiar em crise em Seul.



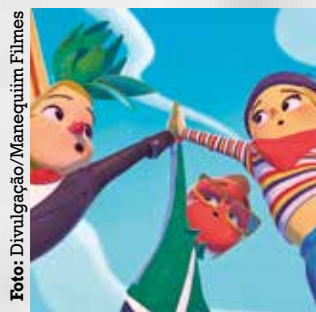
O MELHOR AMIGO

Estreia hoje, às 17h. O diretor Allan Deberton conta a história de dois amigos que se reencontram em Canoas Quebrada, detonando desejos.



AINDA NÃO É AMANHÃ

Estreia no dia 5, às 20h30. O filme toca no delicado tema do aborto: sua protagonista tem planos de vida atingidos por uma gravidez indesejada.



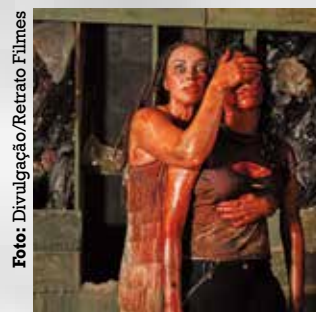
ABÁ E SUA BANDA

Próxima sessão no dia 7, às 15h. O único filme da lista que vem do mês de maio é a animação de Humberto Avelar, com um abacaxi músico e um reino de frutas.



TRILHA SONORA PARA UM GOLPE DE ESTADO

Estreia no dia 8, às 19h. Ótimo documentário indicado ao Oscar usa o jazz para esmiuçar os golpes que a democracia do Congo sofreu.



PRÉDIO VAZIO

Estreia no dia 12, às 20h30. O filme de terror do diretor capixaba Rodrigo Aragão mostra uma jovem em busca da mãe e que vai parar num prédio habitado por almas atormentadas.

Foto: Divulgação/Pandora Filmes

Foto: Divulgação/Vitrine Filmes

Foto: Divulgação/Embaúba Filmes

Foto: Divulgação/Manequim Filmes

Foto: Divulgação/DreamWorks

Foto: Divulgação/Retrato Filmes

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

E se o futuro não der certo?

Sempre que vejo os termos “evolução” e “progresso” os associo a personagens do século 19, numa espécie de memória fotográfica. Lembro-me de Darwin, Spencer, Karl Marx e Augusto Comte – o pai do positivismo e autor da frase da bandeira brasileira “ordem e progresso”. De alguma maneira, essas palavras são o testamento de uma época distante, como as pegadas de dinossauros no interior da Paraíba ou restos de naufrágio encontrados no fundo do mar por algum escafandrista. Tempo em que se acreditava, largamente, na marcha evolutiva da história.

Meus amigos podem confirmar, letra por letra, o que irei dizer. Não tenho temperamento pessimista, não vivo praguando à toa contra o mundo – apesar de concordar que todo ser humano possui bons motivos pra isso, não compartilho de crenças apocalípticas, místicas, teorias da conspiração e nem sou afeito a nihilismos. Mesmo assim, vejamos: eu não encontro motivos racionais para acreditar que o futuro será melhor que o presente ou que essa seria uma tendência natural das coisas. Para completar, também não estou convencido da existência de supostas leis que explicariam a necessidade de uma mudança histórica. Meu ceticismo, então, só aumenta quando escuto que tal transformação resultaria, inevitavelmente, no pro-

gresso da humanidade.

Quem garantirá, meus caros leitores, que o mundo não será destruído por desastre atômico ou hecatombe natural? Se o fim da Guerra Fria arrefeceu um pouco a primeira dessas ameaças, não acabou definitivamente com ela. Não é verdade? Por outro lado, considerando que os dinossauros foram extintos após o impacto de um enorme asteroide sobre a Terra, haveria, porém, motivos plausíveis para duvidarmos que algo assim venha a ocorrer novamente? O que dizer sobre a escassez de água e alimentos? Das discrepâncias climáticas? Dos grandes terremotos e tsunamis? Do risco de colapso natural e econômico? Das ameaças neofascistas e totalitárias? Estaríamos livres de pandemias?

A Organização Mundial de Saúde observa com preocupação o uso indiscriminado de antibióticos; receia que a crescente adaptação e resistência desenvolvidas pelas bactérias tornem inócuas essas substâncias. Isso geraria uma reação em cadeia que redefiniria, radicalmente, os atuais paradigmas da medicina. De modo que seriam necessários gastos imensuráveis com pesquisas para desenvolvimento de novas drogas que, certamente mais tóxicas, produziriam piores e desconhecidos efeitos colaterais. Outra hipótese indigesta é supor

que cairíamos num inevitável ciclo vicioso, retroalimentado com novas adaptações bacterianas e buscas por fórmulas mais eficazes de tratamento. Nesse intervalo de tempo – de ineficácia dos medicamentos – problemas hoje considerados simples como certos tipos de inflamações e ferimentos, vão se transformar em doenças mais severas e em certos casos letais.

Desde que escapemos dessas indesejáveis ameaças é certo que, de acordo com a segunda lei da termodinâmica, daqui a milhões de anos, o Sol esfriará acabando com a vida na Terra. Talvez você esteja pensando: “Ah! levará muito tempo para que essa catástrofe ocorra; daqui para lá já estarei morto; até as pessoas mais sensíveis dificilmente se abalarão com isso!” Sou levado a concordar, mas faço a seguinte ressalva: a notícia deixa, ao menos, latente o sentimento de impotência diante de um fim realmente inexorável.

Os mais otimistas e imaginativos, nesse caso, deverão se apegar à possibilidade de colonização de outros planetas – saída para poucos ricos e poderosos, entre os quais não me incluo. Pode-se imaginar ainda uma intervenção divina no capítulo final, no clímax da tragédia, seria o desenlace mais justo e apoteótico, que colocaria uma pedra definitiva sobre tudo; mas acho a mais surreal das histórias narradas até aqui.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Crise capitalista e embrutecimento

O capitalismo é reconhecido por sua capacidade de fomentar o crescimento econômico e a inovação tecnológica, enquanto sistema econômico hegemônico, no mundo contemporâneo. Contudo, é imperativo reconhecer que sua configuração atual, caracterizada por dinâmicas desumanizantes, tem contribuído significativamente para o aumento dos índices de transtornos mentais, em especial a depressão. Tal enfermidade, cuja prevalência tem crescido globalmente, deve ser compreendida como um sintoma das contradições inerentes a um modelo que privilegia a maximização do lucro em detrimento do bem-estar social e da qualidade de vida.

A crise capitalista, fundamentada na exploração intensiva da força de trabalho e na precarização das condições laborais, instaura um ambiente propício ao desenvolvimento de sofrimento psíquico. Enquanto sujeito produtivo, o trabalhador é reduzido a um agente instrumental cujo valor está estritamente vinculado à sua capacidade exaustiva e desumana de gerar lucro para os outros. Essa condição gera insegurança empregatícia, metas excessivamente rigorosas e competição exacerbada, elementos que potencializam estados crônicos de estresse, ansiedade e depressão. Esse fenômeno é estudado pelo geógrafo britânico David Harvey (1935) em seu livro *O Novo Imperialismo*, publicado em 2004. Entre suas obras mais conhecidas destacam-se: *A Justiça Social e a Cidade* (1973); *Condição Pós-Moderna* (1992); *Espaços de Esperança* (2000) e *A Produção Capitalista do Espaço* (2005).

Um dos objetivos das pesquisas de David Harvey é compreender o funcionamento e a dinâmica espacial do sistema capitalista e sua função nas relações sociais contemporâneas. Outra importante contribuição de seus estudos foi a abordagem da ideia de espaço, que distingue as concepções de espaço absoluto – influenciado pelo filósofo, físico e matemático francês René Descartes (1596–1650); espaço relativo – inspirado nas contribuições do físico alemão Albert Einstein (1879–1955); e espaço

relacional, incorporando elementos filosóficos que se afastam das medições exatas e englobam as relações de possibilidade. Em evolução a esse raciocínio, o cientista britânico desenvolveu um dos mais importantes conceitos do pensamento geográfico das últimas décadas: a compressão espaço-tempo. A partir disso, ele visualizou a dinâmica nascente no contexto da globalização de superação das distâncias, em que as transformações técnicas e tecnológicas foram capazes de acelerar os acontecimentos, os níveis de produção econômica e a integração política.

Nos dias atuais, o capitalismo promove uma cultura consumista que fomenta a insatisfação contínua. A mídia e as redes sociais instauram falsos padrões idealizados de consumo e sucesso, os quais se revelam inalcançáveis para a maioria dos cidadãos. Esse fenômeno de comparação social e frustração contribuem para a construção de um sentimento generalizado de inadequação e baixa autoestima, componentes centrais a experimentar marginalização social e agravamento do sofrimento psíquico como acelerador para transtornos depressivos. Isso foi estudado pelo filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925–2017) em

seu livro *Vida para Consumo – A Transformação das Pessoas em Coisas*, publicado em 2007.

Os impactos sociais e econômicos da depressão no contexto do capitalismo reduzem a produtividade e aumentam os custos em saúde pública. As respostas institucionais restringem-se à prescrição de psicofármacos, sem abordar as causas estruturais do problema. Portanto, torna-se necessária uma política de Estado que inclua a redução da jornada de trabalho e o fortalecimento da rede pública de saúde mental. Simultaneamente, é urgente valorizar a cooperação, promovendo a reconstrução dos vínculos sociais fragilizados, orientados por uma perspectiva que transcenda a brutalidade do lucro e valorize a dignidade humana.

Sinta-se convidado à audição do 522º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 1, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, analisarei os regionalismos presentes em algumas obras do compositor e regente brasileiro Heitor Villa-Lobos (1887–1959), que contribuem para o processo de desembrutecimento social.

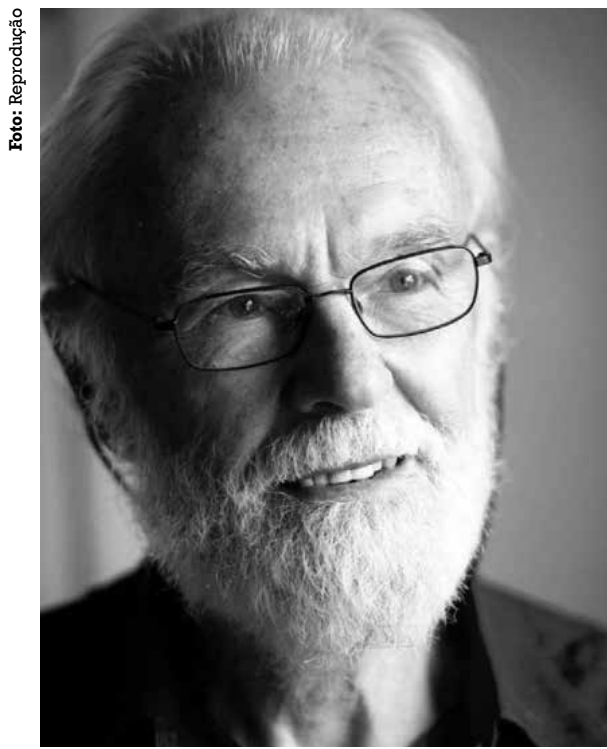


Foto: Reprodução

David Harvey lançou, em 2004 o livro “O Novo Imperialismo”, no qual aborda a crise capitalista

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Mulheres inventivas

Claro que não existem mulheres invisíveis, mas elas e por elas dão nó em pingos d’água. A expressão “mulheres invisíveis”, veio da secretária de Desenvolvimento Social da prefeitura de João Pessoa, Norma Gouveia, uma mulher visível e inteligente. Mas existem, sim, mulheres invisíveis.

Norma uniu-se a presidente da Aemp, Nalva Coutinho, e elas realizaram uma ação com vinte catadoras de material reciclável do Movimento da Economia Solidária de João Pessoa. Uma janela virada para o mundo. Foi bonito de ver. Uma sinapse a olho nu.

Mulheres de faixas etárias diferentes participaram do projeto, que incluiu fazer os cabelos, as unhas dos pés e das mãos, almoçarem na sede da Aemp, no Centro de João Pessoa, e receberem kits de higiene pessoal. Teve sorteios e bolo.

Se não há lugares para essas mulheres conhecidas como invisíveis, que trabalham para ajudar a família limpando o meio ambiente, as ruas, de manhã cedinho, elas se encontram e se encantam e deixam de ser invisíveis, nem que seja na hora do almoço.

Perto de nós, essas mulheres são de uma importância solar, elas driblam as grandes distâncias, das eras em que não existia lixo reciclável nas ruas e as pessoas não jogavam tantas latas e plásticos e pets nas nas avenidas. As catadoras paraibanas vem de longe e elas nem precisam saber do lixo ocidental.

Elas nos livram e nem reparamos. Há sempre um saveiro pronto para levá-las entre as palavras de ordem e de pôr ordem. Elas são capazes e não precisam de mídia ou porta-voz.

Antes do almoço, na Aemp, numa pequena solenidade, uma delas pediu para falar e parecia uma tempestade de realidades, sem se repetir, que elas têm a força e entre outras tantas a descobrir uma pela outra e qualquer reflexo ou eco vem delas, do que elas constroem. Eu fiquei besta. Trabalhadoras de boas intenções.

Entrevistei algumas, outras e vi que elas são superiores, driblam com cara e coragem e seguem afastando o vazio de si mesmas, quando dizem que têm filhos e casa para dar conta, mas não abrem mão do trabalho.

Nas expressões não existem refúgios, nem rosas, e o dia das mães, dos namorados e aniversários são ligeiros. Nem toda mulher gosta de rosas. Elas limpam a cidade e limpam a nossa barra, enquanto vivemos entregues à ressaca da destruição das cidades e do meio ambiente.

Não somos nada e somos chatos, orgulhosos, bem visíveis, porque cada um cuida de seu perfil, sua festa, seu look, seu clique, sua cartase, seu ego. Elas são descobertas, expressões e experimentos e são inventivas, nós que não somos morremos sozinhos.

Cosendo os dias entre si, elas são mais que catadoras de material reciclável, são colhedoras à superfície de uma vida dura, sem bobagens, beicinhos, acintes tiktok de quem não está a olhar para elas, confessadamente visíveis.

Mulheres tocando a vida diante dos longínquos, avistadas umas pelas outras, mas tão certamente sobreviventes. Eu fiquei feliz em poder participar de um dia com elas, a quem dedico esse texto, do que posso dizer da vida, por elas existem.

Kapetadas

1 – O Brasil não é um bebê reborn: os guris oscilam e parecem real, mas de perto, percebe-se que não respiram nem comem.

2 – Por distração, ou bobeira, mandam o manual da geladeira em PDF para o Jabuti e ganham o primeiro lugar.



Foto: Arquivo pessoal

“Perto de nós, essas mulheres são de uma importância solar”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Aos guardiões do ainda vivo “celuloide”

Há algum tempo, quando do lançamento de mais um livro meu, um repórter me perguntou sobre o que eu achava da produção cinematográfica paraibana. Entendendo-se referir aos dias de hoje, indaguei-lhe, então: “Você se refere à atual produção videográfica, não?”

A Paraíba sempre teve uma tradição documental bastante reconhecida. Sob as condições oferecidas, hoje, acho-a excelente. Justamente porque essa produção documental atual se dá sob as facilidades de um meio tecnológico mais amplo, com base no recurso da “digitalização da imagem”, lógico, pela televisão influenciado. Deixando de lado o habitual uso do “celuloide”, ou seja, da película fílmica.

Uma base sólida de conhecimento linguístico, estético e técnico, voltada para as nossas condições reais, que o próprio cinema paraibano nos impõe, é a criatividade. E me sinto igualmente mentor e responsável, como os demais de minha geração, pelo que hoje vemos. Tanto no tempo/espaço da realização fílmica, no “rodar da manivela”, como no plano diante das câmeras.



Foto: Arquivo pessoal

João Córdula (à direita), na época do cinema educativo da PB

Essa garotada que hoje esbanja talento, ganha prêmios e representa tão bem o nosso cinema já teve assento em nossas salas de aulas. Tanto nos cursos de Comunicação Social, na UFPB, como em outros cursos específicos de linguagem cinematográfica. Quantos deles viveram comigo as primeiras experiências

do “fazer fílmico”? Quem jamais esquece as periódicas oficinas de cinema do Festival de Arte de Areia, ou mesmo na Funesc, quando da sua inauguração, no início dos anos 1980?

Contudo, jamais devemos esquecer que toda essa resistente trajetória nos foi também legada pelos nossos

iniciadores — Walfredo Rodriguez e João Córdula. Nobres legados, pioneiros que empreenderam seus reais esforços artesanais, na busca de melhor performance ao nosso “cinema de província”.

No caso específico de João Córdula, homem simples, mas criativo na sua função de guardião de nossas “coisas de cinema”, eu o conheci sempre de boa índole, amigo e partícipe de nossas ideias de realização. Mesmo guardando suas limitações, jamais se negou em vestir conosco a camisa do fazer, do realizar cinematográfico, que tinha mais de “artesanal” que de científico e profissional. As luzes e as sombras conseguidas imprimiram em qualidade e quantidade o “celuloide” do início dos nossos sonhos. Muito mais do que terá sido hoje, firmando o contributo a uma perspectiva inovadora de realização fílmica, na Paraíba.

Portanto, mesmo hoje, comungo bons augúrios ao processo obstinado, resistente e a saga da nossa atual produção videográfica! (Para mais “Coisas de Cinema”, acesse: alexsantos.com.br)



APC: Zezita Matos será homenageada

A Academia Paraibana de Cinema congratula-se com sua integrante, a atriz paraibana Zezita Matos, pela homenagem que receberá neste fim de semana, por ocasião do encerramento da Mostra de Cinema Itapeti, em São Paulo. O evento se dará no Theatro Vasques, de Moji das Cruzes, numa realização da Associação Cultural Quântica Laboratório de Arte Contemporânea.

Zezita Matos, que tem trajetória de sucesso nacional no cinema, teatro e televisão, foi presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC) em duas gestões e atualmente exerce assessoria junto ao professor João de Lima Gomes, presidente da APC.

ARTES VISUAIS

Rodrigues Lima expõe no Sesc de Música

Daniel Abath
 abathjornalista@gmail.com

Além dos sons, o 3º Festival Sesc Paraíba de Música (confira a matéria da página 12) oferecerá a oportunidade de contemplar, em Areia, a partir de amanhã, a exposição *Territórios Entrelaçados – Itatuba e Areia: Relevo, Topografia e Identidade*, do artista visual Rodrigues Lima. Com entrada franca, o trabalho fica exposto até o próximo domingo (8), no Centro da Cultura e Arte Horácio de Almeida, com horários de visitação das 8h às 17h.

A mostra reúne 60 pinturas do artista produzidas de 2014 a 2025, com predominância do uso de óleo e acrílico, além de dois painéis monocromáticos em carvão vegetal, em alusão às conexões entre as paisagens da Serra Velha, local de nascimento de Rodrigues, e a cidade de Areia, berço do pintor e escritor Pedro Américo. “Minha poética artística está toda fundamentada nas minhas memórias afetivas de infância. Represento emoções e lembranças através de um olhar visto do alto, pois nasci literalmente no alto da serra”, explica Rodrigues, que há 30 anos vive em João Pessoa, mas preserva a perspectiva panorâmica da terra natal em suas obras. A exposição mescla elementos como topografia,



Foto: Divulgação

O artista plástico em ação: mostra reúne 60 pinturas no Centro Horácio de Almeida

vegetação e clima das duas regiões, destacando semelhanças, mesmo em contextos geográficos distintos.

“Também é como se eu estivesse fazendo uma alusão à memória de Pedro Américo, que emerge de um fragmento da paisagem de Areia”, diz o artista, em uma referência ao pintor de “Independência ou Morte”, ou “O Grito do Ipiranga”, que é, antes de tudo, simbólica.

Rodrigues aponta uma influência inconsciente de sua infância em Serra Velha, onde desenhava a paisagem observada de pontos elevados. “Era uma prática rotineira

representar cenários a partir de diferentes ângulos. Hoje, pinto em qualquer lugar do mundo como se ainda estivesse observando lá do alto”, afirma.

“Sempre faço relação com Paul Cézanne, que pintou o Monte Sainte-Victoire milhares de vezes”, continua. “Serra Velha está para mim como o monte está para Cézanne”.

Além das paisagens, a exposição vislumbra a natureza morta, com pinturas de frutas nativas em primeiro plano, outro elemento recorrente na obra do artista. “Algumas pessoas relacio-

nam essa minha estética à pintura dos holandeses que vieram ao Brasil para documentar a paisagem brasileira. Naturalmente há uma coincidência muito grande, mas minha abordagem é autobiográfica, não documental”, ressalta.

Com o olhar sempre voltado para a observação e as lembranças, Rodrigues já planeja para o próximo ano uma nova série dedicada a flores nativas de sua região. “É um exercício constante de observação que venho fazendo e que provavelmente resultará em uma outra série de trabalhos”, adianta.

Letra Lúdica

Hildeberto
 Barbosa Filho
 hildebertopoesia@gmail.com

Literatura e vida

Quando dava aulas de Literatura no curso de Letras da UFPB, Campus 2, Campina Grande, vez e outra, lia ou dizia um poema ou trecho de um poema de que gosto muito. Nessas ocasiões, a sala de aula se transformava num espaço vivo e aberto, próprio para o diálogo e a discussão.

Primeiro, entregue uma cópia do texto a cada aluno, eu dizia ou lia em voz alta, tentando repassar, no exercício da leitura, as componentes intrínsecas e estéticas do texto. Ou seja, ritmo, tom, perspectiva, vocabulário e outros recursos retóricos. Não entrava, de logo, na questão do mérito. Temas e motivos, deixava para depois.

Em seguida, pedia que esse ou aquele aluno lesse o poema, também em voz alta. Terminada a leitura, eu fazia algumas considerações de ordem didática, observando, sobretudo, aspectos da prosódia e da ortoépia, assim como a tonalidade, a cadência, a pausa e as acentuações na elocução dos versos. A leitura oral sempre me pareceu indispensável.

Sabe-se que não se deve ler o verso como se lê a prosa. O verso exige uma parada mais longa ao fim de cada linha, evitando-se, assim, a leitura continuada de um verso para outro. Alguns vocábulos, associados ao imperativo semântico, carecem de uma pronúncia mais destacada, assim como certas figurações da linguagem.

Preocupava-me, aqui, com a aprendizagem dos alunos no sentido de que percebessem e sentissem o lastro material das palavras, a força do significante tanto quanto do significado, a virtualidade corpórea da expressão poética e, em especial, com o fato de que, no verso e no poema, as palavras possuem musicalidade, cheiro, tatilidade, visibilidade e sabor.

Por isso mesmo, insistia muito nesses tópicos técnicos, para demonstrar que a linguagem poética é uma linguagem diferenciada, cuja organização pressupõe consciência crítica e capacidade criativa. Mais que o que se diz, na tessitura de um poema, importa o como se diz. O poema é conteúdo, mas é, principalmente, forma. Forma estética plenamente configurada.

Num terceiro momento, procedia a um debate sobre o texto lido. Pedia para cada aluno comentá-lo, dentro de suas possibilidades e ao calor de suas impressões, levando-se em conta os elementos literários, por um lado, e, por outro, as componentes humanas e existenciais que o texto encerra no seu corpo expressivo.

O que mais me tocava, para além da intimidade que certos alunos já começavam a adquirir no trato com os poemas, era o fato de que a discussão extrapolava os limites da matéria técnica, para alcançar os, em outra chave, problemas reais da vida em geral ou mesmo da individualidade e/ou subjetividade dos alunos presentes.

Alguém falava dos seus sentimentos a partir dos sentimentos sugeridos pelo poema. O poema, em sendo poema, também era um vetor de esclarecimento e revelação. Um artefato mágico que nos ajudava a melhor compreender o mundo e os seus mistérios.

Deixo, a título de conclusão, uma passagem de Alberto Caeiro, que sei de cor e que li muitas vezes em sala de aula. Imaginemos as suas ressonâncias:

“Todo mal do mundo vem de nos importarmos uns com os outros, / Quer para fazer bem, quer para fazer mal. / A nossa alma, o céu e a terra bastam-nos. / Querer mais é perder isto, e ser infeliz!”.



Foto: Reprodução

Alberto Caeiro foi um dos pseudônimos de Fernando Pessoa

Colunista colaborador



TENDÊNCIA

Campo político plural, mas enxuto

Atualizações na legislação estimulam associações de partidos para barrar o crescimento desenfreado de siglas

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

“O que é uma ‘sociedade democrática’? É uma sociedade pacificada e harmoniosa, onde as divergências básicas foram superadas e onde se estabeleceu um consenso imposto a partir de uma interpretação única dos valores comuns? Ou é uma sociedade com uma esfera pública vibrante onde muitas visões conflitantes podem se expressar e onde há uma possibilidade de escolha entre projetos alternativos legítimos?”

A reflexão é proposta pela cientista política belga Chantal Mouffe, no artigo “Democracia, cidadania e a questão do pluralismo”, no qual ela apresenta o dissenso não como uma anomalia a ser superada, mas uma condição inerente à vida democrática. Uma ideia similar defende a Constituição Federal de

1988, que ostenta o pluralismo político — e, consequentemente, partidário — como um de seus princípios fundamentais.

No entanto, o que era para ser um traço marcante da democracia, por representar a multiplicidade de ideias, transformou-se numa avalanche de agremiações, muitas delas com ideologias fracas. A falta de essência e de comprometimento com valores pré-definidos também resultou em parcerias relâmpago, interessadas tão somente no desempenho no pleito e no favorecimento de candidatos específicos. Tal comportamento — nocivo ao sistema eleitoral brasileiro — motivou legisladores a criar mecanismos que enxugassem a lista de partidos políticos.

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) apontam que o Brasil chegou a ter 35 partidos políticos em 2015. No mesmo ano, começaram

os movimentos para reduzir o número de agremiações. A Lei nº 13.165/2015, conhecida como minirreforma eleitoral, dificultou a criação de legendas, ao definir um prazo de dois anos para comprovação do apoio de eleitores não filiados. Desde então, só um partido foi criado, o Unidade Popular (UP), em 2019.

Em 2017, houve outro marco na legislação eleitoral: a Emenda Constitucional nº 97, que estabeleceu o fim das coligações partidárias nas eleições proporcionais, a partir da instituição de regras sobre o acesso dos partidos aos recursos do fundo partidário e ao tempo de propaganda em rádio e televisão. Conhecido como cláusula de barreira, o regramento também definiu, em sistema progressivo, percentuais mínimos de votos válidos a serem atingidos por um partido para que ele eleja um representante na

Câmara dos Deputados.

Nas Eleições 2018, quando o piso era de 1,5%, 14 partidos fracassaram na missão de alcançar a cláusula. Em 2022, quando o percentual mínimo subiu para 2%, 15 legendas esbarrraram na legislação. Com isso, nove partidos recorreram a fusões e a incorporações e deixaram de existir em suas formas originais: PPL, PRP, PHS, PSL, DEM, Pros, PSC, Patriota e PTB.

Outro passo para acabar com a disseminação das legendas partidárias foi dado com a Lei nº 14.208/2021, que estabeleceu um novo modelo de aliança entre agremiações: as federações. Esse tipo de articulação funciona como teste para uma possível fusão ou incorporação. Nas federações, as siglas preservam suas autonomias, mas devem funcionar como uma só agremiação por um período mínimo de quatro anos, de forma unificada, sem concor-

rer entre si. Essa forma de aglutinação, teoricamente, permite que partidos nancos aumentem suas chances de alcançar a cláusula de barreira. Mas as federações não atraíram apenas as siglas de menor expressividade parlamentar — legendas tradicionais também aderiram ao formato.

Conforme o TSE, já existem três federações no país, com validade até maio de 2026: Brasil da Esperança, composta por PT, PCdoB e PV; PSDB-Cidadania; e Psol-Rede. Recentemente, União Brasil e Progressistas (PP) anunciaram sua federalização. Além disso, há expectativa de que a também recém-noticiada fusão entre PSDB e Podemos evolua para uma federação com o Solidariedade. Apesar de essas novas uniões ainda não terem sido formalizadas legalmente, é possível que elas estimulem outras aglutinações de siglas.

Saiba Mais

Entenda a diferença entre fusão, incorporação e federação:

■ Na fusão, os órgãos de direção dos partidos políticos elaboram projetos comuns de estatuto e programa. Após o processo de deliberação conjunta, as legendas envolvidas são extintas para a criação de uma nova agremiação;

■ Na incorporação, uma das legendas é extinta e incorporada à outra, que permanece com sua situação jurídica anterior à aliança;

■ Na federação, as siglas funcionam como uma única agremiação e podem apoiar quaisquer candidatos, desde que permaneçam assim durante todo o mandato. Isso significa que elas devem vigorar por, pelo menos, quatro anos.

Especialistas divergem sobre tipo de aliança

O cientista político Flávio Lúcio analisa que as federações contribuem para a coerência das associações entre partidos. “Os partidos ficam mais sob controle de pessoas, de indivíduos que têm o comando naquele momento. Mas [as federações] também permitem uma certa coerência, em termos de vínculo, entre as alianças locais e as alianças nacionais, porque, no Brasil, há uma verdadeira bagunça. [Existe uma articulação] com um partido de direita no estado ou no município e, nacionalmente, você tem uma coligação de esquerda. Quando Lula foi presidente pela primeira vez, todo o Centrão estava com ele, o mesmo Centrão que antes estava com o Fernando Henrique e que depois foi apoiar Temer, Bolsonaro e agora está com Lula de novo”, exemplifica.

O especialista aponta, ainda, que a política brasileira tornou-se “messiânica”, com lideranças como Lula e Bolsonaro substituindo a importância dos partidos. Ele questiona a capacidade desse cenário representar a diversidade, apontando a pouca representatividade de setores trabalhistas e camponeses no Congresso.

“Essa diversidade, se você considerar o tamanho das bancadas e o peso so-

cial, sempre foi muito pouco representativa. Nós temos uma política muito ‘messiânica’; você tem aquelas figuras, aquelas lideranças carismáticas, como Lula e Bolsonaro, e elas, em certo sentido, substituem os partidos e acabam aglutinando setores da sociedade em torno delas, ficando os partidos em segundo plano. A legislação está mudando só para favorecer os grupos dominantes desses partidos. São as lideranças que estão ali em cima, que têm força no Congresso, que têm força no empresariado; são essas [forças] que estão controlando os partidos, mas não há nada democrático nisso”, avalia.

Outro olhar

Já o advogado Lincoln Mendes, especialista em Direito Eleitoral, vê as federações de forma negativa. Segundo ele, o formato fa-

■ Apesar de objetivo ser contribuir com a coerência entre partidos, aglutinações podem provocar rupturas locais

vorece as rupturas locais, devido à imposição de decisões nacionais. “É uma decisão nacionalmente adotada que vem em cascata para os estados, que, às vezes, não têm essa comunhão de interesse”, critica.

Para o jurista, a cláusula de barreira, sim, foi um acerto, pois freou a criação indiscriminada de partidos motivada apenas por interesses eleitorais, em vez de

ideológicos. “Você inviabiliza o funcionamento de legendas de aluguel, porque as pessoas que estavam nesse interesse vão se aglutinar em outras ideias. Você tem partidos, às vezes, que defendem a mesma bandeira, mas há um conflito pessoal. O interesse privado estava preponderando muito e eu vejo como um avanço a criação da cláusula de barreira”, opina.

Lincoln Mendes defende que melhorias no sistema eleitoral dependem da educação da população. “Em longo prazo, não tem outro caminho; só há como fortalecer esse sistema todo — para melhorar a representatividade, a disputa, deixar o jogo mais justo — se todo mundo tiver acesso à educação, acesso de qualidade. Eu não vejo outra perspectiva de melhoria, a não ser pela educação”, declara.

Lideranças questionam harmonia das federações

Lideranças partidárias também põem em dúvida o caráter unificador das federações. O presidente estadual do Progressistas, Enivaldo Ribeiro, até reconhece o fortalecimento nacional do partido, mas afirma que a consolidação de seus benefícios na Paraíba ainda é incerta. A principal indefinição, para o dirigente, reside no posicionamento do senador Efraim Filho (União Brasil).

“O partido ficou mais forte em nível nacional, mas aqui, na Paraíba, eu acho que não tem muita modificação. Eu não sei como é que fica a situação, por exemplo, do senador Efraim, porque ele não está sintonizado com o atual governo, como nós estamos. A gente tem uma posição privilegiada; em número de votos, nós temos mais do que o União. A gente tem [no nos-

so grupo político] dois deputados, dois senadores e um vice-governador”, analisa.

O cenário também não é dos mais harmoniosos na Federação Brasil da Esperança. O presidente estadual do PT, Jackson Macêdo, defende que a manutenção dos acordos seja debatida em 2025, com o objetivo de evitar conflitos nas Eleições Gerais. Na visão do dirigente, as direções nacionais dos partidos precisam unificar a tática eleitoral estadual.

“Tem que haver um debate verticalizado de tática eleitoral, porque, se a federação continuar, pode ter certeza que nós vamos ter, nas eleições de 2026, o PT apoiando determinado candidato a governador; o PCdoB apoiando outro; e o PV apoiando outro. Não teremos, necessariamente, nos 27 estados, uma unidade política”, prevê.

Atualmente, há 29 partidos registrados no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). São eles:

- MDB (incorporou o Partido Popular)
- PDT
- PT
- PCdoB (incorporou o PPL)
- PSB
- PSDB
- Agir (antigo PJ, PRN e PTC)

- Mobiliza (antigo PNM)
- Cidadania (antigo PPS)
- PV
- Avante (antigo PTdoB, incorporou o Pasart e o PNTB)
- Progressistas
- PSTU

- PCB
- PRTB
- DC (antigo PSDC)
- PCO
- Podemos (antigo PTN, incorporou o PHS e o PSC)
- Republicanos (antigo PMR e PRB)

- Psol
- PL (antigo PR, criado a partir da fusão com o Prona)
- PSD
- Solidariedade (incorporou o Pros)
- Novo
- Rede

- PMB
- UP
- União Brasil (fruto da fusão entre DEM e PSL)
- PRD (fruto da fusão entre Patriota e PTB)



Foto: Agência Brasil

Texto aborda temas como o acesso à terra e ao crédito, parcerias com instituições e presença em negociações envolvendo o segmento

PLANO NACIONAL

Permanência de jovens no campo vira Projeto de Lei

Iniciativa visa combater o êxodo rural na faixa etária de 15 a 29 anos

Agência Brasil e
Agência Câmara

Um projeto que cria a Política Nacional de Juventude e Sucessão Rural foi aprovado na Câmara dos Deputados, nessa semana, com o objetivo de integrar e promover a permanência desse grupo nos espaços rurais, por meio da articulação de políticas, programas e ações ligados à sucessão na propriedade da agricultura familiar e à garantia de direitos da juventude. O Projeto de Lei (PL) nº 9263/2017 é de autoria do deputado Patrus Ananias (PT-MG) e segue para análise do Senado.

O texto do projeto, que conta com a colaboração de outros deputados da sigla, destaca que o êxodo rural é uma realidade em muitos países e que o Brasil tem poucas iniciativas para reverter esse cenário.

“O êxodo da juventude rural coloca em risco a sucessão geracional da agricultura familiar, com implicações diretas sobre a segurança e soberania alimentar, hídrica e energética do país. Por isso, a necessidade de políticas públicas voltadas à promoção da vida e da dignidade dos jovens e das jovens do campo, das florestas e das águas não está ligada somente aos direitos desse segmento, mas tem

implicações mais gerais para toda a sociedade”, justificou Ananias.

Pelo projeto, a política nacional define juventude rural como jovens da agricultura familiar de 15 a 29 anos e sucessão rural como a continuidade intergeracional nas propriedades rurais.

Para identificar o público-alvo, serão usados o Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico) e o Cadastro Nacional Agricultura Familiar.

Entre outros pontos, a proposta estabelece diretrizes como o acesso à renda, ao desenvolvimento técnico e ao fortalecimento das redes ju-

venis, além de objetivos como a oferta de serviços públicos, acesso à terra, geração de trabalho e renda, e participação social.

Entre os eixos de atuação, estão o acesso à terra e ao crédito rural adequado; parcerias com instituições de ensino, pesquisa e entidades do Sistema S; acesso à educação no campo, com adoção da pedagogia da alternância; apoio à criação de cooperativas e associações de jovens agricultores; garantia de presença da juventude rural nos espaços de negociação e debate e nas instâncias de controle e representação social e popular responsáveis pela política criada.

Grupo terá preferência na venda de alimentos

Pela proposta, os jovens agricultores serão incluídos no grupo prioritário do qual as escolas deverão comprar alimentos do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae).

A compra preferencial também será incluída na lei do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) para programas de assistência alimentar a pessoas de baixa renda.

Pelas regras do programa, 30% dos gêneros alimentícios devem ser adquiridos da agricultura familiar. Com o texto, será dada preferência para alimentos vendidos por mulheres e jovens rurais da agricultura familiar em percentuais a serem definidos em regulamento.

Além disso, o projeto incluiu, no Estatuto da Juventude, o incentivo a medidas a favor desses jovens, como o fomento a atividades econômicas no campo vinculadas aos setores da cultura e do turismo; e a promoção de programas que favoreçam a formação e a profissionalização de agentes culturais no campo.

Comitê Gestor

A execução do plano

nacional de Juventude e Sucessão Rural será feita em cooperação entre a União, entes federados e sociedade civil, por meio de um Comitê Gestor de Alimentos, cuja participação será não remunerada.

Para o financiamento das ações, além de recursos previstos no orçamento da União, o texto autoriza a criação de linhas de crédito específicas com instrumentos mitigadores de riscos, dentro de programas, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), o Programa Nacional de Crédito Fundiário – Fundo de Terras e da Reforma Agrária e de fundos constitucionais de financiamento, como os fundos do Norte, Centro-Oeste e Nordeste.

“Para a execução do Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural, poderão ser firmados convênios, acordos de cooperação, ajustes ou outros instrumentos congêneres com órgãos e entidades da administração pública federal, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, com consórcios públicos, organizações da sociedade civil e entidades privadas”, enfoca o texto.

Proposta provoca debate entre os parlamentares

Segundo o relator, deputado Zé Silva (Solidariedade-MG), a proposta traz inquestionáveis avanços no trato da questão sucessória na agricultura familiar e da juventude rural. “É uma tentativa de garantir a continuidade da agricultura familiar no Brasil, por meio de políticas de sucessão geracional e fortalecimento deste segmento fundamental para a vida social e econômica do país”, afirmou.

Durante o debate em Plenário, Zé Silva lembrou que a realidade populacional se inverteu da década de 1970 para os dias atuais: naquela época, 15% da população brasileira morava em cidades e 85%, no campo. E, hoje, menos de 15% mora no campo. “É importante o Estado cumprir o seu papel dando condições para o jovem ficar no campo”, disse.

O deputado Sanderson (PL-RS), vice-líder da oposição, não orientou contra a votação da proposta. Ele atendeu ao pedido do líder da Frente Parlamentar da Agropecuária, deputado Pedro Lupion (PP-PR).

Contudo, o deputado Delegado Caveira (PL-PA) declarou que o projeto está “cheio de viés ideológico” ao citar que o texto trata da pedagogia da alternância, metodologia francesa aproveitada pelo pe-

dagogo Paulo Freire, com períodos intercalados em casa e na escola. “Eles querem, nada mais nada menos, enfiar goela abaixo viés ideológico em todo mundo”, criticou.

Já a deputada Soraya Santos (PL-RJ) afirmou que é importante lutar para o jovem continuar na área rural qualificado e produtivo. “É um programa nacional que, nas mãos de um bom gestor, faz uma tremenda revolução”, declarou.



Foto: Kayo Magalhães/Câmara dos Deputados

É uma tentativa de garantir a continuidade da agricultura familiar no Brasil, por meio de políticas de sucessão

Zé Silva

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

A fazenda modelo do Dr. Odilon Maroja

Meu estimado amigo, o jornalista Geraldo Almeida, fez a gentileza de me ofertar dois livrinhos de sua editora Itabaiana Hoje, acabados de sair do forno. No mesmo fim de semana, recebo do meu outro dileto amigo Beto de Zé de Paulo o livro de crônicas “Águas do Povo”, de autoria do itabaianense Reginaldo Alves de Araújo, radicado em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

O livro de Reginaldo ainda estou lendo. Belas crônicas de sua terra adotiva, a cidade de Aquidauana. Histórias dos pioneiros daquele eldorado no coração do Brasil. Já li os dois volumes, presentes de Geraldo, até porque são brochuras com 39 páginas.

Um deles, escrito por Cláudia Lopes Cavalcante, chama-se “Porque Deixei Campo Grande”. Relato da trajetória de vida da professora Cláudia, apresentado pelo próprio Geraldo Almeida de Aguiar. Para ele, “dona Cláudia foi professora muito estimada na comunidade da Escola Elementar Mista Solon de Lucena, na margem esquerda do rio Paraíba, construída pelo prefeito Fernando Pessoa, em 1926”. Ela foi a última professora naquela escola, “já que, na gestão do prefeito Luiz Paulino, foi construída uma nova escola em terras de José Dias de Oliveira”.

O outro livreto é uma relíquia da literatura itabaianense, escrito por Mário Melo, contando a viagem que fez no começo do século 20 à Fazenda Modelo, em companhia do Dr. Odilon Maroja. O relato foi publicado no jornal O Município, da cidade de Itabayana, como se grafava na época. O autor conta que partiu de Itabaiana para Salgado de São Félix a cavalo, passando por Guarita, “uma pequena povoação que antes era conhecida por Lauro Muller, nome em homenagem ao ministro que mandou fazer a estrada de ferro e a belíssima ponte ferroviária”, ainda hoje existente no vilarejo. Na viagem, os excursionistas visitaram as obras do “templo católico de estylogóthico”, que vem a ser a igreja de Guarita. O autor demonstra certa depressão ao passar “entre meia dúzia de casas brancas, sem estylo, sem arte, sem alinhamento”. Guarita permanece quase do mesmo jeito.

Os viajantes são recebidos na fazenda modelo, na povoação de Salgado de São Félix, “uma pequena vila semelhante à Guarita, si bem que mais povoada, tendo uma rua única, de cerca de cinquenta metros de largura, que se estreita mais adiante num lastimável desalinhamento, para se alargar aproximando-se do leito do rio”. De utilidade pública, possui apenas duas escolas municipais, uma agência dos correios e a capelinha consagrada a São Félix. Quem olha para o oriente vê um prédio de estilo não definido, aparentando um “pomposo palácio”. É a casa do dono da Fazenda Modelo, cujas terras penetram no estado de Pernambuco, com as propriedades Salgado, Alagamar, Campos, Amazonas e São José, estas últimas em terras pernambucanas. Nessas fazendas, plantava-se o algodão e se praticava a criação de gado vacum. Na época, Odilon Maroja fazia melhoramentos genéticos em búfalos e outras raças como a famosa vaca leiteira “Hollandesa”, muito boa de leite. Na fazenda ainda imperava o “Caracu”, primeiro boi trazido para o Brasil, de origem portuguesa, bom de carne, de trabalho e de leite.

Resumindo, o autor destaca a Fazenda Modelo de Odilon Maroja como “um empreendimento notável pela situação geográfica e geológica, pela uberidade do solo e condições climáticas”. Sem falar na administração modelo.

Hoje, você chega a Salgado, vindo de Itabaiana, e vê o antigo “pomposo palácio” dos Maroja caindo aos pedaços, em ruínas, corroído pelo descaso, denotando o desrespeito à memória do lugar. Ruínas urbanas e rurais, porque a Fazenda Modelo nasceu antes do povoado. É a gênese de Salgado de São Félix, que deixa à margem sua riqueza histórico-cultural. Lastimável o fim de uma fazenda que já foi considerada modelo no começo do século 20; hoje, um imóvel esquecido pelos herdeiros e pelo Poder Público, em processo quase irreversível de degradação.

FOZ DO AMAZONAS

Exploração de petróleo sofre críticas

Para especialistas, criação de novas frentes do combustível agrava mudanças no clima e não tem retorno social efetivo

Fabiola Sinimbú
Agência Brasil

Vazamentos, acidentes e altas emissões de gases do efeito estufa são alguns dos problemas apontados por moradores de municípios onde o petróleo é amplamente explorado no Brasil. Além dos riscos ambientais, especialistas criticam o que chamam de “corrida contra o tempo” do país na busca por novos locais para exploração do combustível fóssil. Segundo eles, a pressa é inócua, uma vez que a demanda de petróleo deve sofrer grande desaceleração nos próximos anos.

O pescador Humberto Sales Almeida, de 42 anos, nasceu e foi criado na comunidade Baía do Araçá, na cidade de São Sebastião, em São Paulo. Filho e neto de pescadores, ele diz que a chegada da indústria do petróleo modificou a pesca artesanal da região. Na memória, ficou a época em que saía com o pai para fazer a pesca de caceio. Eles jogavam a rede a favor da maré e voltavam com o pescado para vender na comunidade.

“Hoje, a gente que mora aqui, em São Sebastião, tem o porto de carga seca, temos o petroleiro ali no meio e é tudo dentro de onde a gente pescava. A gente não pode mais pescar nessa área devido ao tráfego de embarcações de navios e também

ao prático que passa ali e já passou por cima de pessoas, quase tirando a vida. A própria Capitania [dos Portos] multa quando a pessoa passa próximo a um navio; se esquecem de que a comunidade era ali”, afirma o pescador.

A cerca de 30 km de distância da comunidade de Humberto, a pescadora Ladisla Crispim dos Santos afirma que costumava pescar com rede na margem, aproveitando a maré, além de coletar mariscos. “Eu sustentei, por muito tempo mesmo, os meus filhos com o marisco da areia, que a gente chama aqui de ‘bibigão’. Um bolinha assim de marisco, muito gostoso, mesmo”, relembra a moradora da região do Porto Novo, em Caraguatuba.

Segundo ela, tanto o pescado quanto o marisco eram abundantes. “A gente passava e cutucava assim com o calcanhar, com o pé, para pegar. Quando teve o primeiro vazamento de petróleo aqui, no litoral, não acabou por completo e a gente ainda encontrava, mas veio o segundo vazamento, pronto. Não tem mais nem para contar a história”, diz.

Acidentes

No último ano, o Brasil registrou 731 acidentes marítimos comunicados por operadoras de petróleo à Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocom-



Pescadores se queixam do risco de acidentes e da queda na oferta de peixes e mariscos, causados pela indústria petrolífera

bustíveis (ANP). Foi o maior número já registrado pelo órgão, cuja série histórica iniciou em 2012, com 349 acidentes. O dado compreende todos os tipos de incidentes de comunicação compulsória, independentemente de vazamento. “Entre eles, encontram-se: falhas em equipamentos, falhas em poços, acidentes com funcionários, doenças, entre outros”, destacou a ANP, em nota.

Na região do litoral de São Paulo, o primeiro vazamento de maior proporção ocorreu em 2013. A Petro-

bras Transporte (Transpetro) foi condenada pelo impacto causado na região. Segundo os pescadores, outros eventos com danos permanentes foram registrados no local. “Eles jogam dispersante em cima do convés [do navio] e batem água. Então, vem todo esse dispersante para o mar que, com o tempo, afunda, vai parar no Recife e mata todos os ovos de peixes”, conta Humberto Almeida.

Perdas e danos

Esses e outros prejuízos

foram reunidos no “Relatório Analítico de Perdas e Danos da Cadeia do Petróleo e Gás do Pré-Sal”, produzido pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e pelo Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), por meio do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS).

Segundo Ana Flávia Pinto, pescadora da Praia do Peres, em Ubatuba, e coordenadora da Frente Luta da Pesca Artesanal do FCT, o documento reúne danos

econômicos, sociais, culturais e emocionais. “A gente tem sido impactado de várias formas. Os fundeiros de navio, essa passagem dos petroleiros, têm diminuído o pescado e dificultado, para nós, tanto o sustento das nossas famílias como a geração de renda nas comunidades. Tem também o perigo de a gente estar ali no pescador, com a rede de embarcação, e, de repente, ser atropelado ou ter atropelados os apetrechos de pesca. A gente vem sentindo muito medo mesmo”, relata.

Blocos na Margem Equatorial do país serão leiloados no dia 17

No dia 17 de junho, a ANP realizará o 5º Ciclo da Oferta Permanente de Concessão (OPC), quando serão leiloados 172 blocos de petróleo e gás em todo o país. As novas frentes incluem 47 blocos na bacia da Foz do Amazonas, na Margem Equatorial, área do litoral do país apontada como o novo pré-sal. Localizada no Norte do país, entre os estados do Amapá e Rio Grande do Norte, a Margem Equatorial apresenta significativo potencial petrolífero. As reservas são estimadas em pelo menos 30 bilhões de barris de petróleo, segundo a Petrobras.

As áreas da bacia da Foz do Amazonas poderão ser leiloadas devido a uma nota técnica, de julho de 2020, que define locais admissíveis às atividades de exploração e produção de petróleo e gás natural. O documento é assinado pelos Ministérios de Minas e Energia e do Meio Ambiente. A nota, entretanto, não substitui a exigência da Avaliação Ambiental de Área Sedimentar (AAAS) e apenas permite que os leilões ocorram enquanto o processo de licenciamento ainda está em andamento.

Em 19 de maio, a Petrobras conseguiu aprovação, pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), do

plano sobre a fauna para o bloco FZA-M-59, na Bacia da Foz do Amazonas, localizado a 175 km da costa, em uma profundidade de 2.880 m. Essa é uma das medidas para a obtenção da licença ambiental para perfuração de poço exploratório em águas profundas do litoral do Amapá.

Na avaliação do engenheiro ambiental Juliano Bueno de Araújo, diretor técnico do Instituto Internacional Arayara, todas essas ofertas, entretanto, são uma aposta — feitas antes mesmo de saber se há viabilidade ambiental. “Quando você faz um leilão novo, a gente vai ter o primeiro galão de petróleo dessas novas explorações sendo disponibilizado daqui a oito anos”, explica.

Ainda segundo ele, as comunidades são convencidas de que o petróleo é sinônimo de desenvolvimento para a região explorada. “Existe o canto da sereia de que a indústria do petróleo significa riqueza, mas a gente tem que se perguntar: a riqueza é para quem? Porque, no passado, nós ouvimos que o pré-sal resolveria o problema da saúde e da educação do país e não resolveu”, comenta.

Na avaliação de Araújo, o Brasil se encontra, atualmente, em uma corrida contra o tempo para aproveitar os últimos anos de crescimento da



Foto: Arquivo pessoal

Existe o canto da sereia de que a indústria do petróleo significa riqueza, mas essa riqueza é para quem?

Juliano Bueno de Araújo

demanda do petróleo, antes da transição energética de grandes potências afetar o mercado. “Há uma aceleração, em especial nos últimos seis anos, em relação a ofertas de agigantadas áreas de blocos de petróleo para concessão ou partilha dentro do país, sinalizando essas reservas de hidrocarbonetos, seja de gás natural ou de petróleo, às empresas brasileiras e estrangeiras”, declara.

Fontes renováveis devem ser aposta após desaceleração da demanda

O relatório “Oil 2024”, da Agência Internacional de Energia (IEA, na sigla em inglês), aponta uma desaceleração da demanda mundial por petróleo nos próximos anos, à medida que os países avançam em suas transições energéticas. “O aumento do uso de veículos elétricos, as tecnologias emergentes de energia limpa e as políticas de eficiência mais expansivas estão se combinando para traçar uma trajetória de crescimento muito mais lenta para a demanda por petróleo, estabilizando em direção ao fim do nosso período de previsão de 2023-2030”, destaca o documento.

O Plano Estratégico da Petrobras também reconhece que o pico da capacidade de produção deverá ser atingido em 2029, mas deixa clara a perspectiva de abrir novas frentes enquanto houver demanda. Para a empresa, a produção de óleo a partir da Margem Equatorial é uma decisão estratégica para que o país não tenha que importar petróleo no horizonte de 10 anos. O governo brasileiro defende ainda que os recursos dos combustíveis fósseis vão financiar a transição energética do país.

Para o especialista em conservação da WWF-Brasil, Ricardo Fuji, além da baixa ex-

pectativa de que esse petróleo chegue ao mercado a tempo de atender ao último pico de demanda, a chance de o Brasil ter um produto competitivo em relação a custo e emissões é muito baixa. Além disso, ao continuar abrindo novas frentes exploratórias de petróleo e gás, o país perde posição nos fóruns internacionais de discussão climática e se torna mais frágil.

Segundo Fuji, o país teria mais protagonismo se explorasse de forma consistente a liderança em energias renováveis. “A gente tem um potencial, que já estamos aproveitando, de energia solar e eólica, e, nesse sentido, a gente tem vantagens competitivas para oferecer energia renovável em mercados internacionais, mas também conseguir influenciar os caminhos que os países vão adotar para fazer a transição energética, e isso tem bastante implicação para os próximos anos”, avalia.

A gestora ambiental do ClimaInfo, Carolina Marçal, acredita que há uma contradição entre a abertura de novas frentes de exploração de combustíveis fósseis e a urgência climática causada pelo aquecimento do planeta. Ela aposta ainda em um caminho diferente para o desenvolvimento do país: investimentos na in-

dustrialização verde com base na expansão de geração de energia por fontes renováveis e aplicação de salvaguardas socioambientais para evitar problemas com comunidades e com o meio ambiente. “A experiência brasileira e mundial mostra que a indústria do petróleo concentra renda, beneficia poucos e não promove desenvolvimento socioeconômico para todos”, alega.



Foto: Arquivo pessoal

O Brasil tem vantagens competitivas para oferecer energia renovável em mercados internacionais

Ricardo Fuji

EM TRÊS CERTAMES

Reta final para realizar inscrições

Edital em PE, PB e RN somam 491 vagas para profissionais de níveis médio e superior, com salários de até R\$ 7 mil

Priscila Perez
 priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Quem está de olho em uma vaga no serviço público precisa se apressar. Estão abertas, mas por pouco tempo, as inscrições para três concursos importantes nos estados da Paraíba, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte. Em João Pessoa, a Prefeitura abriu 403 vagas só na área da Educação. Já em Caruaru, são 36 vagas em cargos variados. E, no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), há 52 oportunidades para professores no modelo de dedicação exclusiva. Os três certames abrangem cargos de níveis médio e superior, com salários que vão de R\$ 1,5 mil a R\$ 7,1 mil.

Com 403 vagas de nível superior, o concurso da Prefeitura de João Pessoa é o maior entre os três. As oportunidades estão distribuídas entre os cargos de professor da Educação Básica 1 e 2 (em diversas áreas, como Dança e Artes), assistente social escolar, psicólogo, pedagogo e bibliotecário. Dependendo do cargo, os salários podem chegar a R\$ 4.567,31 e incluir gratificações. Já a jornada de trabalho varia de 30 a 40 horas semanais. Quanto à avaliação, o processo será composto por prova objetiva, marcada para o dia 29 de junho, e avaliação de títulos.

Se você já atua na área da Educação e mora em João Pessoa, é bom ficar atento, pois o prazo de inscrições termina amanhã. Para participar, basta acessar o site do Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assisten-

cial Nacional (Idecan) e seguir as instruções. A taxa cobrada é de R\$ 120. Segundo o cronograma atualizado, o gabarito preliminar será divulgado um dia após a aplicação da prova. O resultado definitivo, por sua vez, deverá ser oficializado no dia 8 de outubro.

Prefeitura de Caruaru

Em Pernambuco, a Prefeitura de Caruaru prorrogou o prazo de inscrição de dois concursos que, juntos, somam 36 vagas imediatas para cargos de níveis médio e superior. No primeiro edital, estão contemplados cargos como bibliotecário, engenheiro especializado em segurança do trabalho, técnico em arquivo, fiscal da Procuradoria de Proteção e Defesa do Consumidor (Procon), inspetor sanitário e auxiliar de serviços administrativos. Já o segundo oferece cinco vagas para analista de controle interno, cargo que exige graduação em Administração, Ciências Contábeis, Direito ou Economia.

O certame oferece salários de R\$ 1,5 mil a R\$ 5 mil, com jornada de 40 horas semanais. Para participar, o candidato tem até o dia 3 de junho para efetuar a inscrição no site do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM Concursos), com taxas de R\$ 72 a R\$ 97. Sobre o processo seletivo, serão aplicadas provas objetiva e dissertativa no dia 6 de julho, além de análise de títulos em etapa posterior.

Instituto Federal

No Rio Grande do Norte, por sua vez, o Instituto Fede-



Seleção da Prefeitura de João Pessoa tem oportunidades para professor da Educação Básica 1 e 2, assistente social escolar, psicólogo, pedagogo e bibliotecário; inscrições terminam amanhã e são realizadas no site da banca executora do concurso



ral lançou edital com 52 vagas para o cargo de professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, em regime de dedicação exclusiva. As oportunidades estão distribuídas por diversas áreas do conhecimento, como Filosofia, Física, Matemática, Química, Moda, Administração, Informática, Geografia, Educação Física, entre outras. Os salários vão de R\$ 6,1 mil a R\$ 7,1 mil, conforme a titulação do candidato – especialização, mestrado ou doutorado.

As inscrições podem ser feitas até o dia 3 de junho, pelo

site da Fundação de Apoio à Educação e ao Desenvolvimento Tecnológico do Rio Grande do Norte (Funcern).

Quanto à avaliação, o processo incluirá a aplicação de provas objetiva, discursiva e de desempenho, todas previstas

para 20 de julho. Após essa etapa, haverá ainda a análise de títulos. A carga horária é de 40 horas semanais.



Pelo QR Code, acesse o edital do IFRN



Pelo QR Code, veja o edital da Prefeitura de Caruaru



Pelo QR Code, veja o edital da Prefeitura de João Pessoa

Carreira na dança exige técnica, gestão e atualização constante

Seja no palco, na sala de aula ou no salão de forró, quem vive da dança sabe que a profissão exige mais que paixão pela arte: requer estudo, entrega, versatilidade e, acima de tudo, resistência. Joyce Barbosa e Samir Gomes conhecem bem essa trajetória. Ela, com 31 anos de carreira, atua como artista, professora e pesquisadora. Ele, professor e produtor de forró, largou a área de Tecnologia da Informação (TI) para viver exclusivamente da dança. A partir de experiências tão diferentes, eles falam sobre os desafios de transformar a dança em profissão em um país onde a arte ainda ocupa um lugar secundário.

Em ambos os casos, a esco-

lha pela dança não foi racional. Joyce, pós-doutora em Artes Cênicas e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com muitas oficinas e residências artísticas na bagagem, brinca que não foi algo consciente. “Comecei a me dar conta de que, ao fazer arte, eu dizia o que não poderia ser dito, mostrando o que estava escondido, quase como uma alquimia que vai revelando o que existe por trás de cada manifestação pessoal”, relata a artista.

Assim como Joyce, Samir teve uma percepção parecida quando pisou em uma sala de aula pela primeira vez, em 2009. “Antes mesmo de dar meu primeiro passo de dança, eu já sa-

bia, em algum lugar dentro de mim, que aquilo faria parte da minha vida de forma profunda”. O tempo confirmou essa sensação. Em 2017, ele deixou sua carreira na área de TI para trás para se dedicar à dança — e, segundo Samir, foi algo libertador.

Mas transformar esse encantamento em profissão é outra história. Ambos apontam a falta de reconhecimento, estrutura e políticas públicas como barreiras comuns aos artistas de modo geral. Para Joyce, o que mais pesa é a ausência de uma compreensão em âmbito nacional sobre a importância da cultura na construção da cidadania. “A partir do momento que

não entende isso, você não propõe leis e políticas públicas para o avanço da área, o que dificulta a geração de emprego”, reflete.

Ela destaca que, ainda hoje, muitos cursos superiores de dança no Nordeste funcionam sem o mínimo necessário. “Existem cursos sem sala de visualidades ou salas cênicas. Jamais um curso de Medicina existiria sem um laboratório de anatomia. Não faz sentido”.

Já Samir, que hoje atua como professor, dançarino, coreógrafo e produtor de conteúdo, levanta a questão do “ponto de partida” como um dos principais desafios da profissão. Isso porque, como ele mesmo lembra e se inclui, “a maioria das pessoas precisou fazer uma transição de carreira e começou ganhando muito pouco”.

Para ele, logo depois, quando o nome já se torna uma referência no mercado, é preciso persistir para administrar bem o crescimento. “Isso exige o desenvolvimento de habilidades em outras áreas, como gestão, marketing, finanças, comunicação. Ou seja, para que as pessoas comecem a enxergar mais valor no seu trabalho, é preciso empreender”, complementa.

Áreas de atuação

Não à toa, quem vive de dança tem múltiplos caminhos pela frente. Do lado artístico,

é possível atuar como bailarino, diretor artístico, dramaturgo ou coreógrafo. Então, como Joyce ressalta, a sugestão é buscar companhias que realizem audições.

Já na área da Educação, o ideal, segundo ela, é ter gosto por estudar, investir em especializações como mestrado e doutorado, ser curioso e buscar referências, mesmo fora da dança. “O ideal é que você siga estudando, se atualizando, conversando com seus pares, movendo seu corpo numa prática adequada ao que você pretende enquanto artista. E, se possível, faça cursos, residências, oficinas, conheça a cultura local, os mestres, os artistas e esteja nas ações de dança”.

Samir também compartilha da mesma visão sobre a importância de ampliar repertórios e investir em qualificação. “A formação contínua faz parte: estudar didática, comunicação, corpo humano, musicalidade. Tudo isso faz parte do pacote”, resume. Ele lembra que, ao lidar com saúde, bem-estar e autocuidado, o professor precisa ir além da técnica para proporcionar uma experiência completa aos alunos e ainda cuidar da gestão da equipe, administrar o negócio e produzir conteúdo. Por isso, Samir Gomes reforça a importância de ter um planejamento claro de carreira, defi-

nir seu público e ser resiliente para dar conta de tudo. “Desenvolver a parte intelectual é tão importante quanto a prática. E saber se comunicar e tratar as pessoas com respeito é tão importante quanto dar uma boa aula”, conclui.

Se você já atua na área e tem interesse em ingressar no serviço público, vale ficar atento ao concurso da Prefeitura de João Pessoa, que está oferecendo cinco vagas para professor de dança. A oportunidade é para quem tem Licenciatura Plena em Artes, com habilitação em Artes Cênicas, e interesse em atuar na rede municipal de ensino. A seleção está na reta final.



Saber se comunicar e tratar as pessoas com respeito é tão importante quanto dar uma boa aula

Samir Gomes



Joyce Barbosa tem 31 anos de carreira e atua como artista, professora e pesquisadora

Foto: Rafael Passos/Arquivo pessoal

Selic

Fixado em 7 de maio de 2025

14,75%

Salário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

+0,91%

R\$ 5,718

Euro € Comercial

+0,82%

R\$ 6,493

Libra £ Esterlina

+0,68%

R\$ 7,705

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Abril/2025 0,43

Março/2025 0,56

Fevereiro/2025 1,31

Janeiro/2025 0,16

Dezembro/2024 0,52



NA PARAÍBA

Indústria do etanol quer venda direta aos postos

Demanda pelo biocombustível cresceu 47% no estado, nos últimos quatro anos

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

O Sindicato da Indústria de Fabricação do Alcool da Paraíba (Sindalcool-PB), que representa as usinas produtoras de etanol do estado, defende a comercialização do produto na Paraíba diretamente aos postos de combustíveis revendedores, isto é, sem a mediação das distribuidoras. A Lei Federal nº 14.292/2002 permite essa prática, contudo, a atividade precisa ser normatizada pelos estados.

Na Paraíba, em 2021, foi publicado o Decreto nº 41.663, que prevê essa regulamentação, ou seja, estabelece que as usinas possam realizar o comércio do etanol biocombustível diretamente com os postos. Contudo, o sindicato explica que as usinas desejam que esse trâmite ocorra de modo que os mesmos benefícios fiscais concedidos às distribuidoras também sejam garantidos aos postos e às usinas, e que esse ponto ficou de fora do decreto.

No caso da comercialização acontecer sem o intermédio das distribuidoras, as usinas seriam responsáveis pelo recolhimento do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para a Secretaria de Estado da Fazenda (Sefaz-PB). Assim, as usinas querem ser beneficiárias de incentivos fiscais, como créditos presumidos de ICMS, tal qual acontece com as distribuidoras de combustíveis. De acordo com a Sefaz-PB, essa demanda está em análise pela instituição.

Segundo o presidente-executivo do Sindalcool-PB, Edmundo Coelho, essa tramitação direta pode resultar em diminuição de valor do biocombustível, além de trazer um ganho de eficiência econômica. “Ao invés da comercialização ser uma intermediação, uma intermediação que tem um custo elevado, passa a ter um ganho maior dentro do próprio estado. Ou seja, uma parte maior da receita ficará dentro do estado e isso pode beneficiar o consumidor também”.

Outro ponto bastante atual, trazido pelo presidente do sindicato, é a diminuição da emissão de gases nocivos à camada de ozônio. O sindicato defende o uso do biocombustível como importante para o processo de transição energética e a consequente diminuição dos gases de efeito estufa.

“Nós queremos alcançar um ambiente de redução a zero das emissões em todos os setores. E a contribuição da indústria do etanol, das usinas da Paraíba, é para que isso venha a acontecer o mais



Foto: Ornilo Antônio/Arquivo A União

Empresários acreditam que a compra direta dos produtores usineiros reduziria os custos

rápido possível”, comentou.

Lucas Rosas, diretor de logística da rede de Postos Opção, explica que comprando diretamente com as usinas existe a vantagem de diminuição dos custos, contudo,

como ainda não há um contrato estabelecido nos mesmos moldes do que é feito com as distribuidoras, há um receio, pelo setor, de desabastecimento. Apesar disso, o diretor de logística pontua que, além do

etanol ser produzido a partir da cana-de-açúcar, há também a produção derivada do milho. “Isso ameniza a preocupação de desabastecimento, por não ser uma produção sazonal”, destacou.

Vendas do combustível passaram de 189,6 milhões de litros em 2024

De acordo com Edmundo Coelho, a indústria do etanol representa 5% da arrecadação do estado com combustíveis, além de gerar 20.000 empregos e pagar 48 milhões em salários por mês.

A demanda pelo biocombustível vem crescendo exponencialmente nos últimos quatro anos na Paraíba, apresentando uma alta de 47%. As vendas passaram de 124 milhões de litros, em 2021, para 189,6 milhões, em 2024. De acordo com o Sindalcool, esses números são estimulados pelo crescente número de veículos flex no estado.

A safra 2024-2025 de cana-de-açúcar na Paraíba teve início em meados de agosto de 2024 e foi finalizada em março deste ano. Neste período, as usinas ligadas ao sindicato produziram 339.846 litros de etanol, tanto o anidro quanto o hidratado.

O hidratado é aquele vendido nos postos para abastecer os carros flex, já o anidro é misturado à gasolina para aumentar a capacidade do combustível de resistir a altas temperaturas e pressões.

Meio ambiente

Quando comparado com a gasolina, o uso de etanol



Foto: Divulgação/Sindalcool-PB

Usinas produziram 339 mil litros de etanol na última safra

pode reduzir em até 90% a emissão de gases de efeito estufa, sendo o biocombustível com a menor pegada de carbono, de acordo com a União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bionergia (Unica).

No ano de 2024, com o aumento do consumo de etanol hidratado na Paraíba, evitou-se a emissão de 489 mil toneladas de CO₂ na atmosfera. O relatório da Agência Internacional de Energia (IEA), frisou a importância do etanol na conversão para uma economia de baixo carbono.

Crédito presumido

É um incentivo fiscal estadual que diminui o valor do imposto a ser pago sobre as operações praticadas, de modo a estimular o cresci-

mento econômico e aumentar o potencial competitivo de alguns setores econômicos.

É um incentivo fiscal estadual que diminui o valor do imposto a ser pago sobre as operações praticadas, de modo a estimular o crescimento econômico e aumentar o potencial competitivo de alguns setores econômicos.

■ No ano passado, o consumo de etanol hidratado na Paraíba evitou a emissão de 489 mil toneladas de CO₂

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

PB tem menor taxa de desocupação da história

A Paraíba alcançou, no primeiro trimestre de 2025, a menor taxa de desocupação desde o início da série histórica da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), iniciada em 2012: 8,7%. Esse avanço expressivo é atribuído a uma combinação de fatores, como o esforço articulado das esferas governamentais, com destaque para ações de qualificação e inclusão produtiva promovidas por prefeituras, especialmente a de João Pessoa. Setores como Serviços e Construção civil também contribuíram significativamente, juntamente com políticas públicas mais eficazes, programas sociais voltados à empregabilidade e parcerias estratégicas com o setor privado.

Apesar dos avanços, um dado revela que o desafio ainda é grande: um em cada quatro paraibanos está subutilizado no mercado de trabalho. Esse indicador alerta sobre a qualidade das ocupações geradas. Muitas dessas pessoas atuam em empregos informais, com contratos precários ou em jornadas inferiores ao desejado, o que reflete um mercado de trabalho ainda incapaz de oferecer estabilidade, direitos e renda adequados.

O perfil dos trabalhadores subutilizados revela desigualdades estruturais profundas. Os mais afetados são jovens em busca do primeiro emprego, mulheres — especialmente aquelas responsáveis pelo cuidado familiar —, e pessoas com baixa escolaridade. Geograficamente, a subutilização é mais intensa nas Zonas Rurais e nas periferias urbanas, onde há menos dinamismo econômico e oportunidades formais.

Vários fatores dificultam a plena inserção desses grupos no mercado de trabalho formal. A baixa qualificação profissional, barreiras logísticas — como transporte precário e ausência de creches — e preconceitos sociais contribuem para manter essas pessoas à margem do sistema. Além disso, a informalidade ainda é dominante em muitas regiões, tornando a transição para o trabalho formal mais complexa e onerosa.

Um componente crítico da subutilização é o desalento — a desistência de procurar emprego. Trata-se de uma situação que representa não apenas o fracasso de políticas públicas em alcançar esses indivíduos, mas também um enorme desperdício de potencial humano e econômico. O desalento expõe a urgência de iniciativas mais ousadas para reverter esse ciclo de exclusão e desesperança.

Mesmo com crescimento em setores como turismo, serviços e agroindústria, a economia paraibana ainda enfrenta entraves estruturais. A baixa qualificação da força de trabalho, a desigualdade na infraestrutura logística, a fraca inovação em alguns setores produtivos e a concentração regional dos investimentos limitam uma expansão mais equitativa do mercado de trabalho.

Para que a redução da desocupação seja sustentável e inclua todos os segmentos da sociedade, é necessário investir em políticas públicas integradas. Qualificação profissional territorializada, incentivo à formalização, fortalecimento de redes de apoio e descentralização dos investimentos são caminhos fundamentais para combater a subutilização e promover uma inserção produtiva real, justa e duradoura.



Apesar dos avanços, um em cada quatro paraibanos está subutilizado no mercado

João Bosco Ferraz

EM CABACEIRAS

Pousada alia vivência e conservação

Com planejamento, casal construiu empreendimento unindo preservação ambiental e turismo de experiência

Katiana Ramos
Agência Sebrae

Quando adquiriu uma propriedade rural no município de Cabaceiras, Cariri paraibano, Sargeano Xavier e Talita Lucena queriam apenas ter um espaço no campo para sair um pouco do ambiente urbano. Inicialmente, o local seria estruturado para a criação de caprinos, atividade tradicional na região. Mas, ao ver a beleza natural e a calma do campo, o casal decidiu criar um espaço para receber hóspedes. Surgiu a pousada Matuto Sonhador.

Sargeano conta que não tinha noção de como administrar uma hospedaria, nem por onde começar. Mas sabia que queria um espaço acolhedor, confortável e que refletisse a beleza da natureza do Cariri. A partir desse desejo de empreender com o turismo, ele e a esposa Talita procuraram o Sebrae para colocar os planos em prática, e a pousada foi ganhando forma.

“Pretendia ter uma propriedade rural que eu pudesse desenvolver uma atividade do campo mesmo, como a criação de cabras. Aos poucos, fui me encantando com a casa, a noite e a natureza ao redor. Aí foi surgindo a ideia da pousada. Queríamos construir algo bacana que fosse útil para nós e para a comuni-

dade ao redor”, lembra o empreendedor.

Ele conta que, para começar a empresa, fez consultorias e capacitações, pois queria reunir a essência da vivência rural, mas preservando a natureza e adotando práticas de sustentabilidade. Tudo isso, segundo conta, foi

um desafio. Mas ele e a esposa estavam dispostos a aprender e aplicar tudo em prol do sucesso do negócio. “Não tinha nenhuma *expertise* na área de turismo. Eu queria dar o meu melhor na administração do local e sempre busquei ações que viessem a otimizar e potencializar a administração do meu negócio. Sempre tive no Sebrae uma parceria, e eles fizeram tudo para nos assessorar”, acrescenta Sargeano.

De acordo com a gestora de Turismo e Economia Criativa do Sebrae, Regina Amorim, a iniciativa dos empreendedores em buscar conhecimento e realizar um planejamento estratégico foi assertiva. “A gestão empresarial é sempre bem-vinda para qualquer negócio e, quando se trata dos serviços e dos equipamentos turísticos, é muito importante para gerenciar os custos, viabilizar o *marketing* digital, selecionar os eventos setoriais mais adequados e principalmente inovar”, explica.

Turismo sustentável

Foi pensando justamente na inovação que Sargeano e Talita buscaram técnicas sustentáveis e aliadas do meio ambiente para desenvolver o negócio. Eles recuperaram uma área de degradação ambiental, plantaram cerca de cinco mil mudas de árvores, recuperaram o solo e ainda instalaram equipamentos de energia solar e sistema biodigestor. “Procuramos manter a nossa natureza ao redor intacta e procuramos desenvolver métodos administrativos que contemplem isso. Era uma terra compactada, cheia de valas e hoje é um pedaço que está com solo protegido e reflorestado. É um motivo de orgulho nosso”, comenta o empreendedor.

Para Regina Amorim, investir em sustentabilidade no negócio, sobretudo com relação a ações de proteção ambiental, é um diferencial para qualquer empresa, mais ainda, no setor turístico. “É um

diferencial que se completa com a identidade cultural e com o conceito do negócio que é valorizado pelos clientes, sejam eles de lazer ou corporativos”, reforçou.

No futuro, Sargeano e Talita planejam primeiramente desenvolver atividades típicas do campo, como o plantio de alimentos, e oferecer os produtos aos hóspedes, bem como fazê-los participar da vivência dessas atividades. A partir disso, eles almejam aumentar a capacidade de atendimento. Contudo, sem perder a essência de fazer com que o hóspede continue se sentido bem acolhido, como parte da família. “Buscamos o acolhimento do nosso hóspede. A gente busca crescer sempre com os pés no chão. Crescer, mas sem perder esse canal direto com o nosso hóspede”, finalizou o empreendedor.

Reconhecimento

A jornada empreendedo-

ra do casal Sargeano Xavier e Talita Lucena, assim como a de outros empresários de pequenos negócios na Paraíba, é o tema da campanha institucional “Sebrae: feito por quem faz acontecer”, criada pelo Sebrae-PB para homenagear o potencial, a força e a resiliência das micro e pequenas empresas do estado. Para conhecer outras histórias inspiradoras de empreendedores paraibanos, acesse o endereço www.sebraepb.com.br.

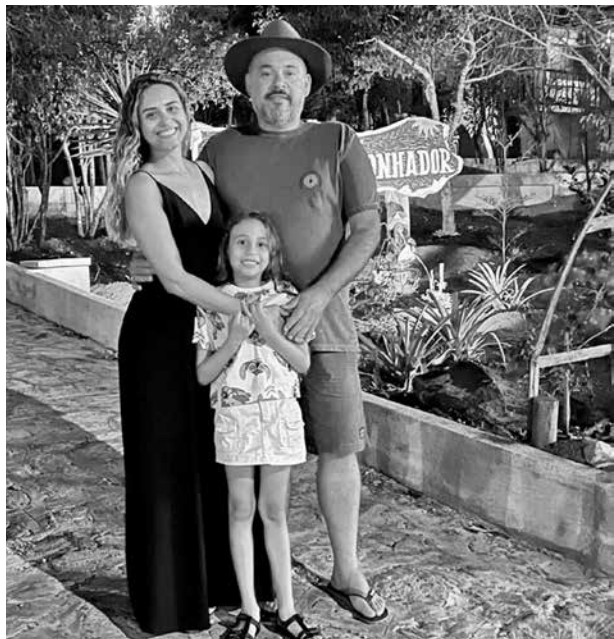
■ No local, plantaram cerca de cinco mil mudas, recuperaram o solo e ainda instalaram equipamentos de energia solar e sistema biodigestor



Os empresários não tinham experiência, mas sabiam que queriam um espaço acolhedor, confortável e que refletisse a beleza da natureza do Cariri

Foto: Divulgação/Agência Sebrae

Foto: Talita Lucena/Arquivo pessoal



O casal Sargeano e Talita apostou em capacitações

SÃO JOÃO PARAIBANO

Festividade fortalece negócios e amplia faturamento

Epitácio Germano
Agência Sebrae

Iniciadas as comemorações das festividades de São João, os empreendedores paraibanos já se preparam para o período, considerando o aumento do fluxo de turistas em todo o território do estado. O impacto econômico que essa época cria para o ambiente de negócios é visto com expectativa, especialmente pela condição de novos empregos e oportunidades no mercado.

Em Campina Grande, cidade d'O Maior São João do Mundo, o presidente da Associação de Quadrilhas Juninas, Lima Filho, revela que as festividades deste período colaboram positivamente para fortalecer o desenvolvimento das atividades culturais e contemplar diferentes segmentos. “Entre dançarinos, produção e diretoria, somamos 3.649 quadrilheiros. São pessoas que

participam ativamente das atividades nesse período junino, sem considerar os fornecedores, que são mais de 150 pessoas que trabalham nos bastidores para deixar tudo pronto. Ou seja, existe toda uma cadeia produtiva nesse processo para garantir as apresentações nos festivais”, explica.

Lima Filho destaca também que atua como personagem interpretando o cangaceiro Virgolima de Campina. Ele faz apresentações em eventos privados e enfatiza que o faturamento no São João cresce em mais de 100%, comparado ao restante do ano. Suas apresentações são caracterizadas pela leitura personalizada do cordel. “Esse personagem é trabalhado o ano inteiro, geralmente com duas ou três apresentações mensais. Nesta época de São João, é diferente, a quantidade de interpretações cresce 10 vezes mais e melhora o ganho”, pontua.

Além de preservar o contexto das tradições culturais, o período junino contempla outras atividades no mercado, beneficiando segmentos como a gastronomia, hotéis e pousadas, serviços e produtos diversos.

Considerado como um dos eventos mais antigos do país, o São João de Santa Luzia se prepara para celebrar 83 anos de tradição neste ano. O município, que fica localizado no Serião da Paraíba, é destaque por diversos atrativos, entre eles a produção centenária de louças de barro, uma prática artesanal que é feita por um grupo de mulheres da Associação das Louceiras Negras da Serra do Talhado de Santa Luzia.

Ao destacar a tradição da produção de peças, como panelas e outros produtos utilizados para decoração, a presidente da associação, Gileide Ferreira, diz que a expectativa é que as vendas cresçam 30% até o fim de junho. “Somos 20 mulheres



Presidente da Associação de Quadrilhas Juninas, Lima Filho atua como Virgolima de Campina

Foto: Divulgação/Sebrae-PB

trabalhando nessa produção e já existe bastante encomenda para o São João. Temos uma expectativa que esse número de pedidos aumente nos próximos dias e que o faturamento melhore ainda mais”, disse.

Para a gestora estadual de Turismo e Economia Criativa do Sebrae-PB, Regina Amorim, as festas juninas da Paraíba são eventos culturais que geram

uma experiência positiva no contexto do turismo e criam impactos com dimensões política, econômica, social, espacial e lúdica. “É uma festa popular que aproxima relações familiares, sociais, e esse espírito junino tem expressões artísticas e culturais que colaboram com os negócios criativos, mantendo as tradições e a espontaneidade da população”, comenta.

Outro fator enfatizado por Regina Amorim consiste na diversidade do calendário de festas. “São vários os municípios paraibanos que se destacam com suas festas juninas, cada uma com sua identidade, seu povo e suas tradições, gerando então oportunidades de ganho para os pequenos negócios nos mais diferentes setores e regiões do estado”, conclui.

MEIO AMBIENTE

BioInova constrói mapa de carbono da Paraíba

Estudo registrou em torno de 131 milhões de toneladas de carbono em estoque

Ascom Secties

Nesta primeira semana do mês, no dia 5, comemora-se o Dia Mundial do Meio Ambiente. Os temas ambientais são amplos, abrangem questões como poluição, mudanças climáticas, perda de biodiversidade, desmatamento, uso de recursos naturais e a relação com a saúde humana. São desafios globais que exigem atenção e estudos científicos. Nesta área de pesquisa, o Governo do Estado da Paraíba financia projetos como o BioInova que estrutura um levantamento dos índices de carbono no estado.

De acordo com o secretário da Secties, Claudio Furtao, a sustentabilidade e o desenvolvimento precisam andar lado a lado. “A questão do meio ambiente hoje é uma questão muito cara. O Estado da Paraíba tem trabalhado muito nessa direção, em parceria com a Secretaria do Meio Ambiente. Um exemplo disso é que hoje, dentro da Secretaria, temos o desenvolvimento do Programa BioInova, que realiza um mapa de carbono da Paraíba, além de outras partes educativas que visam a questão do crédito de carbono. Ou seja, há uma série de questões importantes para quem vem fazer negócios aqui no estado da Paraíba e também para a preservação ambiental. Hoje, você não pode discutir ciência e tecnologia sem pensar na questão do meio ambiente”, enfatizou.

Os estudos abrangem a mensuração de carbono livre

e biomassa aérea em pontos específicos da Paraíba e aplicações, considerando o mercado de crédito de carbono. Essa é a primeira amostragem feita até hoje para o estado e está em andamento. O investimento total de R\$ 383.140 é executado por meio da Secretaria da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior do Estado da Paraíba (Secties) e da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq).

Um dos subprojetos que integram o BioInova chamado “Levantamento de Estoque de Carbono e Biomassa Aérea no Estado da Paraíba” visa mapear o estoque de carbono e a biomassa aérea na Paraíba. Os dados coletados são fundamentais para entender a dinâmica da vegetação e os impactos das mudanças climáticas na região e contribuem para políticas de mitigação das mudan-

ças climáticas.

É importante esclarecer que “estoque de carbono” é o gás que não subiu para a atmosfera. Ficou retido pela vegetação minimizando o aquecimento global. E a biomassa aérea inclui a vegetação acima do solo – troncos, galhos, folhas, etc. O professor de Ecologia da Universidade Estadual da Paraíba, em João Pessoa, Cleber Salimon, coordenador desse subprojeto, explica a dinâmica em campo:

“A coleta de dados foi realizada em três sítios distintos, com um total de nove locais amostrados na Estação Experimental de São João do Cariri (onde a vegetação está degradada), na Fazenda das Almas (uma área preservada da caatinga) e REBIO Guaribas (Mata Atlântica preservada). Foram amostradas mais de 2 mil árvores em uma área total de 6.750 m²”.

Cleber Salimon informou que a parte concluída dos estudos permitiu a elaboração de mapas da presença das plantas que resultam na estimativa de estoque de carbono do Estado. Mas, a notícia é desafiadora. O mapeamento registrou em torno de 131 milhões de toneladas de carbono em estoque no estado, um valor muito baixo, segundo o professor Cleber. A supressão da vegetação nativa é identificada como a principal causa dos baixos estoques de carbono na Paraíba.

“Existe uma relação muito importante entre o carbono e o bem-estar do meio-ambiente. Quanto mais carbono tem na vegetação significa que ela é conservada. O mapa demonstra que boa parte do estado tem muito pouco carbono, porque boa parte do estado é muito desmatado e degradado. Mas se deixar a vegetação crescer volta a ter mais carbo-

no, mais água nos rios e, mais biodiversidade”, ressalta Cleber Salimon.

Os dados coletados demonstram que a biomassa aérea varia entre 6 Mg/ha (caatinga degradada) e 65 Mg/ha (floresta atlântica). A diferença entre Caatinga conservada e degradada é visível. Segundo o professor, algumas áreas conservadas apresentam o dobro da biomassa: “Em relação ao Semiárido, observamos uma nítida distinção entre Caatinga conservada e Caatinga degradada, onde as áreas conservadas apresentam o dobro ou mais de biomassa aérea e estoque de carbono. Isto tem implicações para planos de Crédito de carbono e mostra o potencial de sequestro de carbono em áreas degradadas, se elas forem restauradas”.

No momento, os resultados são preliminares e mais amostragens são necessárias para aprimorar a análise. Os mapas de biomassa e estoques de carbono serão disponibilizados para municípios, para auxiliar em iniciativas de sustentabilidade, para planos de manejo e projetos de crédito de carbono.



Fotos: Ravi Pechêco

Estudo contribui tanto para a preservação do meio ambiente quanto para atrair negócios



Professor Cleber Simon, durante suas experiências

Combater a poluição plástica está em pauta

O tema do Dia Mundial do Meio Ambiente deste ano, “Combater a Poluição Plástica”, ataca diretamente o consumo exacerbado de materiais plásticos. A data 5 de junho foi instituída pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1972, ano em que foi realizada a Conferência de Estocolmo-72, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio

Ambiente Humano, um evento histórico sediado na capital da Suécia. Esse foi o primeiro grande evento mundial sobre meio ambiente, reunindo 113 países. Foi o precursor da ECO-92, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, e da “Rio+20”, realizada em 2012, e que marcou o vigésimo aniversário da Rio-92.

A partir de 1972 as discus-

sões globais sobre a preservação ambiental ganharam força e o Dia Mundial do Meio Ambiente é realizado anualmente desde 1973. Tornou-se um palco para promover o progresso nas dimensões ambientais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. O país que sediará o evento neste ano é a Coreia do Sul.

Neste ano, o combate é contra a poluição por plásticos. Segundo a ONU, “o mundo produz mais de 430 milhões de toneladas de plástico anualmente, dois terços dos quais são produtos de vida curta que logo tornam-se resíduos, enchendo o oceano e, muitas vezes, entrando na cadeia alimentar humana”.

Ecocos do Universo

Carlos Alberto P. da Silva
radioastronomia.educacional@gmail.com | Colaborador

Radioastronomia na Cultura Popular

A ciência sempre despertou a curiosidade do público em geral, autores pioneiros como Mary Shelley, com seu “Frankenstein”; Julio Verne e seus inúmeros livros, como “Da Terra à Lua”, “Viagem ao Centro da Terra”; além do lendário “Guerra dos Mundos”, de H. G. Wells, que na narrativa realista de Orson Wells, de 1938, gerou pânico generalizado, pois imaginou-se que a invasão estivesse realmente acontecendo. Na radioastronomia não podia ser diferente, com alguns elementos que catalisam essas ideias, dado que sinais de rádio sempre nos levam a imaginar alguma forma de comunicação.

Assim que foi anunciada a descoberta de Karl Jansky, de um sinal de rádio que vinha do espaço, em 1933, o fato foi suficiente para agitar os autores de ficção científica da época, para especular que esse sinal poderia ser proveniente de alguma raça alienígena. A *pulp fiction* Thrilling Wonder Stories, de dezembro de 1938 (publicações bastante populares da época por serem impressas em formato de revista,

mas em papel jornal, o que as tornava bastante acessíveis), apresenta o conto “The Cosmic Hiss”, de Edmond Hamilton, e faz uma referência direta às pesquisas feitas por Jansky.

O cinema é certamente uma das artes que mais fez uso do tema, quase sempre associado a busca de vida extra-

“

A música também é um campo que explora, na maioria das vezes, como mote temas relacionados a radioastronomia

Carlos Alberto Pereira da Silva

terrestre e contato com alienígenas. A famosa série Arquivo X abre a sua segunda temporada como o episódio “Little Green Men” (Pequenos Homens Verdes). O episódio é ambientado no Observatório de Arecibo, em Porto Rico, onde sinais recebido pelo radiotelescópio seriam a prova definitiva de vida extraterrestre. O título do episódio guarda a curiosidade de ter sido o mesmo nome dado ao sinal recebido por Jocelyn Bell, que descobriu os pulsares em 1967, e que por sua periodicidade, imaginava-se poder ser uma mensagem extraterrestre.

Em “The Dish”, de 2000, o enredo é ambientado no radiotelescópio Parkes, que em seus 64 m fazia parte da rede de radiotelescópios que acompanharam a Missão Apollo e foi responsável pela recepção das imagens ao vivo dos primeiros passos do homem na Lua, durante a Apollo 11.

Entre todos, “Contato”, filme de 1997, baseado no livro homônimo de Carl Sagan, de 1985, mostra a jornada da cientista Eleanor Arroway, que dedicou sua vida à pesquisa de vida extraterrestre, interpretada pela atriz americana Jodie Foster que vive o drama de ter sua pesquisa inicialmente desacreditada e depois “roubada” quando se percebeu que suas evidências eram significativas.

A música também é um campo que explora, na maioria das vezes, como mote temas relacionados a radioastronomia. A banda inglesa Joy Division, uma das pioneiras no *punk rock* que influenciaria muitas bandas brasileiras nos anos 80, escolheu como capa do seu álbum “Unknown Pleasures”, de 1979, as linhas dos sinais do primeiro pulsar, que, como já dissemos, havia sido descoberto em 1967. O líder da banda escolheu os gráficos meio ao acaso, quando folheava um livro numa biblioteca pública. Hoje, a capa é cultuada pelos fãs da banda aparecendo em pôsteres, camisetas e outros colecionáveis.

No próximo mês, iremos abordar a radioastronomia no Brasil, seus pioneiros, principais radiotelescópios e as parcerias internacionais do país nesse campo de pesquisa.

Carlos Alberto P. Silva, Coord. BERG (Brazilian Educational Radioastronomy Group), atua na pesquisa e divulgação de temas voltados para a radioastronomia educacional.

Columista colaborador

CAPITAL DO MEL

Doce avanço sustentável no Cariri

Apicultura impulsiona desenvolvimento local e preserva a biodiversidade da Caatinga em São José dos Cordeiros

Sara Gomes
sara.gomesreporterauniao@gmail.com

São José dos Cordeiros, localizado no Cariri paraibano, destaca-se não apenas por abrigar a Fazenda Almas — a maior área preservada da Caatinga — mas também por seu protagonismo na produção de quase três toneladas de mel por ano, rendendo-lhe o título de Capital do Mel. O município tem se destacado por atrair parcerias devido a potencialidades que alinham empreendedorismo, sustentabilidade e educação ambiental.

A apicultura na região desempenha um papel fundamental na conservação da Caatinga, único bioma exclusivamente brasileiro que ocupa mais de 90% do território paraibano, segundo o Mapa Biomas Brasil. Essa importância torna-se ainda mais evidente diante dos graves desafios enfrentados pelo bioma, como a desertificação, o desmatamento para fins agropecuários, a produção de carvão vegetal e a ausência de políticas públicas consistentes.

Segundo o biólogo e doutor em Ciências Florestais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Ramôn Santos, alguns animais contribuem para a restauração do bioma, a exemplo das aves asa-branca, sanhaço e rolinha-cascavel, que dispersam sementes no solo. “Já as abelhas nativas sem ferrão (jandaíra, urucu, mandaçaia) atuam como polinizadoras de plantas nativas, contribuindo diretamente para a regeneração natural e a manutenção dos ciclos ecológicos”, explica.

Atualmente, 20 famílias vivem da produção de mel da abelha-africana (*Apis mellifera scutellata*) no município,



Foto: Roberto Guedes

Criação de abelhas favorece a polinização e contribui para a regeneração natural do único bioma exclusivamente brasileiro

além da meliponicultura que consiste na criação de abelhas sem ferrão. A maioria dessas famílias estão vinculadas à Associação dos Apicultores e Meliponicultores de São José dos Cordeiros, atuante há mais de 15 anos.

Para o presidente da entidade, Samuel Bezerra, o maior legado que a atividade apícola trouxe a São José dos Cordeiros foi a mudança de mentalidade dos agricultores familiares. Segundo ele, os apicultores aprenderam que, para criar abelha, é necessário cultivar espécies nativas. “A partir dessa conscientização, eles passaram a plantar árvores como umbuzeiro, mandacaru, catingueira, juazeiro no entorno do roçado, ao invés de queimar o solo para plantio, como praticavam anteriormente”.

Recentemente, a entidade conquistou o Selo de Inspeção Municipal (SIM) — um certificado que atesta ao consumidor a qualidade higiênico-sanitária do produto de origem animal. Dessa forma, os apicultores estão autorizados a comercializar o mel em São José dos Cordeiros e nos 12 municípios que integram o Consórcio de Desenvolvimento Sustentável São Saruê. A próxima meta é obter o Selo de Qualidade, o qual considera as características o mel por meio de análises laboratoriais.

Foto: Divulgação/Prefeitura de São José dos Cordeiros



Empreendedores são estimulados a desenvolver pratos regionais com mel

Festival capacita profissionais

O Festival do Mel, que atrai aproximadamente 50 mil pessoas no mês de setembro, alcançou reconhecimento para além do Cariri paraibano. Neste ano, será realizada a 15ª edição do evento que, além de valo-

rizar a produção local, impulsiona o desenvolvimento social e econômico da região. No ano passado, o evento movimentou R\$ 400 mil na economia local e, para este ano, a meta é injetar R\$ 600 mil.

O evento possibilita que profissionais comercializem seus produtos e dialoguem sobre técnicas de apicultura e manejo sustentável. Também são ofertadas palestras e capacitações para esse público. Já os visitantes podem conferir tanto a diversidade gastronômica como as apresentações musicais da cultura nordestina.

Na edição do ano passado, a Prefeitura em parceria com o Sebrae-PB promoveu uma capacitação em gastronomia com mel voltada ao comércio local, ministrada pelo chefe Josimar Aurélio. “Estimulamos os empreendedores a desenvolver pratos regionais utilizando o mel. Esse pertencimento da cultura local já vem sendo implementado por alguns comerciantes. Um deles, por exemplo, colocou uma abelha na logomarca de sua sorveteria”, destacou Paolla Leite, secretária de Agricultura e Meio Ambiente do município.

Ana Cláudia Aratijo, de 40 anos, e o esposo são proprietários do Bar do Wanderlei, localizado no centro da cidade. Ela sempre gostou de inserir o mel na salada, mas depois da capacitação oferecida pelo Sebrae-PB aprendeu novos pratos gastronômicos, como creme de batata com mostarda e mel, costelinha suína com mel, salpicão com mel e bolo. “Eu já gostava de trabalhar com esse ingrediente, porque sempre gostei de inovar. Essa capacitação foi muito construtiva, pois ampliou os nossos horizontes. No nosso restaurante, essas receitas são muito procuradas, porque o povo de Cordeiros abraçou o mel na cultura local”.

Na 15ª edição do Festival do Mel, a gestão municipal promoverá cursos de capacitação para inseri-los no marketing digital, com o intuito de impulsionar suas vendas.

Município é selecionado por projeto de neutralização de carbono

O potencial de São José dos Cordeiros tornou o município um dos seis da Paraíba selecionados para o Projeto Piloto Roadmap Território Carbono Neutro — uma parceria entre o Sebrae Nacional, o Sebrae-MT e o Centro Sebrae de Sustentabilidade. Para selecionar as cidades participantes, o projeto analisou seis eixos temáticos: ambientes de negócios, mudanças climáticas, capacidade administrativa, governança, gestão territorial e capacidade financeira.

A ação inovadora avalia a capacidade de 30 cidades do Brasil em planejar e executar políticas públicas voltadas à mitigação das mudanças climáticas. O conceito Território Carbono Neutro refere-se ao equilíbrio entre as emissões de dióxido de carbono na atmosfera e as medidas de compensação para absorver o impacto desse gás, como iniciativas de reflorestamento de biomas e ações para reduzir os gases de efeito estufa.

Segundo Madalena Arruda, gerente regional do Sebrae Monteiro, o Roadmap Território



Foto: Roberto Guedes

Foram analisados os potenciais de negócios, gestão territorial e mudanças climáticas da cidade

Carbono funciona como uma ponte que conecta instituições e órgãos governamentais para buscar soluções. “Quando os municípios encontram alguma dificuldade em qualquer eixo, o projeto realiza essa articulação para ajudá-los a alcançar o objetivo. Dessa forma, fortalece a capacidade dos municí-

pios de criar uma agenda climática local, facilitando o acesso a financiamentos e parcerias, ao promover uma governança multinível e descentralizada da ação climática”.

São José dos Cordeiros tem implementado diversas ações voltadas à preservação ambiental. Entre elas, destaca-se o pla-

no de ação de combate à desertificação que prevê ações em parceria com escolas e associações rurais em projetos de recuperação de áreas degradadas e reestruturação das matas ciliares.

Outra iniciativa é o projeto de arborização urbana com espécies melíferas (vegetação na-

tiva que contribui para a produção do mel) que está sendo construído em parceria com a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

A Capital do Mel também foi um dos 43 municípios que aderiram à Campanha Amigo da Natureza promovida pelo Ministério Público da Paraíba. A campanha prevê o plantio de 600 mudas de árvores nativas nos biomas Mata Atlântica e Caatinga. Desse modo, a gestão municipal tem promovido capacitações e práticas de recuperação de solo com os agricultores em uma área de algodão orgânico.

Ações como essas estão alinhadas aos objetivos centrais da 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-30), a ser realizada em novembro, em Belém (PA). Para a secretária de Agricultura e Meio Ambiente, Paolla Leite, participar do Território Carbono Neutro mostra o compromisso com o meio ambiente. “Nossos projetos têm contribuí-

do para a preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável”, constatou.

Na avaliação de Madalena Arruda, São José dos Cordeiros apresenta potencialidades de desenvolvimento em todos os eixos, mas a principal vocação do município está ligada à preservação ambiental. “Um dos pontos fortes é a Fazenda Almas [uma área de proteção ambiental]. Esse território favorece a prática da apicultura e meliponicultura dentro do eixo sustentável, promovendo a preservação ambiental atrelada à geração de renda”.

Além disso, a Fazenda Almas também desempenha um papel educativo fundamental. Um projeto da rede municipal busca desenvolver a consciência ambiental das novas gerações sobre a importância da Caatinga, aprofundando os conteúdos escolares de Geografia por meio de visitas ao local. Os estudantes conhecem de perto a diversidade de espécies do bioma, superando visões limitadas aos mandacarus e xique-xiques.

Treinamento na Maravilha do Contorno para o jogo em Santa Catarina



BRASILEIRO SÉRIE C

Belo joga para entrar no G8

Botafogo-PB enfrenta, hoje, no Estádio Orlando Scarpelli, o Figueirense-SC, pela oitava rodada

Danrley Pascoal
 danrleyp.e@gmail.com

O Botafogo-PB encara, hoje, às 19h, o Figueirense-SC, no Orlando Scarpelli, em Florianópolis (SC). O duelo é válido pela oitava rodada do Campeonato Brasileiro Série C. Com os três pontos diante do Retrô-PE, no confronto passado, o Alvinegro pessoense quebrou um jejum sem triunfos que durava desde 12 de abril, quando ganhou por 3 a 0 do Confiança-SE. Agora, o time da Maravilha do Contorno busca conquistar sua primeira vitória fora de casa no torneio.

Na oitava rodada da Série C, os comandados de Márcio Fernandes terão uma dura

missão, já que ainda não venceram quando atuaram fora de João Pessoa, são dois empates (Náutico-PE e Maringá-PR) e uma derrota (Guarani-SP) no retrospecto. No cômputo geral, após sete rodadas, o Botafogo soma nove pontos. A equipe faz uma campanha irregular na competição nacional, tendo duas vitórias, três empates e duas derrotas.

Com o atual desempenho (42% de aproveitamento), segundo o *site* chancedegol.com.br, a agremiação da Maravilha do Contorno tem 40,2% de chances de avançar para próxima fase. Num cenário mais pessimista, onde o time pessoense brigue contra o rebaixamento, são 7,3% de chances de cair.

Com apenas duas vitórias na Série C, o Belo busca melhorar seu desempenho para alcançar os 30 pontos e avançar ao quadrangular do acesso. A pontuação foi definida como meta pela diretoria alvinegra, tendo em vista anos anteriores. Vale lembrar que o Remo-PA, 8º lugar em 2024, somou 26 pontos. O Leão foi um dos clubes que conquistou o acesso no ano passado.

O Botafogo tem vantagem nos confrontos contra o adversário do Sul do país. Quando entrarem em campo nesta noite, os clubes farão o quinto jogo na história do duelo, os três últimos foram em 2022, 2023 e 2024, também pela Série C. O outro encontro ocor-

reu em 2002, pela Copa do Brasil. Na Terceira Divisão, o time paraibano acumula duas vitórias e um empate, estando invicto contra o rival. A única vitória catarinense ocorreu pela Copa do Brasil.

O adversário

O Figueirense faz uma campanha de recuperação na Série C. Nas três últimas rodadas, somou cinco dos seis pontos que conquistou na competição. O desempenho ruim no início levou a equipe para a zona de rebaixamento, onde ainda se encontra, mesmo com o retrospecto favorável nas partidas recentes. Nas sete rodadas do torneio, o time catarinense acumula uma vitória, três empates e três derrotas.

Arbitragem

O árbitro principal da partida é José Jainei Oliveira Bispo (CBF-AL). Ele terá como assistentes Rondinelle dos Santos Tavares (CBF-AL) e Maria de Fátima Mendonça da Trindade (CBF-AL). Já o quarto árbitro é Diego da Costa Cidral (CBF-SC).

Outros jogos

Além de Figueirense e Botafogo, hoje, ainda tem mais três partidas: no Batistão, em Aracaju (SE), às 16h30, jogam Confiança-SE e Brusque-SC; em Tombos (MG), também às 16h30, a Tombense recebe o Anápolis-GO; e, no Willie Davids, no Paraná, às 19h, tem Maringá-PR e Ituano-SP.

SÉRIE D

Sousa-PB busca reação contra o América-RN, em Natal

Danrley Pascoal
 danrleyp.e@gmail.com

O Sousa-PB joga contra o América-RN na Arena das Dunas, em Natal (RN), hoje, às 16h30. O confronto é válido pela sétima rodada do Grupo A3 do Campeonato Brasileiro Série D. O Dino vive situação delicada na competição, tendo somado apenas quatro pontos de 18 disputados. O Dragão é o vice-líder da chave, com 10 pontos, e tenta manter a escrita de nunca ter perdido para o clube do Sertão da Paraíba.

Diante da campanha ruim, nesta rodada, o Dino terá o terceiro treinador diferente na área técnica em partidas da Série D 2025. O Sousa é apenas o sétimo colocado do Grupo A3. O desempenho atual deixa a classificação para o mata-mata comprometida, conforme o *site* chancedegol.com.br, o time tem apenas 15,5% de chances de avançar. Em seis rodadas, acumula uma vitória, um empate e quatro derrotas, tendo apenas 22% de aproveitamento.

Com a demissão do técnico Francisco Diá, que substituiu Paulo Foiani, Tardelly Abrantes assumiu o comando técnico do Sousa para a sequência da Quarta Divisão, com estreia marca-

da para a tarde de hoje. Em 2021, ele comandou a equipe na Pré-Copa do Nordeste, conquistando a vaga para a fase de grupos da edição de 2022, ano em que esteve à frente do time nas disputas do Campeonato Paraibano, Copa do Nordeste e Série D.

Atualmente, Tardelly vinha comandando as categorias de base do Dino, no time Sub-20; agora retorna ao elenco profissional. O novo técnico tem a missão de ajudar o Sousa a somar seus primeiros pontos fora de casa na Série D. Foram três derrotas até aqui, para Santa Cruz-RN, Treze-PB e Horizonte-CE.

“Eu cheguei para os atletas já com as contas feitas. Nós temos que somar pontos fora de casa, além de pensar jogo a jogo. Temos que fazer pontos contra o América-RN, depois fazer o dever de casa. A gente tem a meta de fazer de 19 a 20 pontos até o fim da competição para estar no G4. Não podemos perder mais pontos em confrontos diretos. Acho que meio a zero contra o América-RN é goleada. É importante pontuar”, afirmou Tardelly.

Para o duelo contra o América-RN, o Alverde não contará com Fernando Ceará (lesionado), Pedro Lima (suspensão automática por cartão vermelho contra o Santa Cruz-PE) e Jacaré (sus-

pensão automática pelo terceiro cartão amarelo).

Retrospecto

Em todas as competições foram disputados seis jogos entre as duas equipes, com cinco vitórias do América-RN e um empate. Na cidade de Natal (RN), foram disputados três jogos, com três triunfos do Dragão. Os seis confrontos aconteceram pelo Campeonato Brasileiro Série D. Assim, o Dino busca a primeira vitória contra o clube potiguar.

Arbitragem

Ricarle Gustavo Gonçalves Batista (CBF-BA) apita o duelo entre potiguares e paraibanos. João Henrique Queiroz da Silva (CBF-RN) e Everton Muller da Costa Maia (CBF-RN) são os assistentes. O quarto árbitro é Alciney Santos de Araújo (CBF-RN).

Outros jogos

Mais duas partidas acontecem, hoje, pela sétima rodada do Grupo A3: no Domingo, na Região Metropolitana de Fortaleza (CE), às 16h, o Horizonte-CE enfrenta o Santa Cruz-RN; e, no Arruda, em Recife (PE), às 17h, o Santa Cruz-PE recebe o Ferroviário-CE.



Sousa-PB tenta conquistar, hoje, a primeira vitória fora de casa

Foto: Agência Luellma/Sousa-PB

COPA DO BRASIL

CBF vai sortear os novos confrontos

Amanhã também serão definidos os adversários dos clubes brasileiros nas oitavas de final da Libertadores

Da Redação

Os confrontos das oitavas de final da Copa do Brasil Masculina, da segunda fase da Copa do Brasil Feminina e das oitavas de final da Libertadores serão definidos amanhã, todos por meio de sorteio. Às 12h, os times classificados para o mata-mata da competição continental conhecerão seus adversários nesta fase. Em seguida, às 13h30, serão definidos os duelos da segunda fase da Copa do Brasil Feminina. Já às 15h30, será realizado o sorteio dos confrontos do torneio nacional masculino.

Copa do Brasil

Dos 92 clubes que iniciaram no certame nacional masculino, apenas 16 permanecem vivos na disputa. Garantiram vaga nas oitavas de final Fluminense-RJ, Bahia-BA, Atlético-MG, Flamengo-RJ, Corinthians-SP, Retrô-PE, Vasco-RJ, Athletico-PR, São Paulo-SP, CSA-AL, CRB-AL, Botafogo-RJ, Cruzeiro-MG, Palmeiras-SP, Internacional-RS e Red Bull Bragantino-SP.

Assim como na terceira fase, os times vão se enfrentar em confrontos de ida e volta, e em caso de empate na soma dos placares, a decisão será nos pênaltis. Com todas as equipes reunidas em um só agrupamento, o sorteio definirá não só os jogos, mas também os mandos de campo de cada um deles.

De acordo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), os duelos de ida estão programados para acontecer entre os dias 29 e 31 de julho, enquanto as partidas de volta devem ser realizadas entre 5 e 7 de agosto.

Retomada a partir desta temporada após nove anos de hiato, a edição feminina da Copa do Brasil conhecerá os embates entre as 32 equipes classificadas à segunda fase. As partidas da próxima etapa têm como data-base o dia 11 de junho.



Foto: Cesar Casco/Palmeiras-SP

O Palmeiras fez uma campanha impecável na fase de grupos com 100% de aproveitamento e sempre decidirá em casa, caso chegue até as semifinais

Esta é a primeira vez que a CBF realiza os sorteios da Copa do Brasil Masculina e Feminina em um mesmo dia. Os eventos acontecerão na sede da entidade, no Rio de Janeiro, com transmissão ao vivo pela CBF TV, no Youtube.

Continentais

A fase de grupos das competições continentais chegou ao fim na última quinta-feira (29). A Libertadores definiu os 16 clubes das oitavas de final, enquanto a Copa Sul-Americana confirmou

os oito primeiros times que avançam diretamente às oitavas e os duelos de *play-offs*.

O sorteio que definirá os confrontos da primeira fase do mata-mata rumo à Glória Eterna será realizado na sede da Conmebol, em Luque, no Paraguai. Os classificados serão divididos em dois potes: no primeiro, estão os líderes dos grupos, os brasileiros Palmeiras, São Paulo, Internacional, os argentinos Estudiantes, Racing, River Plate e Vélez Sarsfield e o equatoriano LDU; no segundo, os vice-líderes, os brasi-

leiros Botafogo, Flamengo, Fortaleza, os paraguaios Libertad e Cerro Porteño, o peruano Universitario, o colombiano Atlético Nacional e o uruguaio Peñarol.

Como não há restrições para os cruzamentos, podem ocorrer confrontos entre equipes do mesmo país ou que estavam no mesmo grupo. Dos sete representantes nacionais que iniciaram na competição, apenas o Bahia-BA foi eliminado até aqui.

Na Sul-Americana, oito times avançaram diretamente

para as oitavas de final, entre eles o Fluminense, enquanto os demais serão definidos por meio de um *play-off* entre os segundos colocados de cada grupo deste mesmo torneio e os terceiros colocados da fase de grupos da Libertadores. Vasco, Grêmio, Atlético-MG e Bahia são os brasileiros nos *play-offs*. De acordo com o regulamento, o melhor segundo colocado da Sul-Americana enfrentará o pior terceiro da Libertadores, e assim por diante.

Apenas os oito primeiros colocados já estão clas-

sificados diretamente para as oitavas de final. Agora, as equipes aguardam a definição dos confrontos das *playoffs*, que serão disputados entre os segundos colocados de cada chave e os terceiros colocados dos grupos da Libertadores. Esses duelos definem os outros oito times que avançam às oitavas.

As partidas das *playoffs* acontecem nas semanas de 15 a 22 de julho, enquanto as oitavas de final estão marcadas para as semanas de 13 a 20 de agosto.

PLAY-OFFS DA SUL-AMERICANA

- Cerro Largo (URU) x Central Córdoba (ARG)
- Guaraní (PAR) x Universidad de Chile
- Atlético-MG x Bucaramanga (COL)
- Vasco-RJ x Independiente del Valle (EQU)
- Once Caldas (COL) x Bulo Bulo (BOL)
- Palestino (CHI) x Bolívar (BOL)
- América de Cali (COL) x Bahia-BA
- Grêmio-RS x Alianza Lima (PER)

Foto: Rafael Rodrigues/EC Bahia

No confronto brasileiro pela Libertadores, o Internacional-RS classificou-se ao derrotar o Bahia-BA por 2 a 1, no Beira-Rio



MUNDIAL DE CLUBES

Zidane vê Mbappé como fenômeno

Ex-jogador francês garante que o atacante vai seguir fazendo história e tem tudo para brilhar nos EUA

Fotos: Reprodução/Instagram

Para qualquer jogador francês que se dê o respeito, receber elogios de Zinedine Zidane é a maior forma de reconhecimento possível. Dá até para imaginar como Kylian Mbappé ficou após ouvir as palavras de Zizou para a produção da TV francesa TF1, "O Fenômeno Mbappé".

"Ele vai fazer história, e acredito que ele vai estabelecer novos parâmetros, porque o que está fazendo é incrível".

As palavras impressionam, mas não surpreendem. Desde que surgiu no Monaco, em 2016, o garoto de Bondy, no subúrbio de Paris, deve ter se acostumado a ouvir elogios de todos os tipos de lendas. Além do campeão da Copa do Mundo da Fifa 1998, a lista de figuras que exaltaram Mbappé recentemente estende-se a nomes como Pelé, Pep Guardiola e Arsene Wenger.

Nove anos após sua estreia profissional e ainda com apenas 26 anos de idade, Mbappé já tem uma galeria vasta de troféus para chamar de sua, incluindo 21 conquistas e dezenas de outros prêmios individuais. No Paris Saint-Germain, ele escreveu seu nome nos livros de história com sete grandes temporadas pelo clube. Seu total de 256 gols é bem mais do que o antigo dono do recorde do clube, Edinson Cavani (200). Um torcedor do Real Madrid de infância, o veloz atacante finalmente realizou o seu sonho de criança ao se mudar para a Espanha, em julho de 2024.

Depois de se juntar a Los Blancos, ele não perdeu tempo em somar mais dois troféus para sua estante: a Super Copa da Uefa e a Copa Intercontinental da Fifa 2024. Com 43 gols marcados em 56 partidas pelo clube em todas as competições até aqui, o jogador tem correspondido à expectativa depositada sobre sua che-



Com 26 anos, o francês já levou o seu país à conquista da Copa do Mundo, em 2018, na Rússia, e na edição seguinte ficou em segundo, perdendo para a Argentina

gada. Esse desempenho faz dele o maior artilheiro da história do clube em uma temporada de estreia de um jogador, superando Ivan Zamorano (37 gols em 1992-93) e Cristiano Ronaldo (33 gols em 2009-10).

Apesar de um leve período de seca entre outubro e novembro do ano passado, com dois gols em nove partidas, o primeiro ano do francês no Santiago Bernabéu pode ser considerado um sucesso. Não há dúvidas de

que Mbappé será uma das grandes estrelas do Mundial de Clubes da Fifa 2025, nos Estados Unidos, em que o Real Madrid vai em busca da glória global no dia 18 de junho, contrar o Al Hilal, em Miami.

Principais conquistas

Resumir os feitos de Mbappé em poucas palavras é tão difícil quanto tentar alcançá-lo a plena velocidade. Os melhores momentos de sua carreira incluem sete títulos da Ligue 1 (seis com o PSG e um com o Monaco), um recorde de seis artilharias da Ligue 1 e, é claro, a conquista da Copa do Mundo da Fifa, Rússia 2018, em que também ga-

nhou o prêmio Jogador Jovem da Fifa.

O brilho do eficiente atacante continuou no Catar, em 2022, onde ele quebrou mais dois recordes. Ele se tornou o maior goleador em finais de Copa do Mundo, com quatro gols, e o jogador mais jovem a figurar em duas finais de Copa, aos 23 anos, 11 meses e 29 dias de idade.

Ele também se transformou em apenas o segundo homem a marcar três vezes em uma única final de Copa do Mundo (ninguém fez quatro gols), seguindo os passos do *hat-trick* de Geoff Hurst no título mundial da Inglaterra, em 1966. Os gols de Mbappé na final contra a Argentina, somados aos cin-

co anotados anteriormente na competição, garantiram a Chuteira de Ouro adidas de artilheiro da competição, ainda que esse tenha parecido apenas um prêmio de consolação diante da derrota francesa nos pênaltis.

Sua conquista mais recente veio com seu gol diante do Mallorca, no último dia 14 de maio. Ninguém havia marcado 28 gols em sua temporada de estreia por La Liga até então. Mbappé estendeu seu recorde a 31 com mais um gol contra o Sevilla, na semana seguinte e mais dois contra o Real Sociedad na última rodada. A marca anterior de 27 gols pertencia a Alfredo Di Stéfano, lenda do Real Madrid.



Uma das estrelas do Real Madrid, Mbappé é uma das atrações do Mundial de Clubes

Curiosidades

■ Durante um programa da TV francesa France 2, Mbappé revelou que havia passado um tempo em Madrid, durante a adolescência. "Fui convidado pelo Real Madrid. Passei quatro dias lá. Eu conheci as estrelas e a estrutura", ele lembrou, explicando que, quando voltou para a França, sua mãe o fez limpar as salas de aula dela por três dias. Ela viu isso como uma maneira de manter os pés do filho no chão depois que ele havia alcançado as estrelas.

■ Mbappé é um dos jogadores mais jovens da história a ter um clube de futebol. Ele entrou em um acordo para a compra do Caen, da Ligue 2, em 31 de julho de 2024, e agora é o maior acionista do clube ao lado de sua mãe, Fayza Lamari. Infelizmente, o investimento não começou tão bem, já que os Vikings foram recentemente rebaixados para a terceira divisão do futebol francês, para não iam desde 1984.

■ O atacante foi homenageado com uma estátua em tamanho real no Madame Tussauds de Berlim e no Museu Grvin, em Paris, ao lado de figuras como Albert Einstein, Joana d'Arc, Barack Obama, Mick Jagger e Brad Pitt. Até hoje, os únicos jogadores, do passado e do presente, a estarem no museu da capital francesa são Pelé, Zidane, Zlatan Ibrahimovic, Lionel Messi, Cristiano Ronaldo e Antoine Griezmann.

BRASILEIRÃO

Mais oito jogos, hoje, pela 11ª rodada

Destaques para confrontos que envolvem equipes na parte de cima da tabela, como Cruzeiro-MG x Palmeiras-SP

Foto: Gilvan de Souza/Flamengo-RJ

Da Redação

A 11ª rodada do Brasileirão, iniciada ontem, é a penúltima antes da parada para o Mundial de Clubes, marcado para começar dia 14 de junho. Hoje, acontecem oito jogos da principal competição de futebol do país. Por conta da Data Fifa, o torneio nacional tem uma breve pausa depois do fim de semana, retornando em 12 de junho, quando jogarão as equipes que não participaram do Mundial, nos Estados Unidos. Em seguida, a Série A para oficialmente, tendo data prevista para voltar apenas em 13 de julho.

Hoje, jogam Mirassol-SP e Sport-PE, no Maião, no interior de São Paulo, às 11h (Premiere); Santos-SP e Botafogo-RJ, na Vila Belmiro, às 16h (Globo e Premiere); Juventude-RS e Grêmio-RS, no Alfredo Jaconi, em Caxias (RS), às 16h (Premiere); Flamengo-RJ e Fortaleza-CE no Maracanã, às 18h30 (Premiere); Corinthians-SP e Vitória-BA, na Neo Química Arena, às 18h30 (Record, CazéTV e Premiere); Ceará-CE e Atlético-MG no Castelão, às 18h30 (Premiere); Cruzeiro-MG e Palmeiras-SP, no Mineirão, às 19h30 (Amazon Prime Video); e Internacional-RS e Fluminense-RJ no Beira-Rio, às 20h30 (Sportv e Premiere).

Santos x Botafogo

Paulistas e cariocas jogam na Vila Belmiro com focos distintos. Enquanto o Santos busca os três pontos para deixar o Z4, o Botafogo já pensa no Mundial de Clubes. Classificado para as oitavas de final da Libertadores, o time do Rio de Janeiro deve viajar para os Estados Unidos no começo da semana que vem. O duelo contra a equipe de Neymar será a última partida do Fogão, antes da competição organizada pela Fifa.

O triunfo diante do Vitória na última rodada (1 x 0) melhorou a situação do Santos na tabela de classificação da Série A. Mesmo na zona de rebaixamento, com oito pontos, outro resultado positivo, agora jogando em casa, pode tirar o time do Z4, dependendo de outros jogos.

Em meio a esse cenário de luta contra o rebaixamento, o time paulista negocia uma extensão contratual com Neymar. O atleta teria apenas mais duas partidas vestindo a camisa alvinegra.

“O projeto do Neymar era ficar cinco meses no Santos para se recuperar, esse era o projeto. Se o Neymar conseguisse jogar, amém. Como o Santos precisou que ele jogasse no Paulista, senão a gente teria dificuldades, tivemos que antecipar a entrada dele em campo. Isso também fez com que a gente atrasasse o processo de recuperação dele”, disse o pai de Neymar.

Em caso de um acordo entre clube e jogador, o vínculo seria prorrogado até a Copa do Mundo de 2026, que começa em 11 de junho do próximo ano, e seguiria um modelo semelhante ao atual, mas pode incluir cláusulas de metas relacionadas à assiduidade do jogador nos gra-



Depois de uma classificação dramática na Copa Libertadores, o Flamengo-RJ volta as suas atenções para o Brasileirão, no qual enfrenta, hoje, o Fortaleza-CE

matos. Ele voltou ao Santos em fevereiro, mas continuou sofrendo com problemas físicos.

Corinthians x Vitória

As equipes chegam para o jogo do Brasileirão tendo sido eliminadas precocemente da Copa Sul-Americana. A partir de agora, o Corinthians tem apenas a Série A e a Copa do Brasil em seu calendário, enquanto o Vitória terá foco total na competição de pontos corridos, em busca da permanência. A equipe baiana iniciou a rodada no Z4, tendo nove pontos.

Eliminado na fase preliminar da Copa Libertadores e na fase de grupos da Sul-Americana, o clube paulista vive uma temporada para ser esquecida com relação aos torneios continentais. Agora, o objetivo é jogar bem nos torneios nacionais. O técnico Dorival Júnior mostrou-se muito insatisfeito na última terça-feira (27), após mais uma eliminação. O treinador cobrou uma resposta da equipe nos dois campeonatos que ainda restam no ano.

“Temos dois campeonatos importantes [Brasileiro e Copa do Brasil] para apagar a impressão deixada na Libertadores e Sul-Americana. Nossa obrigação e compromisso agora é com o nosso torcedor. É um momento muito difícil para todo mundo”, disse Dorival Júnior, em entrevista coletiva.

O Corinthians buscará reerguer-se na temporada em meio a um caos político. Na última semana, o então presidente Augusto Melo e ex-diretores do clube foram indiciados por furto, lavagem de dinheiro e associação criminosa em investigação que apura irregularidades no

contrato com a casa de apostas VaideBet.

Na segunda-feira (26), em reunião do Conselho Deliberativo do clube, o processo de impeachment de Augusto Melo foi aprovado. Desse modo, o então mandatário acabou afastado do cargo. O Corinthians inicia a 11ª rodada do Brasileirão com 14 pontos.

Flamengo x Fortaleza

O confronto desta noite no Maracanã será o último jogo do time carioca antes da viagem para os Estados Unidos, onde disputa o Mundial de Clubes, a partir de 16 de junho. Brigando pela liderança do Brasileirão, o time de Felipe Luís precisa somar os três pontos para ultrapassar o Palmeiras, que joga contra o Cruzeiro, fora de casa.

Cariocas e paulistas protagonizam uma briga intensa na parte de cima da tabela. O Alverde tem 22 pontos, enquanto Rubro-Negro, 21. Ambos têm cenários parecidos para as próximas semanas, já que o Palmeiras também disputa o Mundial. Assim, os clubes dividem atenções entre o Brasileirão e o planejamento para o torneio da Fifa.

Rival do Flamengo hoje, o Fortaleza não vive bom momento, mesmo classificado para as oitavas de final da Libertadores, o time vem de maus resultados, tendo sido eliminado na Copa do Brasil pelo Retrô-PE. Em entrevista coletiva, Juan Pablo Vojvoda afirmou que este era seu pior momento no Tricolor do Pici. O desempenho ruim no Brasileirão, onde perdeu os dois últimos jogos, pode deixar a equipe no Z4 ao fim da 11ª rodada.

Lançamento do livro:

Milton Dornellas

MÚSICA ARTESANAL

04/06, às 19h
na Livraria A União

ESPAÇO CULTURAL JOSÉ LINS DO REGO
BOX 13 - JOÃO PESSOA - PB

TRADIÇÃO SECULAR

Subindo ao céu com todas as preces

Considerado Patrimônio Cultural da Paraíba desde 2019, ritual da queimação das flores preserva as identidades cultural e religiosa da população rural do estado

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Na tradição católica brasileira, o mês de maio é dedicado a Nossa Senhora. Famílias, comunidades e paróquias reúnem-se durante os 30 dias para fazer orações e súplicas à mãe de Jesus, especialmente com a recitação do terço, e, no último dia, celebrações especiais coroam as comemorações. Em várias regiões da Paraíba, uma tradição religiosa popular marca ainda mais esse momento: a queimação das flores que, ao longo do mês, são colocadas no altar da santa. Desde 2019, o ritual é considerado Patrimônio Cultural da Paraíba.

No Sítio Caiçara, município de Dona Inês, no Brejo paraibano, o líder comunitário e estudante de Letras, Robson da Silva, conta que o mês de maio é o que mais estimula a participação dos fiéis. Dedicada a São Luiz Gonzaga e Nossa Senhora das Dores, a pequena capela da comunidade recebe, a cada noite, famílias que são homenageadas, chamadas de noitários, quando se reza do terço e são ofertadas velas, fogos de artifícios e flores. “Essas flores são as mesmas que, no dia 31 de maio, serão queimadas”, relata o jovem, que faz questão de preservar a tradição que recebeu da avó.

A comunidade se prepara com antecedência para o momento celebrativo, enfeitando a capela com bandeirinhas, coroas e palmas

feitas de papel de seda. À noite, a celebração começa com a entrada de crianças vestidas de anjos que, ao fim da liturgia, coroam a imagem de Nossa Senhora. A seguir, saem em procissão até a frente da capela carregando as flores em um saco, no qual estão os ramalhetes que serão queimados na fogueira. “O pessoal espera ansioso por esse dia. Antes mesmo de começar o mês de maio, muitas crianças já perguntam se vão ser chamadas para ser anjinhos”, comenta Robson. Por questões de segurança, as crianças não jogam as flores na fogueira, mas as entregam aos adultos para completarem o ritual.

Cada momento é acompanhado por um bendito, puxado por um cantor e repetido por todos. Quando saem da capela os versos dizem: “Saímos nós todos do pé do altar / Com as belas flores que vão se queimar”. Ao chegar no pátio, todos se colocam em volta da fogueira e o trecho do canto ex-

plicita: “Essa fogueirinha será o lugar / Das belas flores que vão se queimar”. À medida que se jogam as flores, se canta: “Queimemos e cantemos com muita alegria / Queimemos as flores do mês de Maria”. E ao fim, a despedida: “Adeus, adeus ao nosso Senhor / Até para o ano, se nós vivos for”.

A l é m



Celebração tem crianças vestidas de anjos: queima vira fumaça e sobe ao céu com todos os pedidos e os agradecimentos feitos pelo povo



Nossa Senhora adornada de flores carrega um forte apelo à preservação da herança dos antepassados por meio de seus ritos, benditos e gestos

Ilustração: Tônio

das flores, também são queimadas as lanterninhas para as velas, coroas, palmas e bandeiras. Tudo se conclui com uma grande salva de palmas a Nossa Senhora, seguida de queima de fogos. “É um momento de fé e devoção que movimenta muito a comunidade. Se observar bem, tem algo misterioso por trás”, conclui o jovem católico, impressionado com a força da tradição popular, que se repete em outras comunidades e até em algumas casas, onde as famílias fazem questão de renovar a prática religiosa. Para facilitar a participação dos fiéis, a comunidade do Sítio Caiçara realiza a celebração na noite deste domingo, 1º de junho.

Identidade cultural

Há 20 km do Sítio Caiçara, outra comunidade católica do município de Dona Inês também mantém a tradição. No Sítio Oiticica, as novenas do mês de maio e a queima das flores acontecem nas residências dos moradores desde a década de 1970, quando a capela da comunidade ainda não tinha sido construída. Para o professor de História Janielson Tomaz, que abordou a tradição mariana em seu trabalho de conclusão de curso, o catolicismo popular se desenvolveu nessas regiões de Zona Rural em razão do distanciamento da igreja oficializada.

Além da dimensão religiosa, Janielson defende que os encontros de maio também favoreciam

a socialização dos moradores ao reunir amigos e vizinhos para celebrar em ambiente familiar, partilhar experiências, divertir-se e fugir da realidade de sofrimento. “Para os devotos que acompanham as novenas do mês de maio, na mente deles, não há uma divisão entre festa religiosa e profana, porque tudo está ligado como uma coisa única que proporciona alegria e diversão”, avalia.

Além de descrever o ritual da queimação das flores, o professor destaca a relação simbólica da fogueira com outras culturas que se utilizam do fogo para espantar maus espíritos. No catolicismo popular, no entanto, a fogueira pode remeter à passagem bíblica do nascimento de João Batista — Santa Isabel teria combinado esse sinal para avisar a Nossa Senhora, sua prima, que a criança teria nascido — ou ainda à elevação de pedidos a Deus, por intercessão da Virgem Maria. “O ato de queimar as flores funciona como que o ‘incenso dos simples’, pois tudo vira fumaça e, assim, sobe ao céu com todas as preces, os pedidos e os agradecimentos feitos pelo povo”, esclarece.

A tradição secular da queimação das flores mantém as identidades cultural e religiosa da população rural paraibana e carrega um forte apelo à preservação da herança dos antepassados por meio de seus ritos, benditos e gestos. Em razão disso, essa prática regional foi considerada como Patrimônio Cultural da Paraíba, por meio da Lei nº 11.532/2019.



Eita!!!!

TECNOLOGIA

Empresas usam os seus dados para treinar IA?

Veja como identificar e o que fazer sobre a coleta de informações sem anuência

Alice Labate
Agência Estado

Com o avanço acelerado da inteligência artificial (IA), cresce a preocupação sobre como empresas estão utilizando dados pessoais para treinar seus sistemas. Nos últimos anos, plataformas como LinkedIn, Meta e Google foram acusadas de coletar informações de usuários sem consentimento explícito, levantando questões sobre privacidade e transparência.

Muitas vezes, os usuários não estão cientes que seus dados estão sendo utilizados para alimentar algoritmos de IA. A falta de clareza nas políticas de privacidade e a ausência de notificações adequadas contribuem para essa desinformação.

Diante desse cenário, é fundamental que os usuários estejam atentos aos sinais de que seus dados podem estar sendo usados para treinar sistemas de inteligência artificial. A seguir, veja como identificar essa prática e o que fazer.

Políticas de privacidade

Um dos principais indícios de que seus dados podem estar sendo utilizados para treinar IA é a presença de políticas de privacidade genéricas ou mudanças nos termos de uso sem notificação prévia. Empresas que atualizam suas políticas discretamente, sem informar aos usuários, podem estar tentando ocultar práticas de coleta de dados.

Por exemplo, em 2024, o LinkedIn foi criticado por ativar por padrão a opção que permite o uso de dados dos usuários para treinar modelos de IA, sem notificação clara. Embora a plataforma tenha atualizado sua política de privacidade após repercussão negativa, a falta de transparência inicial gerou desconfiança.

Para se proteger, a recomendação é revisar periodicamente as políticas de privacidade das plataformas que utiliza e ficar atento a quaisquer mudanças, especialmente aquelas que envolvem o uso de seus dados para fins de treinamento de inteligência artificial.

Outro caso do ano passado, foi quando a Meta começou a usar postagens, comentários e outros conteúdos de usuários do Facebook e Instagram para treinar seus sistemas de IA, com a justificativa de "interesse legítimo". Os usuários só souberam que a empresa usaria seus dados após e-mails obrigatórios, enviados na Europa, serem revelados por veículos de imprensa.

Em 2023, o Google atualizou seus termos de uso para informar que pode utilizar dados publicamente disponíveis na internet para treinar suas IAs, incluindo o Bard (hoje chamado de Gemini) e o Google Tradutor. A mudança ampliava a permissão anterior, que se limitava a dados usados para tradução, e nem todos os usuários estavam

Sinais

Falta de clareza nas políticas de privacidade e a ausência de notificações adequadas contribuem para a desinformação

cientistas porque a alteração não foi notificada.

Verificar privacidade

Outro sinal de alerta é quando plataformas ativam por padrão configurações que permitem o uso de seus dados para treinar IA, exigindo que o usuário desative manualmente essa opção. Essa prática, conhecida como *opt-out*, coloca a responsabilidade sobre o usuário para proteger sua privacidade.

No caso do LinkedIn, a opção "Usar meus dados para treinar modelos de IA" para criar conteú-

dos foi ativada automaticamente para todos os usuários, sem aviso prévio. Para desativá-la, é necessário acessar as configurações de privacidade da conta e desmarcar a opção correspondente.

Uso indevido de dados

Existem ferramentas que permitem aos usuários verificar se suas informações foram utilizadas para treinar modelos de IA. Uma delas é o *site* Have I Been Trained, que permite descobrir se suas fotos ou artes foram usadas para treinar diferentes tipos de IA.

Além disso, pesquisadores desenvolveram métodos como o Membership Inference Test (Mint), que avalia se dados específicos foram utilizados no treinamento de modelos de IA, com foco em imagens faciais.

Utilizar essas ferramentas pode ajudar a identificar possíveis usos indevidos de suas informações e tomar medidas para proteger sua privacidade.

Charada

Resposta da semana anterior: Talco (1) = pó = saltar (2) = pular. **Solução:** simples (3) = popular.

Charada de hoje: Olhar (1) as coisas sempre de maneiras rígidas (2) me faz não consumir certas plantas comestíveis (3).

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi

Cinco erros científicos que levaram a grandes descobertas

Algumas das descobertas científicas mais importantes da história foram feitas totalmente por acidente. Ao longo da história da ciência, algumas das mais revolucionárias invenções aconteceram por mero acaso. Equívocos, distrações e simples curiosidades levaram cientistas a transformar erros em inovações que moldaram a vida moderna. A *National Geographic* chegou a elencar algumas delas, que veremos a seguir.

Penicilina

Um dos exemplos mais emblemáticos é a penicilina, descoberta por Alexander Fleming (foto acima), em 1928, quando deixou uma placa de bactérias destapada no laboratório por acidente. Quando voltou, viu que o fungo que ali cresceu, chamado *Penicillium notatum*, tinha matado as bactérias, originando o primeiro antibiótico da história e iniciando uma nova era na medicina.

Micro-ondas

Outra descoberta casual foi a do micro-ondas. Em 1945, o engenheiro norte-americano Percy Spencer notou que uma barra de chocolate no seu bolso derreteu enquanto trabalhava com radares. O cientista decidiu fazer experiências com outros alimentos e confirmou a sua teoria que as micro-ondas geradas pelos ímãs podiam aquecer comida. A observação levou à criação de um dos eletrodomésticos mais comuns atualmente.

Teflon

Enquanto trabalhava com gases refrigerantes, o químico Roy Plunkett, em 1938, encontrou, acidentalmente, um material com propriedades únicas que era muito escorregadio e com elevada resistência ao calor. Assim nasceu o *teflon*, o material antiaderente utilizado em utensílios de cozinha e até em missões espaciais.

Sacarina

A sacarina foi descoberta, em 1879, quando o químico Constantin Fahlberg esqueceu-se de lavar as mãos após sair do laboratório. Quando foi comer, mais tarde, reparou que o pão tinha um sabor estranhamente doce. Intrigado, Fahlberg descobriu que a substância responsável era a sacarina, um composto com o qual trabalhava e que se tornou o primeiro adoçante artificial do mundo.

Vidro de segurança

Já o vidro de segurança teve origem num acidente de laboratório, em 1903, quando Édouard Bénédictus deixou cair um frasco que, por estar revestido com nitrato de celulose, não se estilhaçou. Essa descoberta levou à criação do material que é agora utilizado nos para-brisas e janelas resistentes a impactos.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - roda; 2 - rolha; 3 - caminhar; 4 - bigode; 5 - cacão; 6 - barril; 7 - orelha do bode; 8 - grades; 9 - coifa.